

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CÂMPUS DE CAMPO MOURÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR  
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO – PPGSeD**

**LARA DE FÁTIMA GRIGOLETTO BONINI**

**“NÃO TENHO RELIGIÃO, APENAS A CRENÇA EM DEUS”:  
REPRESENTAÇÕES POLÍTICO-RELIGIOSAS DE JOVENS SEM  
RELIGIÃO DA UNESPAR**

**CAMPO MOURÃO – PR  
2016**

**LARA DE FÁTIMA GRIGOLETTO BONINI**

**“NÃO TENHO RELIGIÃO, APENAS A CRENÇA EM DEUS”:  
REPRESENTAÇÕES POLÍTICO-RELIGIOSAS DE JOVENS SEM  
RELIGIÃO DA UNESPAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Área de Concentração:** Sociedade e Desenvolvimento.

**Orientador:** Dr. Frank Antonio Mezzomo

**Co-orientadora:** Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

**CAMPO MOURÃO – PR  
2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca  
UNESPAR/Câmpus de Campo Mourão

B715n BONINI, Lara de Fátima Grigoletto  
“Não tenho religião, apenas a crença em Deus”: representações político-  
religiosas de jovens sem religião da UNESPAR. / Lara de Fátima Grigoletto  
Bonini; MEZZOMO, Frank A. (orient.); PÁTARO, Cristina S. de O. (Co-  
orient.). Campo Mourão, 2016.  
140f.

Tese (Dissertação Mestrado) – Universidade Estadual do Paraná. Programa  
de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento  
(PPGSeD). – Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.

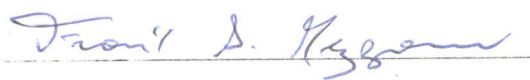
1. Jovens sem religião. 2. Religião. 3. Política. I. BONINI, Lara de Fátima  
Grigoletto. II. MEZZOMO, Frank Antonio (Orient.). III. PÁTARO, Cristina  
Satiê de Oliveira (Co-Orient.) IV. UNESPAR-Câmpus Campo Mourão. V.  
Título.

CDD 21.ed. 248.83  
210

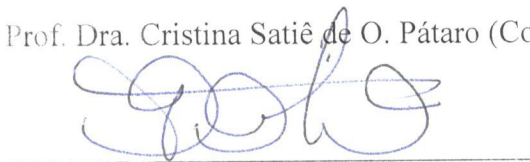
**LARA DE FÁTIMA GRIGOLETTO BONINI**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Frank Antonio Mezzomo (Orientador) – UNESPAR/ Campo Mourão



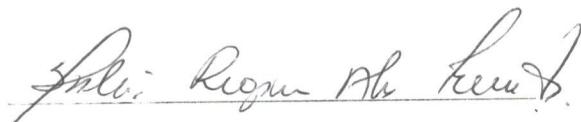
Prof. Dra. Cristina Satiê de O. Pátaro (Co-Orientadora) – UNESPAR/ Campo Mourão



Prof. Dra. Lúcia Rabello de Castro – UFRJ/ Rio de Janeiro



Prof. Dra. Silvia Regina Alves Fernandes – UFRJ/ Rio de Janeiro



Data de Aprovação

10/03/2016

Campo Mourão – PR

Para minha mãe e minha avó, mulheres valentes e amorosas, fortes e doces. São a minha inspiração e bases fundamentais de minha caminhada. A vocês todo o meu amor e admiração.

## AGRADECIMENTOS

O processo de pesquisa e a escrita de um trabalho são atividades desafiadoras, mas também instigantes e prazerosas. Perseguir as palavras e sentidos, tecer os fios interpretativos, ampliar o olhar e entregar-se ao texto. Aparece ser um trabalho individual, de isolamento no computador, entretanto se realiza no coletivo, nas trocas, influências e interações que realizamos cotidianamente. Tenho o privilégio de contar com admiráveis mestres e amigos nesta emocionante jornada. Registro meus sinceros agradecimentos.

Ao meu orientador Frank Mezzomo, essencial em minha trajetória, constantemente me desafiando a ir além. Obrigada pela confiança e pelos diálogos incentivadores durante todos esses anos.

À minha co-orientadora Cristina Pátaro, pela carinhosa dedicação a esta pesquisa. Seu olhar atento e sensível possibilitou nortear a construção deste trabalho.

À Silvia Fernandes, pelas imprescindíveis contribuições à investigação, e ao professor e amigo Fábio Hahn por todas as oportunidades e apoio ao longo desta caminhada.

Aos queridos professores, Armindo Longhi, Bruno Fagundes, Mônica Fernandes e Renan Araújo pelas reflexões enriquecedoras. E ao professor Fernando Codoceo, que nos demonstrou que a pesquisa também se faz com sensibilidade e criatividade, quebrando paradigmas e preconceitos.

À professora de estágio de docência Joana Medrado que tornou-se uma valiosa amiga. As conversas sinceras e energias trocadas iluminaram o caminho percorrido.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, pelas leituras e debates que se fizeram de grande valia neste estudo.

Aos amigos do PPGSeD, com os quais compartilhei dúvidas, alegrias e importantes experiências. Em especial às amigas, Ivania Skura, Bruna Kely de Jesus por dividir os anseios e conquistas deste percurso, e Thaís Serafim, parceira fundamental na pesquisa de campo, nas viagens e nos longos e necessários cafezinhos.

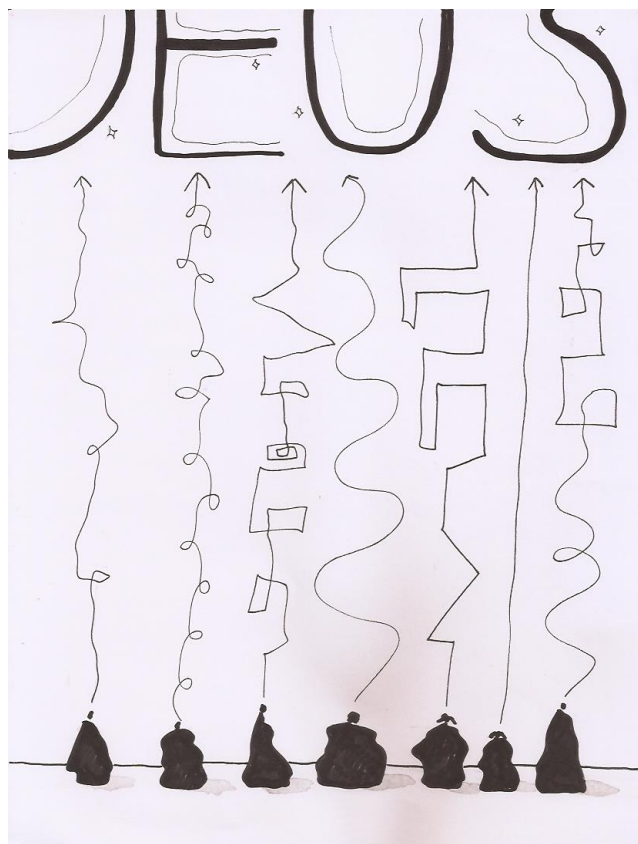
Ao corpo institucional dos câmpus da Unespar, diretores, professores, secretários, agentes e técnicos que apoiaram e auxiliaram na realização da

pesquisa. E aos acadêmicos participantes da investigação, sem os quais não seria possível construir essa dissertação.

A CAPES pelo apoio financeiro que possibilitou o desenvolvimento deste estudo.

Ao meu companheiro de vida Everton, alicerce e incentivador de todos os momentos. Gratidão pela paciência, amor e cumplicidade. Que nossas conquistas sejam degraus para alcançar nossos sonhos.

E aos inúmeros amigos que me apoiaram nesta trajetória, por todo carinho nas etapas mais tensas, compartilhando confissões, expectativas e vivências.



"Todos os caminhos levam ao mesmo lugar" (2005)  
Ilustração de Frederico Lunardelli Ponzio.



## RESUMO

BONINI, Lara de Fátima Grigoletto. **“Não tenho religião, apenas a crença em Deus”**: representações político-religiosas de jovens sem religião da Unespar. 140f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2016.

A pesquisa buscou refletir e problematizar as representações político-religiosas de jovens universitários que declaram acreditar em Deus, mas não participar de religião. O recorte empírico do estudo compreende os jovens ingressantes em 2014 da Unespar, instituição multicampi recém-constituída, que contempla alunos oriundos de distintos contextos socioculturais, educacionais e regionais. Para identificar o perfil dos estudantes sem religião, optamos pela aplicação de survey, por meio de plataforma on-line, aos acadêmicos dos sete câmpus da Universidade, o que possibilitou evidenciar particularidades significativas dos jovens sem religião. As bases teórico-metodológicas para o tratamento e interpretação das respostas obtidas contemplaram uma abordagem de interdisciplinaridade e complexidade, a fim de dar conta da multidimensionalidade de implicações que o objeto de estudo promove. Entendemos que os novos movimentos advindos da modernidade são caracterizados por múltiplos fenômenos, como as ressignificações dos campos religioso e político, tendo em seu bojo a perspectiva da secularização, a configuração de distintos modos de ser jovem na atualidade, e a liberdade de construção de sistemas de crenças e valores próprios, sem necessariamente a mediação de autoridades e instituições religiosas. Os resultados obtidos sugerem que os jovens sem religião ingressantes da Unespar vivenciam as dinâmicas modernas de acordo com sua autonomia reflexiva, liberdade pessoal e seu desenvolvimento histórico. Identificamos que os universitários sem religião são compostos por sujeitos que passaram por experiências religiosas, desligados ou desconvertidos das instituições de origem, ou ainda, por indivíduos que nunca se identificaram com as religiões. Possuem crenças e práticas simbólico-religiosas e valorizam a dimensão subjetiva da fé, a partir de bricolagens particulares, ainda que com suspeita, crítica e discordâncias sobre a regulação dos sistemas religiosos instituídos. Os posicionamentos de participação político-social dos universitários sem religião são percebidos como atuações distantes das formas tradicionais de política, sendo ainda possível identificar interpretações críticas no que trata da aproximação entre as instituições religiosa e política. A pesquisa desenvolvida possibilitou compreender os aspectos subjetivos da religião e da política que atuam na identidade e vivência dos jovens sem religião da Unespar, tendo em vista as dinâmicas relativas ao flexível cenário contemporâneo de construção de religiosidades difusas e participações políticas menos institucionalizadas.

**Palavras-chave:** Jovens sem religião, Religião, Política, Unespar.

## ABSTRACT

The research sought to reflect and problematize the political-religion representations of university youths that declare to believe in God, but not to take part of religion. The empirical cut of the study covers the entrant youths in 2014, from Unespar, multi campus institution newly formed, that contemplates students from different sociocultural, educational and regional contexts. To identify the profiles of the no religion students, we choose for survey application by means of online platform, to academics from the seven University Campus that allowed to show significant particularities of the no religion youths. The theoretical-methodological basis for the treatment and interpretation of the obtained answers contemplated an interdisciplinary and complexity approach, in order to be able of the multidimensionality of implications that the object of study promotes. We understand that the new movements originating from the modernity are characterized by phenomena multiples such as resignification of the religion and politic fields having in their scope the perspective of secularization , the configuration of different way of being young on nowadays and the liberty of system construction of beliefs and own values, without the mediation of authorities and religious institutions necessarily. The obtained results suggested that the no religion entrant youths from Unespar to experience the modern dynamics according to their reflexive autonomy, personal liberty and their historic development. We identify that the no religion university youths are composed of subjects which have lived religious experiences, disconnected or *dis-converted* from origin institutions, or even, of individuals that never identified with the religions. their selves They have symbolic religions beliefs and practices and they value the subjective dimension of faith, from particular bricolage, even though suspect, criticism and disagreement about the regulation of instituted religion systems. The placements of politic-social participation of the no religion university students are perceived as distant performances of the traditional forms of politics being still possible to identify critical interpretations concerning of the approximation between the religion and politics institutions. The developed research allowed to understand the subjective aspects of the religion and politics that act in identify and experiencing of the no religion youths, from Unespar, bearing in mind the relative dynamics to contemporaneous flexible scenario of construction of diffuse religiosities and politics participations less institutionalized.

**Keywords:** No religion Youths, Religion, Politics, Unespar.

## LISTA DE FIGURA E QUADROS

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1: Localização dos câmpus da Unespar nas mesorregiões do Paraná.....  | 55  |
| Quadro 1: Distribuição da população brasileira declarada sem religião, 1980 – 2010 .....                                       | 35  |
| Quadro 2: Distribuição dos jovens ingressantes da Unespar por religião/crença.....   | 58  |
| Quadro 3: Distribuição dos jovens ingressantes e dos jovens ingressantes sem religião em cada câmpus da Unespar .....          | 60  |
| Quadro 4: Trabalho e participação na vida econômica da família dos jovens sem religião ingressantes da Unespar .....           | 65  |
| Quadro 5: Compreensões dos jovens sem religião acerca do campo religioso, considerando escala de avaliação de 1 a 6 .....      | 81  |
| Quadro 6: Premissas dos jovens sem religião ingressantes da Unespar, considerando escala de avaliação de 1 a 6 .....           | 94  |
| Quadro 7: Compreensões dos jovens sem religião acerca de valores identitários, considerando escala de avaliação de 1 a 4 ..... | 94  |
| Quadro 8: Participação política dos jovens sem religião ingressantes da Unespar.....   | 100 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |     |
|---|-----|
| Gráfico 1: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto à distribuição por grupos etários .....   | 61  |
| Gráfico 2: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto à distribuição por sexo.....  | 61  |
| Gráfico 3: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto à distribuição por cor/etnia. ....  | 62  |
| Gráfico 4: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto à distribuição de renda por domicílio .....   | 63  |
| Gráfico 5: Situação laboral dos jovens sem religião ingressantes da Unespar (resposta múltipla).....  | 65  |
| Gráfico 6: Formação dos jovens sem religião ingressantes da Unespar em escola pública ou particular (Ensino Fundamental e Médio) .....  | 67  |
| Gráfico 7: Tempo da opção religiosa dos jovens sem religião ingressantes da Unespar.....  | 77  |
| Gráfico 8: Frequência dos jovens sem religião ingressantes da Unespar em outra crença/religião .....  | 78  |
| Gráfico 9: Elementos da religião/crença que os jovens sem religião ingressantes da Unespar mais gostam (até três respostas) .....   | 83  |
| Gráfico 10: Visão de Deus dos jovens sem religião ingressantes da Unespar (resposta múltipla).....  | 84  |
| Gráfico 11: Quantitativo dos jovens sem religião ingressantes da Unespar que acreditam em figura/objeto religioso.....  | 86  |
| Gráfico 12: Quantitativo dos jovens sem religião ingressantes da Unespar que realizam atividades ligadas à política .....   | 105 |
| Gráfico 13: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto às compreensões político-religiosas, considerando escala de avaliação de 1 a 6 ..... | 109 |

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 14  |
| <b>CAPÍTULO 1: AS JUVENTUDES E OS CAMPOS DA RELIGIÃO E DA<br/>POLÍTICA</b> .....   | 17  |
| 1.1 Os campos religioso e político na atualidade.....  | 17  |
| 1.2 Identidades juvenis na interface com a religião e a política.....  | 26  |
| 1.3 Jovens sem religião .....  | 35  |
| <b>CAPÍTULO 2: OS CAMINHOS PERCORRIDOS: ASPECTOS<br/>METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....   | 42  |
| 2.1 Perspectivas teóricas de uma pesquisa interdisciplinar .....   | 42  |
| 2.2 As dinâmicas metodológicas: o instrumento e a pesquisa de campo .....  | 46  |
| 2.3 Apontamentos sobre a constituição da Unespar: o contexto<br>educacional dos jovens sem religião .....                                  | 51  |
| 2.4 Perfil dos jovens sem religião ingressantes em 2014 na Unespar .....   | 58  |
| <b>CAPÍTULO 3: JOVENS SEM RELIGIÃO: O QUE ELES TÊM PARA NOS<br/>DIZER?</b> .....   | 69  |
| 3.1 “A religião a qual pertencia não fazia sentido para mim”: a trajetória<br>experiencial e aproximações do campo religioso.....          | 70  |
| 3.2 “Minha fé basta”: as crenças e concepções religiosas dos<br>universitários sem religião .....  | 81  |
| 3.3 “Posso optar pelo que defendo ou não, e lutar por isso”: concepções<br>e participações políticas dos universitários sem religião ..... | 96  |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 113 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 116 |
| <b>APÊNDICE 1</b> .....  | 127 |
| <b>APÊNDICE 2</b> .....  | 138 |

## INTRODUÇÃO

A pesquisa discute fundamentalmente a temática da juventude e suas inter-relações com os campos da religião e da política. Entre os atuais fenômenos que permeiam a relação da juventude com a religião, podemos abalzar sobre o aumento do número dos sujeitos jovens que se declaram sem religião, que se afastam do pertencimento institucional religioso, não obstante sem deixar de ressignificar crenças e religiosidades imbricadas em sua identidade. No que tange a política é possível considerar as participações juvenis no processo público-social por meio de manifestações e intervenções diferenciadas.

As construções apontam para os cenários contemporâneos contextualizados neste estudo. Desse modo, a pesquisa problematiza as diversas compreensões do multifacetado grupo dos sem religião que, embora se explicita distanciamento de uma determinada religião, não se configura como ausência de crenças e religiosidades na identidade dos sujeitos. Entendemos que a categoria sem religião é ampla e permite diversificadas abordagens, sendo neste trabalho considerado como premissa a não participação de religião, ainda que esse afastamento seja temporário e não definitivo.

Destacamos ao jovem sem religião a centralidade e protagonismo no presente debate, que busca refletir sobre as representações político-religiosas de jovens universitários que declaram acreditar em Deus, mas não participar de religião. Para tanto, e a partir de tal recorte, conjecturamos a compreensão dos distintos modos de ser jovem na atualidade, permitindo o entendimento sobre as modalidades de crença sem o pertencimento religioso institucional e as diversas maneiras de manifestação e atuação política.

Tendo em vista as distintas abordagens relacionadas aos processos culturais na contemporaneidade, somos interpelados a refletir e discutir sobre as variadas questões, problemas e demandas presentes nas dinâmicas sociais. Os estudos que adentram no labiríntico terreno epistemológico da religião e da política devem empenhar-se em interpretar as narrativas a partir de posturas múltiplas, que se distanciam das definições extremamente rígidas, pois se constituem como campos sociais complexos, difusos e repletos de ambiguidades. A partir de perspectivas de diferentes áreas do conhecimento, o trabalho questiona, investiga e analisa os

movimentos subjetivos que se constituem nas relações dos sujeitos com as esferas institucionais tais como a religião e a política. Compreendemos que a ideia da interdisciplinaridade permite abarcar um conhecimento integrante, objetivando contemplar as especificidades e dinamismo da juventude e as ações e representações político-religiosas.

O recorte empírico da pesquisa refere-se aos jovens ingressantes em 2014 na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), instituição pública composta por sete câmpus distribuídos nas cidades de Apucarana, Campo Mourão, Curitiba, Paranaguá, Paranavaí e União da Vitória. Desse modo, o trabalho de campo buscou identificar o perfil dos estudantes que ingressam na instituição recém-constituída, tendo em vista sua realidade multicampi e os aspectos do contexto regional. O caminho metodológico trilhado possibilitou observar particularidades significativas dos jovens universitários sem religião.

Estruturamos o trabalho em três capítulos que, embora categorizados, possuem análises interpretativas e características teóricas que se complementam e entrecruzam-se ao longo do processo investigativo realizado. O primeiro capítulo do estudo apresenta as atuais configurações do cenário religioso e problematiza as fronteiras entre as esferas da religião e política na modernidade tendo em seu bojo a perspectiva da secularização. Encontram-se, ainda, na esteira das discussões, a diversidade abarcada pela categoria juventude, a influência dos campos político-religiosos na composição das identidades juvenis e a discussão sobre os jovens sem religião, possuidores de crenças e práticas simbólico-religiosas fluidas e não vinculadas às instituições.

Em um segundo momento, privilegiamos os aspectos metodológicos elegidos e elaborados para o desenvolvimento da pesquisa. A fim de identificar o perfil dos jovens ingressantes sem religião de todos os câmpus da Unespar, optamos pela utilização do survey, por meio de plataforma on-line. Descrevemos o processo em campo, as abordagens da complexidade e da interdisciplinaridade, que auxiliam na reflexão e análise das compreensões dos universitários sem religião, e apresentamos o contexto socioeconômico, familiar e educacional dos jovens.

No terceiro capítulo, buscamos interpretar os dados empíricos produzidos pelo estudo à luz das discussões teóricas abarcadas para investigação. Refletimos sobre as trajetórias religiosas dos jovens e, bem como, a composição de crenças e identidades ancoradas na racionalidade moderna e no exercício reflexivo da

autonomia. Visualizamos, ainda, as compreensões e engajamentos dos universitários relacionadas à dimensão política, e os posicionamentos no que diz respeito à permeabilização do campo religioso e político. A partir das afirmações declaradas pelos jovens ingressantes, destacamos o processo de análise a partir da religião como eixo investigativo, e também problematizamos os modos de participação político-social dos acadêmicos sem religião.

Por fim, ressaltamos que as reflexões desenvolvidas e apresentadas no trabalho possuem representatividade no estudo das atuais mudanças do campo religioso brasileiro, bem como contribuem para a discussão que trata da diversidade juvenil, a partir da amostra de pesquisa de universitários paranaenses. A composição identitária dos jovens sem religião é esmiuçada no intuito de compreender os sentidos religiosos e políticos dos jovens ingressantes da Unespar, que explicitam a ausência de pertencimento religioso, porém não de religiosidades e crenças.



## **CAPÍTULO 1**

### **AS JUVENTUDES E OS CAMPOS DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA**

O presente capítulo tem como objetivo discutir as dinâmicas sociais contemporâneas que permeiam a juventude e as dimensões da religião e da política. O caminho percorrido para a reflexão destes elementos simbólico-sociais está desenvolvido em três partes. Na primeira, refletimos sobre as atuais configurações dos campos religioso e político, evidenciando sua permeabilização e diálogo com a sociedade. Buscamos demonstrar as alternadas perspectivas da secularização, reconfigurando a religião por meio de novos fenômenos e representações com o público-social como a laicidade e o pluralismo religioso.

As discussões teóricas que tratam da religião e política na modernidade tornam-se relevantes para a compreensão do papel de tais dinâmicas na composição da identidade juvenil. Assim, a discussão da segunda parte incide sobre o conceito de juventude e a compreensão dos diversificados modos de ser jovem no contexto contemporâneo, levando-se em consideração a temporalidade, a dinâmica social e os aspectos culturais e subjetivos dos jovens. A partir de tais reflexões, indagamos sobre o papel da crença religiosa e da atividade política na identidade juvenil e nas formas de participação social permeadas por simbologias religiosas e engajamentos políticos diferenciados.

Feitas as discussões que tratam dos aspectos culturais e sociais da juventude, trazemos à tona os movimentos articulados no posicionamento do jovem sem religião. Assim, a terceira parte deste capítulo problematiza a categoria jovem sem religião, ampliado, sobretudo, no contexto das configurações religiosas na modernidade, como a perda de regulamentação institucional e a liberdade para a construção de um sistema de crença próprio. Destaca-se o aumento crescente da categoria sem religião, a qual propicia novas formas de religiosidade sem a mediação institucional.

#### **1.1 Os campos religioso e político na atualidade**

O lugar da religião e da política nas dinâmicas sociais constitui um dos motes de discussão, já que são flagrantes as mudanças ocorridas no período contemporâneo. Ainda que seja possível compreender que as religiões sempre

estiveram presentes nos diversos contextos da sociedade, percebemos que há indícios de novas configurações e ressignificações no cenário político-religioso. Ao tratarmos da conjuntura atual, utilizamo-nos da noção de modernidade, que auxilia na compreensão das especificidades presentes na organização social, com características que engendram novos estilos de vida, construções de identidades sociais modernas e transformações institucionais que se diferenciam das ordens sociais tradicionais (GIDDENS, 1991)<sup>1</sup>.

Ao referir-se à modernidade, entendemos tratar-se de um fenômeno ancorado em uma compreensão ampla, de diversas significações e sentidos variados. Para Denise Najmanovich, a mentalidade moderna não é um sistema hegemônico e pode ser entendida como:

o nome genérico de uma rede complexa de ideias, conceitos, modos de abordagem, perspectivas intelectuais, estilos cognitivos, modalidades de intelecto-ação e atitudes valorativas, sensíveis e perceptivas que caracterizam uma época ampla. Portanto, deve ser incluída em uma categoria facetada, multidimensional, com limites difusos, com infiltrações de outros modos de pensar e de ser no mundo (NAJMANOVICH, 2001, p. 11).

A ordem social moderna é atrelada ao contínuo processo histórico-social, com a transformação de valores dos sujeitos, de estilos cognitivos, de perspectivas teóricas e estéticas, além das profundas modificações nas instituições religiosas, jurídicas, políticas e sociais (NAJMANOVICH, 2001).

Giddens (1991) ressalta que os fenômenos modernos promovem dinâmicos contextos culturais, políticos e econômicos, pois os modos de vida produzidos pela modernidade desvencilham-se de todos os tipos tradicionais de ordem social de uma maneira sem precedentes. O pesquisador assinala ainda sobre as descontinuidades constitutivas da sociedade moderna, como o ritmo de mudança que permeia todas as esferas sociais, o alcance da mudança em âmbito global, e a natureza das instituições que difere de outros períodos.

---

<sup>1</sup> Utilizamos o termo modernidade no intuito de demonstrar as atuais significações e recomposições das dimensões política e religiosa na sociedade contemporânea. Para além da concepção cartesiana e positivista dos séculos XV a XVIII – que privilegia a padronização, a impessoalidade, o conhecimento definitivo, a quantificação e dominação da natureza –, e sem assumir plenamente a perspectiva da chamada pós-modernidade, ou mesmo da modernidade líquida – caracterizada pela constante fluidez, instabilidade e relativismo –, interessa-nos compreender como o atual panorama social encontra-se interligado ao contexto histórico. As reflexões de Giddens podem ser úteis para nossa abordagem quando, na alta modernidade ou modernidade tardia, transforma-se a vida social cotidiana com profundas implicações para as atividades pessoais. (Cf. GIDDENS, 1991, 2002).

A ideia de modernidades múltiplas, desenvolvida por Eisenstadt (2001), pressupõe a constante mutação das formas da modernidade, e a necessidade de compreender a sociedade como uma história contínua de constituição e reconstituição de uma multiplicidade de programas culturais com diversas especificidades históricas. Eisenstadt adverte ainda que o movimento da modernidade e ocidentalização não são idênticos nos países, produzindo visões diferentes acerca do que torna uma sociedade moderna.

Há, com isso, o desafio em refletir quanto aos fenômenos históricos e sociais, que provocam mudanças e ressignificações nas mais diversas práticas e instituições. As relações contemporâneas permeiam os processos socioculturais e os campos significativos das estruturas cotidianas. A modernidade como organização social, à qual corresponde uma gama de estilos de vida e modos de ser, promove interações de informação e o intercâmbio de signos, códigos e campos simbólicos de forma crescente (ORTIZ, 2007).

A perspectiva da mentalidade contemporânea – aqui tratada como análoga à noção de modernidade – bem como as atuais configurações sociais, suscitam a compreensão das esferas pública e privada enquanto domínios complementares da vida social moderna (MANCEBO, 2002). Nesse sentido, não é possível considerar que questões públicas podem ser abstraídas das questões privadas ou vice-versa. Por vezes, de maneira implícita, perpetua-se a ideia de que o público e o privado são suficientemente separados, e suficientemente diferentes, a ponto de o público ou o político poderem ser discutidos de maneira isolada em relação ao privado ou pessoal (OKIN, 2008). No entanto, é possível visualizar constantes ocorrências da permeabilização entre os campos público e privado nos ambientes sociais, sendo um exemplo, as relações entre a religião e a política.

Joanildo Burity (2007) destaca a percepção de novos contornos entre religião, sociedade e política, que redesenham a fronteira entre o público e o privado, o governamental e o não-governamental, o estatal e o domínio da sociedade civil. Entendemos que a religião, dotada de coletividade, imbrica-se nos diversos contextos sociais, o que evidencia que seu papel não está restrito apenas à esfera privada. Como problematiza Danièle Hervieu-Léger é possível encontrar a religião presente “de maneira difusa, implícita ou invisível, no econômico, no político, no estético e no científico, na ética e no simbólico” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 54). De forma análoga, Regina Novaes esclarece que:

a dimensão religiosa tem resistido a se circunscrever à vida privada, ao foro íntimo e hoje ganha outros fôlegos não previstos na grande narrativa que separou religião e política, o público e o privado, magia e religião. [...] Assim sendo, valores e símbolos religiosos têm frequentado o espaço público (NOVAES, 2012, p. 184).

Desse modo, a presença do fenômeno religioso na esfera pública contemporânea vem sendo discutida nas diversas áreas do conhecimento, sendo possível corroborar a proposição de que as religiões não estão circunscritas exclusivamente ao domínio particular e privado. As manifestações religiosas não se encontram limitadas a espaços determinados, mas tornam-se aspectos influentes nos agentes sociais, pois as organizações religiosas se veem e são vistas como parte da sociedade civil, de modo que as múltiplas expressões religiosas adentram a política, as culturas, os hábitos, as sociabilidades.

As recomposições entre as fronteiras dos campos sociais promovem distintos cenários como os espaços de política articulados aos espaços do sagrado. Burity compreende que a contemporaneidade dos fenômenos religiosos articula-se ou deixa-se cruzar por questões de etnicidade, identidade nacional/racial, de gênero, etária, classe social e reivindicações políticas, e encontra numerosas formas de expressão pela via do envolvimento nas instituições representativas, nos formatos institucionalizados de participação popular (conselhos, câmaras, conferências, fóruns) e em distintas redes da sociedade civil. Neste processo, vão surgindo “reconhecimentos”, “valorizações” e “diálogos” entre atores religiosos e não religiosos (BURITY, 2008, p. 85-86).

Há ainda outros modos de articulação entre as instituições religiosas e as políticas públicas, como o ativismo social religioso. Tal ativismo pode se configurar dentro do perfil caritativo tradicional, em iniciativas originadas em congregações, e também na viabilização de projetos sociais mantidos por organizações autônomas aos locais de oração, como ONGs e associações civis de diversas naturezas, nos quais há uma inserção nas redes de ação social ligadas a discursos participativos e de promoção da cidadania e da inclusão social (BURITY, 2007; LAVALLE; CASTELLO, 2004).

Podemos entender que as religiões participam dos modos de vida público, por meio de inserções em espaços políticos antes considerados ambientes exclusivos de atores governamentais, sendo possível constatar no Brasil a presença cada vez mais constante de agentes religiosos em pleitos eleitorais majoritários e

proporcionais (ORO; CARVALHO JUNIOR, 2015; MEZZOMO et al., 2014; BURITY; MACHADO, 2006; MIRANDA, 2006), além de temáticas discutidas por parlamentares religiosos que adotam posturas políticas tidas como conservadoras, sobretudo aquelas relacionadas à esfera dos costumes e da moralidade<sup>2</sup>. Deste contexto, torna-se fundamental não mais interrogar se a religião deve estar presente no âmbito coletivo e nas instituições, mas compreender e significar a atuação religiosa, dar sentido a esta presença nas suas diferentes modalidades, impactos e disputas entre os atores (BURITY, 2008).

Compreendemos, portanto, que há na sociedade contemporânea a permeabilização das esferas sociais, tendo em vista que a presença do fenômeno religioso no campo público continua a ser historicamente construída. Algumas compreensões teóricas apontam para uma fase de retorno da religião à política, enquanto outras vertentes acenam que não há retorno, porque a religião jamais esteve afastada do cenário político. Carlos Steil (2001) rebate aos que afirmam haver uma divisão contrastante entre religião e política, considerando que:

Entre a adesão religiosa e a ação política se estabelece uma série de mediações de ordem racional e ética que acaba destituindo o religioso de um sentido prático no campo da política. Rituais políticos devem ser executados e vividos como atos de cidadania e rituais religiosos como atos de fé e de culto. Essa divisão, no entanto, tem se apresentado empiricamente muito mais como uma ideologia, do que como uma prática efetiva. (STEIL, 2001, p. 80).

A despeito das especificidades destes campos, político e religioso, há uma via de imbricação mútua, em que ambos mantêm-se em constante aproximação, ativando sistemas de crenças e de valores políticos. Tais discussões levam-nos a refletir sobre as interpretações teóricas que tratam da religião na modernidade a partir da perspectiva da secularização.

Flávio Sofiati (2015), ao interpretar a tese weberiana da secularização, elucida que o processo de racionalização torna-se um elemento constituinte na sociedade moderna, que resulta no desencantamento do mundo ou na “desmagificação”, ou

---

<sup>2</sup> Marcelo Tadvald analisa a atuação da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional, conhecida como “bancada evangélica”, que protagoniza a defesa de temas políticos relacionados ao campo da moral a partir de um perfil conservador. Entre as discussões estão a “legalização do aborto, descriminalização do uso de algumas substâncias psicoativas, os direitos sexuais e civis, a criminalização da homofobia, diminuição da maioria penal, aplicação da Lei da Anistia, entre outros, e que revelam que a Frente Parlamentar Evangélica advoga se constituir numa espécie de ‘primado moral’ da nação” (TADVALD, 2015, p. 260).

seja, a remoção da magia considerada como obstáculo ao desenvolvimento da sociedade, e a sobreposição da ciência e do capitalismo moderno.

Desse modo, a religião deixa de ser uma filosofia hegemônica de única compreensão e entendimento a partir do movimento de secularização. No mundo contemporâneo, pode-se apreender que os cultos, as seitas, as crenças se preservam, mas sem a capacidade de articular organicamente o todo das relações sociais, assim as explicações religiosas perdem a sua validade universal e definitiva (ORTIZ, 2007). Em aspectos gerais é possível apontar que o “termo secularização é pensado na perspectiva da redução da presença e influência religiosa na sociedade em geral” (SOFIATI, 2015, p. 328).

José Casanova (2008) distingue três significados e conotações da expressão secularização, sendo: a) a secularização como declínio das crenças e práticas religiosas nas sociedades modernas; b) construção de formas particulares religiosas, como a “privatização da religião”, geralmente entendida como uma tendência histórica moderna generalizada; e por fim, c) a secularização como a distinção das esferas seculares (Estado, economia, ciência), entendida como a emancipação das normas e instituições religiosas. De modo distinto, Pierucci (2008) afirma que dos elementos secularizantes da compreensão de Casanova, apenas o entendimento da separação entre Igreja e Estado deve ser considerado objetivamente viável. Destarte, o pesquisador afirma que a secularização que importa é a do “Estado com seu ordenamento jurídico, e menos à secularização da vida, que essa pode mesmo refluir, mas a do Estado, não” (PIERUCCI, 2008, p. 12).

Ainda na concepção de Pierucci (1997), trata-se, sobretudo, do declínio da religião a partir da perda da influência religiosa no espaço público e do controle sobre a vida cotidiana. Argumenta que, por mais que surjam novos grupos religiosos e que se intensifiquem a adesão e a prática religiosa das pessoas, isto não significa o fim do processo de secularização. Já na percepção do pesquisador Lísias Negrão (2005), ainda que o Brasil seja considerado de fato secularizado com a separação entre Igreja e Estado, há a persistência do sagrado e, portanto, a permanência do encantamento do mundo e da religiosidade no plano das mentalidades.

Nesse sentido, Peter Berger considera que as decorrências secularizantes modernas não conduzem necessariamente a um declínio da religião na sociedade ou na mentalidade das pessoas. Esclarece que o mundo hoje é massivamente religioso, ainda que as “instituições religiosas perderam poder e influência em muitas

sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas” (BERGER, 2000, p. 10).

Dada sua complexidade e polissemia, podemos conjecturar que a compreensão de secularização está em constante transformação, sendo uma noção revisada e discutida por diversos pesquisadores. Interpretações diferenciadas e especulações acerca do movimento divergem entre si, sendo que para uma das posições antagônicas, “a secularização significaria o recuo e o definhamento até ao extremo do fenômeno religioso enquanto tal: o fim da religião. Para outra significaria o deslocamento e a transformação da religião, doravante composição nova de energias sociais” (SANCHIS, 2001a, p. 29).

As distintas perspectivas revelam que os sentidos para os efeitos secularizantes não são uniformes e podem variar de acordo com o contexto histórico e geográfico onde incidem, afinal, “hay secularizaciones múltiples y variadas en Occidente, así como modernidades occidentales múltiples y variadas” (CASANOVA, 2008, p. 5). É possível compreender, portanto, que a dinâmica da secularização refere-se a múltiplos processos entre fenômenos sociais, culturais e institucionais jurídico-políticos, em que se evidencia a redução da presença e influência das organizações e práticas religiosas (MARIANO, 2011). Destacamos, ainda, que o movimento secularizador pode ser compreendido como multifacetado e não definitivo, pois o “processo não é linear, progressivo e em direção ao fim inevitável da religião na modernidade. Trata-se de um processo cíclico, complexo e com fases nas quais a presença religiosa nas esferas sociais é mais ou menos intensa” (SOFIATI, 2015, p. 331).

Concordamos com a compreensão de que a secularização decorre do declínio da centralidade da religião enquanto instrumento hegemônico de organização social. Esse processo confina a esfera da atuação religiosa a limites mais restritos, mas não a apaga enquanto fenômeno social (ORTIZ, 2001, 2007). Consideramos, assim como Burity (2008), que os progressos da secularização na modernidade, claramente em curso em várias esferas, coexistem com os avanços na adesão ou prática religiosa, como também rivalizam e reforçam-se mutuamente. Ou seja, há uma interação pluralista e dialógica entre a secularidade, por um lado, e a identificação e busca da religião, por outro. Parece plausível afirmar, na esteira de tais discussões teóricas, que a religião não desaparece, mas, ao contrário, recompõe-se com novos fenômenos e representações.

No caso brasileiro, nas reflexões de Burity (2015), a secularidade do Estado é uma secularidade contemporânea, pois nosso modelo de separação entre Igreja e Estado possui oscilações e contradições, com porosidades que possibilitam certas formas de articulação, influência ou parceria em relação às religiões, implementado na forma de uma armação pública que não é antirreligiosa. Tratando-se sobre as relações entre religião e Estado, cabe esclarecer que, ainda que a armação jurídico-política brasileira seja considerada laica, ou seja, em que o Estado não tenha que submeter a sua normatividade e autonomia à chancela da organização e autoridade religiosa, ainda assim, a conotação religiosa é ratificada, fazendo-se presente no conjunto público-social<sup>3</sup>.

Deste contexto, Ari Pedro Oro assevera que a laicidade brasileira não se constitui como um valor central da República e, portanto, a “pretensa neutralidade do Estado em relação à religião, subentendida na noção de separação entre o poder temporal e o espiritual, constitui mais um ideal do que uma realidade” (ORO, 2011, p. 229). Ainda que a ideia de laicidade no Brasil seja um processo em construção, é possível apontar que a constitucionalidade jurídica da república, que implica na imparcialidade do poder do Estado no campo ético e jurídico, e a definição dos direitos civis e de liberdade religiosa (liberdade de pensamento, associação e de reunião dos diferentes credos), compõem um valor e uma referência significativa aos poderes públicos (CIPRIANI, 2012; GIUMBELLI, 2014).

A laicização do Estado moderno e a condição de liberdade individual para a seleção e escolha entre as opções religiosas possuem intensa relação com o movimento de desmonopolização, entendido como a dissolução do monopólio católico brasileiro, que impulsionou a formação e expansão do pluralismo religioso em que outros grupos e instituições ingressam e disputam novos espaços na esfera social, adquirindo legitimidade institucional, “fenômeno que não ocorreu do dia para a noite, mas paulatinamente e aos tropeços” (MARIANO, 2003, p. 112).

---

<sup>3</sup> No que tange ao princípio da laicidade, compete esclarecer que trata-se, sobretudo, de um fenômeno político, ou seja, a laicidade deriva do Estado e não da religião, e refere-se à afirmação da neutralidade do Estado frente aos grupos religiosos (RANQUETAT JUNIOR, 2008). Ricardo Mariano especifica que a noção de laicidade refere-se “histórica e normativamente, à emancipação do Estado e do ensino público dos poderes eclesiásticos e de toda referência e legitimação religiosa, à neutralidade confessional das instituições políticas e estatais, à autonomia dos poderes político e religioso, à neutralidade do Estado em matéria religiosa (ou a concessão de tratamento estatal isonômico às diferentes agremiações religiosas), à tolerância religiosa e às liberdades de consciência, de religião (incluindo a de escolher não ter religião) e de culto” (MARIANO, 2011, p. 244). Portanto, a religião ou os grupos religiosos não devem impor leis e normas ao Estado e à sociedade, o Estado torna-se autônomo e não deve privilegiar determinadas crenças ou instituições religiosas.



De acordo com Pierucci (1997), quanto maior o fortalecimento da religião em nossa sociedade – com o aumento da oferta de religiões e opções de crenças ao alcance dos indivíduos, e da difusão/dispersão de organizações religiosas –, tanto mais essa sociedade avançará no sentido de produzir para si não o reencantamento do mundo, mas a dessacralização da própria cultura como condição de possibilidade do trânsito religioso legítimo dos indivíduos e grupos. O pesquisador entende, assim, que no processo de secularização há a passagem de uma situação de monopólio ou hegemonia de uma única religião para um cenário diversificado de pluralismo religioso definitivamente instalado.

Entre os elementos de configuração da religião na atualidade, o pluralismo religioso constitui-se como uma das características das sociedades contemporâneas, pela intensa movimentação de ideias e pessoas. Isto é, "el pluralismo no cambia necesariamente lo que la gente cree, sino como lo cree" (BERGER, 2004, p. 66), de modo que a sociedade interage com o advento dos novos movimentos religiosos, bem como com a possibilidade de escolha e identificação pelas diversas formas de crença.

A diversidade religiosa é, portanto, típica das sociedades secularizadas, não existindo uma religião absoluta capaz de impor às demais religiões e a toda sociedade seus valores. Com isso, a pluralidade religiosa é uma consequência da modernidade e a sociedade atual é, em seu cerne, politeísta (ORTIZ, 2007). De forma evidente, a religião transfigura-se, fragmenta-se e multiplica-se, sendo uma dinâmica diretamente associada a um processo histórico que possibilita que a sociedade moderna se consolide sem precisar estar fundada sobre um único princípio religioso organizador (STEIL, 2001).

Essas reflexões são relevantes e devem estar no horizonte da discussão aqui proposta, uma vez que podem auxiliar na compreensão do processo contemporâneo em que os fenômenos religiosos encontram-se permeabilizados nos diversos contextos e esferas sociais, dilatando as fronteiras entre público e privado e recolocando o discurso da religião na esteira do processo secularizador, comum na contemporaneidade. Entendemos que a fluida relação entre religião, política e a sociedade pode ser pensada a partir de múltiplas mediações para dar conta da sua complexidade. No encaço de tais discussões, cabe verificar os modos de compreensão e posicionamento dos jovens diante das dimensões sociais da religião e da política. A diversidade da juventude na modernidade interage com os processos

culturais e sociais e promove questionamentos sobre as variadas formas de atuação político-religiosa.

## **1.2 Identidades juvenis na interface com a religião e a política**

A categoria juventude suscita diferentes definições, está atrelada ao contexto social vivenciado, aos espaços de formação, à maneira com que a sociedade compreende os modos de ser jovem, além, por certo, das representações dos jovens sobre si mesmos. Tornam-se relevantes os aspectos culturais, históricos e subjetivos ao se refletir sobre a heterogeneidade dos sujeitos jovens. As fases da vida, embora ancoradas no desenvolvimento biopsíquico dos indivíduos, não podem ser consideradas como fenômenos puramente naturais, senão, igualmente, intercambiadas por influências sociais, culturais e históricas, inseparáveis, portanto, do processo de constituição da modernidade, em termos de influência sobre os costumes e os comportamentos sociais (PERALVA, 2007).

Assim, a juventude deve ser entendida como definição simbólica e cultural, e não apenas enquanto condição biológica e estritamente temporal<sup>4</sup>. Ademais, atributos como incerteza, mobilidade, transitoriedade e mudanças – tradicionalmente associadas aos jovens – devem se deslocar de uma compreensão da juventude enquanto fase de transição de cunho biológico para se tornarem conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumem como parte de sua personalidade em diferentes estágios da vida (MELUCCI, 2007). Entendemos ser imprescindível compreender a juventude “como etapa significativa por si mesma, e não apenas como decorrência das experiências vividas na infância ou pelo que implicam de consequências para a vida adulta” (IBASE/PÓLIS, 2008, p. 20).

Quanto à condição de transitoriedade/fase do desenvolvimento, Dayrell afirma que “o jovem tem sido visto enquanto um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente” (DAYRELL, 2003, p. 40). Por sua vez, Luiz Esteves e Miriam Abramovay (2008) ressaltam que a realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude, no qual a idade biológica seria o fator predominante, mas grupos juvenis, que constituem um

---

<sup>4</sup> O critério etário utilizado para delimitar a juventude tem abrangido, em geral, a idade dos 15 aos 29 anos, conforme classificação adotada por órgãos como a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Embora neste trabalho seja adotada tal delimitação, compreende-se, conforme discussão apresentada, que o critério etário deve estar associado a outros elementos socioculturais fundamentais na constituição das identidades juvenis.

conjunto heterogêneo de múltiplas culturas, formadas a partir de diferentes interesses e percepções e com distintos modos de inserção na sociedade.

Desse modo, a juventude deve ser compreendida enquanto uma construção social, ou seja, como produção de uma determinada sociedade, originada das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo e contexto histórico (ABRAMOVAY; CASTRO, 2015). De acordo com Silvia Fernandes, para estudar os jovens, é recomendável:

partir de categorias abertas, sem definições rigidamente estabelecidas, mas levando-se em conta, principalmente, a existência de uma materialidade a ser assumida nas abordagens interpretativas. Descobrir seus campos simbólicos representativos e os elementos da realidade social que se apresentam como variáveis mais relevantes em contexto de pluralização constitui-se como um desafio teórico-metodológico (FERNANDES, 2013, p. 27).

Consideramos, portanto, que as pesquisas que tematizam e buscam compreender as vivências e preocupações dos sujeitos jovens na sociedade contemporânea devem ter em consideração que um grupo heterogêneo, dinâmico e múltiplo, como da juventude, não deve ser limitado a uma definição única e rígida. Entendemos a juventude enquanto uma categoria/grupo permeada por critérios culturais, sociais e históricos, tendo em vista as especificidades desses sujeitos. Nesse sentido, e compartilhando da compreensão de outros teóricos, parece justificável o uso da noção de *juventudes*, no plural, na medida em que se reconhecem os diferentes modos de ser jovem na sociedade atual (DAYRELL, 2002, 2003; TAVARES; CAMURÇA, 2004; ABRAMOVAY; CASTRO, 2015), sem nos esquecer, no entanto, das características comuns – de caráter biológico, psicológico, social, cultural – que também se fazem presentes na constituição desse grupo.

Dessa forma, as diferentes juventudes não são somente “estado de espírito”, mas uma realidade palpável que possui sexo, idade, fases e anseios, considerada uma época cuja duração não é para sempre, ou seja, condiz a uma geração (ABRAMOVAY; CASTRO, 2015). Ainda que as diferenças sejam marcantes, é possível sinalizar algumas características que parecem comuns aos grupamentos juvenis. Destacam-se, entre outras, a procura pelo novo, a busca de respostas para

situações e contextos antes desconhecidos, o jogo com o sonho e a esperança, a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto, etc. (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2008).

As formas de expressão dos sujeitos jovens estão atreladas às suas representações de mundo, de modo que, ao compreendermos que a juventude não se restringe à condição de transitoriedade, de fase da vida puramente biológica e natural, ressaltamos os contextos histórico-culturais presentes nas vivências juvenis. A atual conjuntura social engendra especificidades na cultura juvenil, tornando possível construir novos conhecimentos e vivenciar a contemporaneidade de acordo com sua avaliação pessoal e seu desenvolvimento histórico.

Tais considerações justificam a relevância dos estudos que se voltam para a compreensão dos jovens na contemporaneidade, o que se constitui como um dos enfoques desta investigação. Cabe refletir, desse modo, sobre os movimentos atrelados ao período contemporâneo que modificam as relações entre os atores sociais, inclusive nas (re)composições identitárias das juventudes. Para Stuart Hall, as transformações das sociedades modernas engendram mudanças estruturais em todo campo social e também nas identidades dos sujeitos. A partir da pluralização dos sistemas de significação cultural, verifica-se uma multiplicidade de construções de identidade com a qual o indivíduo pode se relacionar, ainda que de forma flexível e cambiável (HALL, 2011). Assim, podemos compreender a identidade como um processo em movimento, que possui sua base em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado (CASTELLS, 1999).

Reiteramos, assim como Giddens (2002), que os aspectos constitutivos na/da modernidade provocam mudanças importantes no espaço social externo ao indivíduo, afetando a família, a relação entre religião e política, assim como outras instituições, mas se estendem e penetram também no centro da autoidentidade e dos sentimentos e emoções dos indivíduos. Portanto, os dinâmicos sistemas contemporâneos abarcam a cotidianidade dos sujeitos jovens e se diluem pelos ambientes sociais, alterando os laços interpessoais a partir de uma sociedade racional, mutável e flexível.

A partir de tais considerações, destacamos que a atual conjuntura moderna pode promover, ainda, apropriações e revisões do conhecimento. Para Melucci (2007), a experiência é, cada vez mais, construída por meio de investimentos

cognitivos, culturais e materiais, propiciando o desenvolvimento da capacidade reflexiva do jovem de produzir comunicação, sociabilidade, redefinindo sua própria ação na maneira de percebê-la e representá-la. Giddens elucida que:

a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter (GIDDENS, 1991, p. 39).

As alterações e reformulações do conhecimento permitem que as juventudes revisem antigas teorias e postulados, sendo possível promover alterações e compreensões próprias. Ao cogitar sobre as vivências juvenis no mundo contemporâneo, torna-se importante destacar que o ambiente educacional ou de trabalho, as mídias, o lazer e tempo de consumo, geram mensagens para os sujeitos jovens que, por sua vez, são chamados a recebê-las e a respondê-las com outras mensagens (MELUCCI, 2007).

Assim como Najmanovich (2001), entendemos que os indivíduos não são homogêneos, mas o conjunto emergente de interação com o mundo social, “o sujeito não é o dado biologicamente, mas o construído no intercâmbio em um meio social humano, que por sua vez está em interação constante com outros contextos” (NAJMANOVICH, 2001, p. 94). Destacamos, portanto, as reflexões que abarcam a construção identitária das juventudes em influência mútua com os ambientes sociais ancorados na modernidade.

Para Castro (2013), ao considerar a influência do contexto para a análise da juventude, pluraliza-se sua concepção e coloca em cena as intervenções de aspectos culturais, políticos e econômicos que influenciam de forma heterogênea na construção do coletivo juvenil. Desse modo, a identidade social dos jovens possui estreita relação com os momentos históricos e com as instituições educacionais, familiares, religiosas e da sociedade civil (política, mídia e organizações sociais). De acordo com Paulo Carrano (2012), ainda que haja o peso institucional presente nas experiências sociais das juventudes, é relevante refletir sobre a liberdade de escolha e possibilidade de seleção de particularidades identitárias:

Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdaram e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais [...] Isso faz com que a identidade seja muito mais uma escolha do

que uma imposição. Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, é contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais (CARRANO, 2012, p. 86).

Portanto, entendemos que as instituições presentes nas dinâmicas sociais podem adquirir um papel representativo na cotidianidade juvenil, entretanto consideramos que os jovens também constroem suas concepções a partir de reflexões individuais. Cabe compreender quão intensamente as dimensões sociais como a religião e a política tornam-se aspectos influentes na constituição da subjetividade individual do jovem, afinal, as juventudes se deparam com os segmentos político-religiosos e formulam sua compreensão do que seria primordial na composição de sua identidade e de sua vivência social.

Ao refletir sobre a relação entre as religiões e as juventudes, é relevante indagar acerca das múltiplas mediações realizadas, levando em consideração que as manifestações religiosas estão presentes e tornam-se aspectos influentes na sociabilidade e identidade juvenil. Atualmente, o par juventude/religião é considerado como espaço de “encontro de tendências sociais contemporâneas (mídia, violência, gênero, etnicidade) [...] que intensificam uma comunicação de identidades, relações sociais e culturais” (CAMURÇA, 2013, p. 135).

De acordo com Scott e Cantarelli (2004), a religião interage com outras dimensões da existência humana, criando propensões para ações por ela dirigidas. Para os pesquisadores, o pertencimento a uma determinada religião vai muito além da integração com o segmento religioso diferenciado do restante da sociedade, pois ele se reflete em muitas outras instâncias da vida social, trazendo consequências para a aquisição de conhecimentos e habilidades, bem como na obtenção de valores que servem para referenciar sua vida, quando o jovem opta por pertencer a uma comunidade moral.

A interação de aspectos religiosos com as demais dimensões das vivências juvenis torna-se visível, ao constatar que a religião é um fator significativo nas representações que os jovens possuem de uma sociedade melhor. Um exemplo dessa situação foi levantado pela pesquisa desenvolvida em 2013 pela Secretaria Nacional de Juventude, que tematizou o perfil e a opinião de jovens de 15 a 29 anos. Quando questionados sobre um mundo ideal e os valores que julgavam ser os mais

importantes, os entrevistados entendem que o temor a Deus é um aspecto primordial, citado por 40% dos jovens brasileiros. Dentre os demais valores, destacam-se o respeito às diferenças (39%), seguido pela igualdade de oportunidades (33%), respeito ao meio ambiente (31%), solidariedade (28%) e justiça social (20%)<sup>5</sup>.

A relação entre religião e juventude é formulada entre as diversas conjunturas sociais, sendo que a importância das religiões não está atrelada unicamente à ideia de salvação. Regina Novaes ressalta que as crenças e opções religiosas dos jovens são construções voltadas para manter e projetar a vida atualmente, e não enquanto uma preocupação com o destino após a morte. Tal paradoxo deve ter em conta o próprio atributo de ser jovem e a combinação com “o gosto pela aventura, à predisposição para correr riscos com um sentimento de distância em relação à morte” (NOVAES, 2001, p. 184). Como aponta Bourdieu (2007), a religião cumpre diferentes funções sociais, de modo que não se espera dela apenas justificações de existência, a superação da solidão, da angústia existencial, do sofrimento ou da morte, mas conta-se também com a religião para justificações de viver em uma posição social determinada, com todas as propriedades socialmente inerentes.

Fernandes (2011) aponta que a religião tem sido valorizada pelos sujeitos jovens, ainda que haja indícios de novos modelos de pertencimento e vínculo religioso, de modo que não é possível apontar para um indiferentismo religioso por parte da juventude – mesmo para aqueles que se denominam sem-religião, os quais serão abordados adiante nesta pesquisa. Nesse sentido, mesmo com a constituição de uma religiosidade mais fluida em detrimento de uma prática institucionalizada, as crenças são constitutivas da identidade de diversos jovens, mesmo daqueles que se auto-intitulam sem religião.

As manifestações religiosas dos jovens encontram-se atreladas, ainda, aos seus modos de inserção e sociabilidade, com a participação em marchas, encontros, retiros e acampamentos desenvolvidos a partir de práticas religiosas institucionalizadas ou em torno da espiritualidade não confessional e da busca de um bem comum. Articulada aos sentidos e representações juvenis, a religião possui

---

<sup>5</sup> A pesquisa enfoca nas questões relativas ao perfil e condições de vida dos jovens, à educação e ao trabalho, à violência, às percepções sobre o país, à participação política e a políticas públicas, para a compreensão dos interesses e o comportamento da juventude brasileira. Por meio de aplicação de questionários estruturados, foram realizadas 3.300 entrevistas, distribuídas em 187 municípios brasileiros (Cf. SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2013).

papel expressivo no desenvolvimento subjetivo dos indivíduos jovens, incitando reflexões particulares e também iniciativas sociais como engajamento em campanhas solidárias e voluntariado filantrópico. Os argumentos de paz, justiça social, fé, amor, cidadania e direitos humanos permeiam os discursos e representações que invocam a juventude como protagonista de uma participação político-social (NOVAES, 2012).

Nesse sentido, as dimensões da religião e da política podem estar presentes na produção de significações da vivência juvenil. Cabe destacar que as ações e filiações dos jovens são pautadas no que consideram como importantes ou próximos de sua cotidianidade. Portanto, quando se fala em participação juvenil, é preciso investigar onde os jovens estão construindo os nexos emocionais, e como estão buscando esse reconhecimento intersubjetivo (SALVA; STECANELA, 2006).

Acerca da relação entre juventude e política, torna-se relevante indagar as corriqueiras lógicas de naturalização e concepções dicotômicas. Ora as experiências juvenis são analisadas como distantes e indiferentes, que demonstram certa apatia relacionada às questões da vida comum, ora como experiências marcadas por originalidade, por ressignificação da esfera política e das formas de engajamento dos jovens nas questões públicas (MAYORGA, 2013). As dinâmicas que envolvem a participação juvenil em espaços políticos e públicos são complexas e heterogêneas, nem sempre aparentes ao que se compreende tradicionalmente como ação política.

É possível indicar um distanciamento juvenil do que se compreende tradicionalmente pela participação política, especialmente daquela atrelada à institucionalidade do Estado. Contudo, compreendemos ser imprescindível desmistificar o pessimismo e a aparente apatia e desencanto do jovem quanto à mobilização social contemporânea, muitas vezes em comparação com gerações anteriores (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009; CASTRO; VASCONCELOS, 2007). Entendemos, assim como Paulo Carrano (2015), que estabelecer comparações entre diferentes gerações é sempre operação arriscada, afinal, são quadros empíricos distintos em cada uma das épocas, com diferentes circunstâncias materiais, objetivas e de ambiência cultural.

O engajamento de jovens, assim como de adultos, em partidos políticos no Brasil é um fenômeno pouco frequente, de modo que entre adultos chega a 10% o número de filiados em partidos políticos e, entre jovens, não passa de 4% (BRENNER, 2014). Apesar do baixo engajamento em partidos políticos, a presença



de jovens militantes na esfera pública é significativa, bem como os efeitos em diferentes esferas da vida dos jovens que se engajam, seja em partidos institucionalizados ou em outros espaços. Ana Karina Brenner (2014) assinala que a experiência militante juvenil altera valores e comportamentos dos jovens e incide sobre as relações familiares, sobre amizades, hábitos de consumo, características pessoais e também escolhas profissionais e de cursos universitários.

Anne Müxel (1997), discutindo o engajamento juvenil na França, retrata a crise da representação política e a rejeição de jovens à política partidária, considerada distante e duvidosa, com eventuais acenos de protesto. Observa-se o surgimento e intensificação de novas estratégias de participação e engajamento político, como conselhos de juventude, redes sociais, fóruns, entre outros. A emergência de diversificação dos modos de ação juvenil revela uma vontade de implicação a partir da mudança social mais realista e próxima. A pesquisadora reitera que os jovens acreditam na multiplicação de pequenas ações, e se declaram interessados em se mobilizarem tanto em questões universais de cunho ecológico (consciência planetária) quanto ao cotidiano da juventude, tais como o mundo do trabalho, do lazer, da ação solidária.

Diversos aspectos tornam-se relevantes para avaliar a situação dos jovens frente à participação política, mesmo aqueles relativos ao entendimento do que seria participar. Para os jovens, as formas de participação e de engajamento social enveredam por caminhos diversos, sejam os da política institucional, sejam os da ação militante no trabalho social voluntário, embora, em muitos casos, o sentido político das ações nem sempre seja explicitamente admitido (CASTRO, 2008).

A aproximação entre juventude e política pode ser realizada a partir de iniciativas que envolvem a escola ou a universidade, sindicatos, associações e conselhos. Podem, ainda, efetivar-se em espaços não institucionais como letra de música, marcha em prol da liberdade sexual, passeata para o fim da corrupção, entre outras, que são formas de participação utilizadas pelo segmento juvenil que indicam a heterogeneidade das tendências e as diversificadas maneiras de engajamento político.

A discussão sobre as contemporâneas atuações juvenis foi reacendida com os ciclos de manifestações de rua principiadas no ano de 2013 – em especial em diversas capitais brasileiras –, em que a ocupação dos espaços públicos, majoritariamente por jovens e estudantes, gerou efervescentes protestos,

mobilizações políticas e culturais com uma diversidade de demandas (SOUSA; SOUZA, 2013). O pesquisador Rogelio Marcial, em entrevista sobre as manifestações juvenis no Brasil, Chile e México, compreende que as atuações juvenis latino-americanas (estudantes, grupos culturais indígenas, guerrilheiros, alternativos, dissidência sexual, etc.) possuem uma herança radical política que em ocasiões é retomada, reelaborada e colocada em prática por alguns grupos e movimentos sociais. Entretanto, ressalta que os jovens atuam dentro dos limites do possível, sob pena de serem violentamente reprimidos (MARCIAL; AGUILERA; 2013).

Podemos dizer, assim, que as ações e representações dos jovens estão imbricadas com o contexto contemporâneo. Concordamos com a compreensão de que há atuais configurações religiosas na identidade juvenil, assim como o afastamento de instâncias políticas formais, resultando em uma criativa forma de participação social através de símbolos políticos e do imaginário religioso imbricado com estilos e percepções da cultura juvenil contemporânea (CAMURÇA, 2013). Nesse sentido, o modo como o jovem se relaciona com a religião e a política torna-se complexo e em constante revisão reflexiva no que tange às doutrinas religiosas e às formas da política partidária e relações de poder.

A partir de tais apontamentos e tendo em vista a reflexividade moderna, em que se torna possível revisar e contestar preceitos e instituições (GIDDENS, 1991), cabe discutir as múltiplas mediações entre a juventude e as formas de crença e de religiosidade sem o pertencimento institucional. Ressaltamos que a permeabilização de esferas sociais na contemporaneidade, a autonomia do sujeito jovem e a liberdade de se afastar das instituições, assim como as aproximações e posicionamentos juvenis frente às dinâmicas político-religiosas, são discussões imprescindíveis para a compreensão das representações do jovem sem religião. As reflexões realizadas até o momento, que tangem às construções simbólicas das identidades juvenis na atualidade em interface com os campos da religião e da política, possibilitam fundamentar e ampliar o diálogo com a empiria, tendo em vista o intuito de buscar identificar e problematizar os sentidos atrelados à condição sem religião.

### 1.3 Jovens sem religião

Os novos movimentos advindos da modernidade religiosa são caracterizados por múltiplos fenômenos como a mobilidade de pertenças, a fluidez das identificações, a instabilidade dos agrupamentos religiosos e, sobretudo, a tendência geral à individualização e à subjetivação das crenças religiosas (HERVIEU-LÉGER, 2008). A partir do pluralismo religioso e da perda de regulamentação religiosa, os sujeitos passaram a possuir maior liberdade para suas escolhas, bem como para a construção de seu próprio sistema de crença e valores.

Com a reflexividade da vida social, o conhecimento humano, de modo ativo e crítico, interroga os fundamentos sociais e reavalia os posicionamentos no cotidiano moderno. Os sujeitos tendem a se desencaxar de suas permanências, podendo desencadear o que Pierucci chama de “desfiliação em que as pertenças sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais, mais que isso, revisáveis” (PIERUCCI, 2012, p. 93). A presença da religiosidade está atrelada ao contínuo processo histórico-social e também à liberdade individual, tornando-se uma opção, podendo propiciar uma ruptura entre crença e prática, além de rearranjos entre a espiritualidade subjetiva e os rituais institucionalmente legitimados.

Deste contexto, entre as configurações relacionadas ao campo religioso na atualidade, encontra-se o aumento do número de indivíduos que se declaram sem religião. Desde a década de 1980, os dados dos censos demográficos do Brasil demonstram que vêm crescendo expressivamente aqueles que se denominam sem religião (Quadro 1). A proporção dos que afirmam não possuírem filiação religiosa quintuplicou entre 1980 e 2010, formando o terceiro maior “grupo religioso” do país (MARIANO, 2013).

Quadro 1: Distribuição da população brasileira declarada sem religião, 1980-2010.

| Período | Porcentagem | População               |
|---------|-------------|-------------------------|
| 1980    | 1,6%        | 1.953.085               |
| 1991    | 4,7%        | 6.946.237               |
| 2000    | 7,4%        | 12.492.403              |
| 2010    | 8,0%        | 15.335.510 <sup>6</sup> |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980/2010.

<sup>6</sup> O quantitativo do grupo ‘sem religião’ refere-se também a declarantes ateus e agnósticos, embora que, no Censo de 2010, foi realizada a subdivisão dessas categorias. Portanto, é possível verificar as três subcategorias do conjunto de pessoas declarantes como sem religião, sendo, agnósticos (124 mil), ateus (615 mil) e sem religião (14,6 milhões) (IBGE, 2010; JACOB; HEES; WANIEZ, 2013).

O aumento observado entre 1980 e 2010 é significativo, representando uma variação de 13,4 milhões de habitantes. Apesar desse aumento em termos absolutos, nota-se que, na última década, ocorreu uma redução no ritmo do crescimento, quando os sem religião passaram de 7,4% em 2000 para 8% em 2010. Não obstante, e com base no Censo de 2010, este grupo continua a ocupar o terceiro lugar no país, situando-se após os católicos e os evangélicos (JACOB; HEES; WANIEZ, 2013; MARIANO, 2013).

Conforme dados do IBGE 2010, no que tange ao conjunto dos sujeitos declarados sem religião, destacamos que são majoritariamente homens (65,5%) e residentes da área urbana. A declaração de cor mais presente foi parda (47%), e, por nível de instrução, 39% possuem o Ensino Fundamental, 25% o Ensino Médio completo, e poucos possuem o Ensino Superior completo (8%). Sobre a condição etária, ressaltamos que a opção sem religião é mais frequente entre jovens e bem mais reduzida nas faixas etárias mais envelhecidas, apresentando a idade mediana mais baixa entre as categorias religiosas censitárias, sendo de 26 anos (IBGE, 2010)<sup>7</sup>.

A presença de jovens sem religião na atualidade e a maior disponibilidade juvenil de afirmar-se sem o pertencimento institucional podem estar relacionadas ao contexto dinâmico contemporâneo, em que as juventudes dispõem de distintos modos de relacionar-se com o sagrado. Para Novaes (2004), os jovens possuem maior liberdade para questionar e se desvincular de doutrinas religiosas institucionalizadas e, ainda, valer-se de seu próprio alicerce de crenças e religiosidades.

Ao suscitar a temática de jovens que se declaram como sem religião, consideramos que tal grupo difere-se do conjunto de ateus e agnósticos, ao apresentarem a crença em Deus e em religiosidades próprias. De tal modo, os sujeitos sem religião não participam das instituições confessionais ou não se sentem pertencentes a uma comunidade religiosa, então “a declaração sem religião parece

---

<sup>7</sup> Ao analisar as opções metodológicas adotadas pelo IBGE, Cecília Mariz (2013) lembra que os recenseadores não possuem uma grade pré-definida de opções religiosas, de modo que a pergunta é apenas “qual sua religião e/ou culto?”. O recenseador é instruído a registrar a forma como o pesquisado responder e não solicitar mais detalhes ou informações diante de qualquer resposta concedida. Mariz entende que essa metodologia tem vantagens e benefícios em termos de obtenção de novos dados em um contexto dinâmico como o religioso brasileiro, contudo é preciso reconhecer seus riscos a partir de interpretações, por vezes, conflitantes. De todo modo, a utilização dos censos demográficos é considerada propícia para analisar, a partir de séries históricas, as particularidades nacionais e especificidades de grupos de indivíduos, servindo de base para distintas investigações.

menos uma afirmação de crença, mas, sobretudo, um estado de desfiliação religiosa” (JACOB; HEES; WANIEZ, 2013, p. 13). Nesta mesma interpretação, é possível compreender que, quando o sujeito se declara sem religião, não está afirmando que abandonou o sentido e as práticas religiosas, mas significa a “não-adesão a uma instituição ou identidade religiosa: uma rejeição à religião institucionalizada” (MARIZ; MACHADO, 1998, p. 22).

Apesar da aparente homogeneidade que a nomenclatura sem religião promove, no sentido de referir-se à não vinculação institucional religiosa, destacamos que há características e cosmovisões distintas na auto identificação de sem religião. As circunstâncias articuladas a essa compreensão podem ser diversas e simultâneas, como a subjetivação dos elementos simbólico-religiosos, a experimentação e mobilidade entre denominações, a identidade religiosa intergeracional, a descrença e crítica às instituições religiosas, e múltiplos pertencimentos com bricolagens de símbolos e crenças de diferentes sistemas religiosos.

No intuito de demonstrar os distintos aspectos relacionados à categoria sem religião Silvia Fernandes (2008), por meio de estudo desenvolvido pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais – CERIS, analisa as tipologias dos indivíduos que se autodeclaram como sem religião. Entre os resultados averiguados, é possível destacar que os investigados sem religião justificaram a própria condição a partir da afirmativa: “porque possui uma religiosidade própria sem vínculo com Igrejas” (41,4%). Das demais justificativas ressaltadas na pesquisa, verifica-se os sujeitos que declaram que não possuem crenças e não frequentam organizações religiosas (29,4%), os indivíduos que não acreditam nas religiões (15%), ainda, os indivíduos que declararam não acreditar em Deus (0,5%), e, por fim, os que se autodefinem sem religião pelo fato de não terem tempo de frequentar Igrejas e templos (23,2%).

A partir destes indicativos, Fernandes (2008) constrói cinco tipologias de indivíduos que se declaram como sem religião, sendo elas: 1) os indivíduos sem religião, de “religiosidade própria” que vivenciam os aspectos religiosos a partir de escolhas pessoais. Para estes, o afastamento da instituição confessional não expressa necessariamente uma ruptura, pois experimentam trocas religiosas plurais em que não rejeitam os bens simbólicos das diferentes tradições; 2) os sem religião desvinculados e descrentes, podem ser agnósticos ou crentes apenas em Deus,

mas sem crença em outros símbolos e doutrinas religiosas. Para a pesquisadora, esses sujeitos tornaram-se céticos a partir de decepções ou desencanto com as instituições religiosas que experimentaram; 3) os sem religião críticos das religiões, que diferenciam-se do tipo 2, pois não referem-se a uma descrença nas religiões, porém adotam um posicionamento crítico sobre a validade das religiões como instituições sociais, e declaram não acreditar nas religiões; 4) os sem religião ateus, que declaram não acreditar em Deus, construindo um sentido identitário de autonomia absoluta pela ausência de significações religiosas em sua vivência; e, por fim, 5) os sem religião tradicionalizados, que demonstram inclinação para um modelo de pertença religiosa que condiz com a frequência aos rituais e dedicação à religião. É possível considerar que sua condição possui um caráter ainda mais transitório, pois podem adotar uma identidade religiosa ao conseguirem tempo para frequentar a Igreja.

Tendo em vista as diversas motivações e as compreensões atreladas aos indivíduos autodeclarados sem religião, podemos dizer que os jovens sem religião, de modo geral, possuem a crença em um ser transcendente e aderem a rituais simbólico-religiosos de diferentes correntes. Percebemos, entretanto, que realizam a construção de suas crenças de modo particular, podendo peregrinar entre as adesões religiosas que correspondem à sua subjetividade, sem a fidelidade institucional. Ressaltamos que os fenômenos religiosos interagem nas compreensões e percepções juvenis, e estão presentes no conjunto cultural e subjetivo dos jovens sem religião, entretanto há a opção de não possuir o vínculo institucional, enfatizado por uma “dissociação entre filiação e identidade religiosas, de um lado, e crenças e práticas, de outro” (RUMSTAIN; ALMEIDA, 2009, p. 48).

O recente crescimento e a consolidação do grupo dos sem religião possuem em seu bojo diversos movimentos envolvidos. De acordo com Mariano (2013), o aumento do quadro de pessoas que declaram não dispor de filiação religiosa está ligado ao processo de pluralização, desmonopolização e destradicionalização, conjunturas interligadas à crescente escolha individual de não se identificar ou de se afastar de organizações religiosas.

As mudanças no campo religioso brasileiro também afetam o modo como os jovens se relacionam com a pluralidade disponível de representações religiosas. Novaes (2003) indica que, neste “mundo mudado”, há maior liberdade para ultrapassar as fronteiras e experimentar as ofertas das religiões orientais, aproximar-

se dos programas evangélicos por meio dos meios de comunicação, acionar produtos esotéricos disponíveis nas feiras e lojas, vivenciar a transcendência das novas religiosidades e acessar a Bíblia sem a mediação de porta vozes do sagrado.

Tais indicativos estão atrelados à configuração religiosa contemporânea, em que torna possível repensar as doutrinas e discursos instituídos, vivenciar as simbologias disponíveis de modo particular e optar em não se vincular às denominações confessionais disponíveis. Evidencia-se uma secularização relativa da consciência de um tipo de indivíduo que assimilou a liberdade identitária, assumindo-se como sem religião, acompanhada por uma crise da credibilidade nas entidades religiosas (RODRIGUES, 2009, 2012).

Os sem religião podem descolar sua religiosidade das instâncias religiosas (BOURDIEU, 2007) e constituir suas práticas com significados próprios, sem a regulamentação institucional. Lísias Negrão (2008) considera que o polo contrário da religião institucionalizada, sacramental, com exigências de participação regular, está na construção religiosa individualizada, cujo oficiante é o próprio leigo: “Minha religião eu mesmo faço”. Ao selecionar as crenças que lhe pareçam mais adequadas, a crença é valorizada como uma busca constante, em que o indivíduo recusa do institucional os dogmatismos e exclusivismos. Trata-se de uma atitude religiosa ativa, embora individual.

A frequência ao templo de oração, a aderência aos rituais instituídos, o laço com a comunidade religiosa são práticas que corroboram com o pertencimento institucional. Entretanto, quando o indivíduo se afasta das ações reguladas, pode se auto identificar como não praticante, para quem os sacramentos atuam como ritos sociais e culturais, isto é, “a auto identificação de ‘não-praticante’ deve-se à pouca frequência aos serviços religiosos e à ausência de relações mais comunitárias” (ALMEIDA; MONTERO, 2001, p. 95). De todo modo, os ‘não-praticantes’ diferem-se dos indivíduos que se declaram como sem religião, pois ainda que não ocorra a participação regular nos ritos, doutrinas e celebrações, o indivíduo sente-se vinculado à religião, considerando a dimensão religiosa e as diretrizes da organização como uma parte de sua identidade.

Os indivíduos que se consideram como sem religião podem ser considerados como desinstitucionalizados da regulação religiosa, ou seja, sem a mediação da instituição na vivência religiosa. Dentre as várias formas de desenvolvimento do que se denomina desinstitucionalização, Fernandes (2008, 2009) ressalta que não

significa a contestação institucional propriamente dita, mas a recusa do pertencimento, da participação e do vínculo confessional, pois a influência simbólica das religiões continua presente na vida do indivíduo. Desse contexto, a pesquisadora adverte que o processo da desinstitucionalização pode ser considerado expressivo entre os sujeitos sem religião, mas não necessariamente ininterrupto ou definitivo. Destacamos, portanto, que a condição sem religião não deve ser compreendida como uma categoria permanente e absoluta, pois possui a provisoriedade em seu bojo, podendo constituir-se em caráter transitório.

É possível considerar que, para os sujeitos sem religião, os sentidos simbólico-religiosos podem se formatar a partir de concepções mais abstratas e pessoais, como a de espiritualidade. Deis Siqueira compreende que o processo de transmutação de religião em espiritualidade tem se tornado evidente na atualidade ocidental. Considera que o relacionamento com o sagrado é realizado de modo individual e subjetivo, e pode (ou não) levar ao desenvolvimento de rituais religiosos e à formação de comunidades (SIQUEIRA, 2008). Para Fernandes, “a espiritualidade seria considerada mais funcional, focando no ser, na natureza e em como as crenças, as emoções e os hábitos se relacionam com os eventos da existência” (FERNANDES, 2009, p. 374).

De modo complementar, Eduardo Calvani (2014) aborda o tema das espiritualidades não-religiosas, as quais considera como sendo a desvinculação da experiência religiosa de vínculos oficiais com as instituições religiosas. Difere, assim, a religiosidade – compreendida como a extensão das crenças e práticas religiosas institucionalizadas transpostas para o cotidiano – da espiritualidade, considerada como um conjunto de práticas derivadas de um sistema de crenças vago, difuso, fluido, não atrelado a conteúdos teológicos formais ou a instituições, porém real para a pessoa que as vivencia.

A configuração das diversas maneiras de se relacionar com os fenômenos transcendentais e a possibilidade de afastamento institucional religioso pode ser considerada como uma liberdade de escolha propiciada pelos novos movimentos do contemporâneo. Valorizam-se, então, as experiências pessoais e a autenticidade de construção de conhecimento, ao invés da conformação aos fundamentos religiosos assegurados por uma instituição. Os jovens possuem mais autonomia para eleger suas experiências religiosas, configurando-se como mutáveis e pessoais, em uma crescente individualização do contato com o transcendente, em que o sujeito



seleciona o que corresponde à sua consciência individual e às suas dúvidas, ou mesmo que lhe convenha em termos de condição socioeconômica, nível de instrução, necessidades particulares (SIQUEIRA, 2008).

Os movimentos descritos encontram-se atrelados ao atual fenômeno do aumento da categoria dos sem religião, majoritariamente entre o segmento juvenil, em uma sociedade contemporânea plural, mutável e flexível, que se encontra em constante (re)produção reflexiva do conhecimento. Compreendemos que os jovens sem religião possuem variados modos de relacionarem-se com o divino e o sagrado, apresentam crenças e práticas simbólico-religiosas, ainda que com suspeita ou crítica às instituições que mediam o contato com o transcendente, optando pela desvinculação dos sistemas religiosos instituídos. Embora a categorização dos sem religião soe como homogênea, há que se considerar a existência de modos diferentes e por vezes paradoxais de construção de tal identificação. Na presente pesquisa, investigamos quais as concepções, significados e experiências simbólico-religiosas dos jovens sem religião ingressantes da Unespar.

## **CAPÍTULO 2**

### **OS CAMINHOS PERCORRIDOS: ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Tendo em vista o objetivo da pesquisa em identificar e compreender as representações político-religiosas dos jovens universitários identificados como sem religião, ingressantes em 2014 na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), apresentamos e discutimos no capítulo o percurso trilhado pela investigação. A partir das múltiplas abordagens que o estudo acarreta ao problematizar a discussão acerca dos jovens sem religião, evidenciamos as perspectivas teórico-metodológicas da interdisciplinaridade e do paradigma da complexidade, a fim de dar conta da multidimensionalidade de implicações que o objeto abordado promove.

Apresenta-se, também, o processo realizado para compreender as ações, vivências e representações dos jovens universitários sem religião. Destacamos que selecionamos como recorte empírico os ingressantes da Unespar que declararam acreditar em Deus, mas não participar de religião, totalizando 150 jovens universitários. No intuito de desenvolver a pesquisa nos sete câmpus da Universidade, optamos pela utilização do survey por meio de plataforma on-line, que evidenciou particularidades significativas dos jovens sem religião. Desse modo, apresentamos os procedimentos investigativos adotados no trabalho, bem como os pressupostos teóricos tomados para o tratamento e interpretação das respostas obtidas.

#### **2.1 Perspectivas teóricas de uma pesquisa interdisciplinar**

Ao delimitar a observação e análise dos jovens que declaram possuir crenças, mas não participar de nenhuma religião, recorreremos a parte das discussões produzidas no âmbito das Ciências Humanas. Os estudos que abordam as perspectivas sociais e investigam a vida cotidiana e subjetividades dos indivíduos devem atentar para as dificuldades de interpretação e análise, afinal o ser humano é sujeito a constantes modificações e reage a qualquer tentativa de caracterização e previsão (MARTINS, 2004).

Refletimos também sobre o caráter histórico dos objetos de investigação das Ciências Humanas, ressaltando as configurações constantes entre cada localidade específica e o embate entre as temporalidades, portanto “a provisoriedade, o

dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social” (MINAYO, 2001, p. 13). Além de compreender os fenômenos sociais na conjuntura sociohistórica em que se desenvolvem, entendemos que:

é essencial apreendê-los e compreendê-los nas ambiguidades, nas contradições, nas processualidades que os constituem, em seu movimento, em suas continuidades, permanências e discontinuidades, assim como em seu conteúdo e forma, nos aspectos qualitativos e quantitativos, no que revelam e no que escondem, em sua factibilidade e virtualidade, em suas potencialidades (TEIXEIRA, 2011, p. 83).

Para perceber os posicionamentos dos jovens sem religião em sua totalidade, no intento de apreender o que não é visível de imediato e refletir sobre as concepções assinaladas, utilizamos a abordagem da complexidade. Edgar Morin (2011a) elucida que o pensamento complexo difere do “paradigma de simplificação”, que é constituído pela disjunção, em que separa o que está ligado, pela redução, unificando o que é diverso, e também pela abstração. O pensamento simplificador não compreende que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo, o que resulta em efeitos fragmentados e unidimensionais. Portanto, compreendemos que a complexidade propicia uma abordagem mais rica e menos mutiladora.

O paradigma da complexidade considera as incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios, e está relacionado à presença simultânea de ordem e desordem, sendo que os fenômenos complexos de ações, interações e retroações estão interligados à realidade que permite a organização das experiências sociais no tempo e no espaço (MORIN, 1996, 2011a). Morin assinala, ainda, que há complexidade quando distintos elementos são inseparáveis do todo, constituídos por meio de um “tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto [...]. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade” (MORIN, 2011b, p. 36).

Nesse contexto, a complexidade entende os fenômenos humanos de modo multifacetado, como processos complexos, em interação com seu contexto, em um processo ininterrupto de transformação, articulados a sentidos e significações múltiplas (VASCONCELOS, 2011). Entre tais significações, é possível considerar a busca pelo pensamento complexo onde este parece ausente, como, por exemplo, na vida cotidiana (MORIN, 2011b). Desse modo, a complexidade não se limita a um

conceito ou a estruturas axiomáticas definitivas, mas alimenta-se essencialmente de fatos da vida natural, social de um sistema de pensamento flexível e abrangente, não avesso às incertezas, ao erro, aos conflitos, às transgressões (RODRIGUES, 2006).

Diante de tais apontamentos, consideramos que o conhecimento se dá como um produto da interação humana com o mundo, por meio de sistemas simbólicos, técnicos, estilos relacionais e cognitivos que ocorrem em um atual contexto multidimensional. Assim, os aparelhos lógico-metodológicos do conhecimento científico carecem em transitar por diversas epistemes e novidades lógico-conceituais (NAJMANOVICH, 2001; FLORIANI, 2000). Diante da complexidade dos elementos abordados nesta pesquisa – a articulação entre juventude, religião e política –, entendemos que os conceitos e procedimentos adotados devem contemplar a dinamicidade da investigação e, para tanto, são provenientes de diferentes áreas do conhecimento, como Sociologia, História, Educação, Antropologia, Psicologia, entre outras.

A interdisciplinaridade pode permitir uma melhor compreensão do trabalho, principalmente quando há a associação de objetos de estudo múltiplos, e se torna uma alternativa na produção do conhecimento científico. Ressaltamos, assim como Claude Raynaut (2011, 2014), que não há uma definição da interdisciplinaridade que seja consensual, ao contrário, longe de ser doutrina ou ideologia estabelecida, caracteriza-se por gerar constante dúvida e estar em permanente reconstrução. De modo geral, pode ser considerada uma das ideias-força incorporada à cultura de nosso tempo, trazendo contribuições para pesquisadores e para a sociedade como um todo, relacionadas à ciência, mas também à ética e aos sistemas sociais (FERREIRA, 2000).

Embora haja disciplinas científicas que atuam em termos de compartimentos estanques e territórios exclusivos, acreditando independentes da cultura e sociedade que as nutre, são cada vez mais numerosos os pesquisadores e cientistas que adotam outros paradigmas, outros sistemas de enfoque e geram novas narrativas e cenários onde transcorre a vida social (NAJMANOVICH, 2001). A interdisciplinaridade é colocada como alternativa às fronteiras disciplinares e ao sistema educacional que, por vezes, se apresenta como desligado da realidade social. Não se trata de superação do conhecimento disciplinar, mas de reconhecer a pertinência e a relevância de outro modo de fazer ciência, de gerar conhecimento,

sobretudo porque a realidade nem sempre pode ser enquadrada dentro do universo de domínio disciplinar (ALVARENGA et al., 2011).

Floriani (2000) ressalta que a experiência interdisciplinar decorre de uma hibridação ou de um diálogo de saberes, sendo um exercício teórico que exige a reflexão sobre o processo da pesquisa, um recurso intelectual que não se esgota em si mesmo. Ainda que a interdisciplinaridade por vezes seja vista como uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizada dos diversos objetos de estudo, não se deve compreendê-la de forma simplista como uma eleição entre diversos modos opostos de chegar ao conhecimento, mas como uma integração complementar (ALVARENGA et al., 2011; LEIS, 2005). Portanto, o movimento interdisciplinar não é dado pela simples aproximação de disciplinas e pesquisadores oriundos de vários horizontes, mas deve ser construído paulatinamente, favorecendo intercâmbios e a cooperação entre os domínios da formação e da pesquisa, ainda separados e distintos em universos de pensamento com pouca comunicação entre si (RAYNAUT, 2011, 2014).

Ao possibilitar a interlocução entre as diferentes áreas do conhecimento, a interdisciplinaridade favorece o alargamento e a flexibilização dos saberes, e ainda constitui uma estratégia importante para a não cristalização nos domínios disciplinares. A consciência da interdependência das diversas ciências traz benefícios às investigações no campo das ciências que se ocupam do homem, e o reconhece como um ser complexo, físico, cultural, simbólico e biológico (RODRIGUES, 2006).

Tendo em vista, ainda, os desafios que emergem na atualidade para a compreensão do sujeito moderno, a interdisciplinaridade é enriquecida com novas características, fundamentos e possibilidades, podendo dar conta dos fenômenos complexos e flexíveis da contemporaneidade. Dessa forma, as atuais sociedades exprimem realidades híbridas, que não devem ser identificadas e problematizadas por um único olhar científico, mas por movimentos de reflexão que visem ultrapassar as fronteiras entre os territórios do saber (RAYNAUT, 2014).

Nesse sentido, as discussões do paradigma da complexidade e da interdisciplinaridade tornam-se relevantes e auxiliam na compreensão das *juventudes* e da categoria sem religião, considerando os múltiplos processos simbólicos atrelados e a interação do indivíduo com a sociedade contemporânea. As reflexões apresentadas encontram-se presentes ao longo do desenvolvimento da

pesquisa e são fundamentais para apreender os processos subjetivos inerentes às identidades juvenis e às atuações e engajamentos junto às esferas da religião e política. Entendemos que a compreensão das perspectivas teóricas adotadas no trabalho perpassa pelo entendimento das técnicas e práticas elaboradas e dos caminhos metodológicos percorridos.

## **2.2 As dinâmicas metodológicas: o instrumento e a pesquisa de campo**

A partir das concepções e base conceitual elegida, apresentamos o percurso trilhado no desenvolvimento da pesquisa. Para tanto, descrevemos as técnicas utilizadas, o planejamento das fases da investigação, o desenvolvimento do survey e o trabalho de campo realizado nos sete câmpus da Unespar. Entendemos que retratar o processo do trabalho investigativo evidencia a atuação do pesquisador e os posicionamentos assumidos ao analisar determinada realidade. Desse modo, a descrição dos procedimentos da pesquisa torna-se de extrema valia, afinal, “nossas conclusões somente são possíveis em razão dos instrumentos que utilizamos e da interpretação dos resultados a que o uso dos instrumentos permite chegar” (DUARTE, 2002, p. 40).

Importante elucidar que a pesquisa foi pensada e realizada envolvendo diversos membros do Grupo de Pesquisa “Cultura e Relações de Poder”, desde a organização, planejamento, elaboração e aplicação do teste do instrumento, e a atuação no trabalho de campo<sup>8</sup>. Compreendemos que essa forma de trabalho proporcionou experiências enriquecedoras que se fazem presentes e refletem na construção e desenvolvimento da investigação. A alternativa da formação de redes de colaboração é considerada um princípio para práticas interdisciplinares e interparadigmáticas na produção do conhecimento, sendo imprescindível a troca de experiências e trabalhos integrados, em substituição aos processos de unificação (VASCONCELOS, 2011).

Para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista identificar o perfil dos jovens ingressantes dos sete câmpus da Unespar, utilizamos o instrumento survey,

---

<sup>8</sup> O presente estudo é desenvolvido a partir do projeto de pesquisa intitulado “Perfil de jovens universitários no estado do Paraná: ações e representações sobre religião e política”, que conta com apoio do CNPq e da Fundação Araucária. Cabe mencionar que as fases iniciais da investigação foram desenvolvidas pelas mestrandas Lara de Fátima Grigoletto Bonini e Thaís Serafim dos Santos e pelos coordenadores Frank Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro. Após o trabalho de campo realizado, a tabulação, o processamento e interpretação das informações originaram dois trabalhos de mestrado distintos que utilizam a mesma base de dados, além de outras investigações em desenvolvimento envolvendo estudantes de Ensino Médio e Graduação.

que, por meio de plataforma on-line, permitiu que os participantes apontassem as concepções sobre sua realidade e vivência. Consideramos que tal procedimento possibilitou abranger um maior número de participantes e fez-se condizente aos objetivos da pesquisa. A opção pelo survey, assim, permitiu a caracterização e conhecimento de realidades de diversos sujeitos jovens, além de apontar possibilidades para novas reflexões e outros trabalhos.

O instrumento e as questões organizadas para o survey configuram-se como “uma relação fixa de perguntas, cuja ordem, formulação e estratégia de entrevista são invariáveis para todos os informantes, permitindo um tratamento estatístico das respostas” (VASCONCELOS, 2011, p. 221). O conjunto de perguntas, designado de questionário ou formulário, permite a coleta de informações em vista de descrever, comparar ou explicar os conhecimentos, representações, atitudes e comportamentos das pessoas (FINK, 2002; FREITAS et al., 2000).

Os modelos e tipos de surveys podem se diferenciar em formatos, perspectivas e objetivos. Conforme Babbie, são várias as opções de utilização do instrumento, sendo que a escolha do tipo adequado deve ser feita de acordo com o problema e finalidade de pesquisa. Alguns estudos combinam mais de um modelo de survey, já que cada desenho dá uma perspectiva diferente ao assunto analisado (BABBIE, 1999). A elaboração do questionário aplicado na presente pesquisa se deu a partir de perspectivas de estudos da mesma natureza e temática, que auxiliaram na preparação de um instrumento adaptado ao contexto sociocultural e aos objetivos da investigação<sup>9</sup>.

O survey tem sido largamente utilizado na pesquisa científica ao possibilitar o mapeamento de amplos conjuntos populacionais. Entretanto, consideramos que a expressão quantitativa deve levar em conta o conjunto de valores relacionados, pois:

Os fenômenos sociais e econômicos são muito complexos, e os resultados das surveys são sempre influenciados pela abordagem epistemológica e teórica, pelo processo metodológico utilizado, pela forma de construção do questionário, pela estratégia de amostragem e de aplicação na população, etc. (VASCONCELOS, 2011, p. 223).

---

<sup>9</sup> O instrumento foi elaborado com base em literatura e em outros questionários já utilizados em investigações do mesmo gênero, como as pesquisas “Religião e Política nos alunos de Ciências Sociais”, coordenada pelo pesquisador Carlos Alberto Steil, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), “Juventude, religião e política na Baixada Fluminense: ações e representações”, coordenada por Sílvia Regina Fernandes, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e “Perfil da religiosidade do jovem universitário: um estudo de caso na PUC-SP”, coordenada por Jorge Claudio Ribeiro Júnior, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Portanto, a construção e o desenvolvimento do formulário devem ter em vista o contexto da pesquisa e as orientações teóricas dos pesquisadores envolvidos, o momento sociohistórico, aspectos que influenciam nos resultados da investigação. A subjetividade, portanto, está presente inclusive na formulação e seleção das questões em um levantamento de dados (GUERRIERO, 2010).

Os questionários podem ser compostos de perguntas fechadas e podem incluir perguntas abertas, quando se deseja conhecer as sutilezas e aspectos subjetivos do tema, cujas respostas são pós-categorizadas a partir dos padrões e informações extraídas das declarações dos participantes (VASCONCELOS, 2011). Desse modo, o survey desenvolvido para investigar as representações dos estudantes da Unespar alternou as perguntas entre questões de única resposta e de múltipla escolha, escalas de avaliação, e, ainda, espaços em aberto para descrição de justificativas e opiniões que os jovens sem religião quisessem registrar. Consideramos que mesclar tais formas de alternativa auxiliou na compreensão dos posicionamentos e representações dos jovens universitários.

O instrumento elaborado privilegiou quatro blocos de questionamentos. No primeiro bloco, inquirimos sobre os dados socioeconômicos, questões pessoais, da vida acadêmica, escolarização dos pais, além de um conjunto de perguntas que versa sobre compreensões e importância de valores da sociedade. No segundo momento, as indagações referem-se à religião. Perguntamos sobre a opção de religião/crença do jovem ingressante<sup>10</sup>, motivações e influências relativas ao transcendente, questões que envolvem a diversidade de elementos religiosos, a visão de Deus do universitário e se sua religião/crença promove e/ou incentiva a participação em atividades ligadas a organizações ou movimentos sociais. O terceiro bloco questiona acerca dos posicionamentos políticos, a participação dos universitários em atividades e movimentos sociais e políticos, atuação em período eleitoral e da imbricação dos campos da política e da religião. Por fim, no quarto e último bloco, as indagações são relacionadas à identidade juvenil, o que o indivíduo considera como bom e ruim da juventude e quando, em sua concepção, uma pessoa

---

<sup>10</sup> No questionamento “Qual é a sua religião/crença?”, apresentamos as seguintes alternativas de escolha: Afrobrasileira; Católica Apostólica Romana; Espírita; Igreja Assembleia de Deus; Igreja Congregação Cristã do Brasil; Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Igreja Deus é Amor; Igreja Evangelho Quadrangular; Igreja Evangélica Adventista; Igreja Evangélica Batista; Igreja Evangélica Luterana; Igreja Evangélica Metodista; Igreja Evangélica Presbiteriana; Igreja O Brasil para Cristo; Igreja Universal do Reino de Deus; Testemunha de Jeová; Tradições Esotéricas; Religião não determinada ou múltiplo pertencimento; Acredito em Deus, mas não participo de religião; Ateu, não acredito em Deus e Outro. Qual?.



deixa de ser jovem. Ao final do survey havia um campo aberto em que o jovem poderia tecer comentários sobre a pesquisa. O questionário confeccionado encontra-se em anexo ao final do presente estudo<sup>11</sup> (Apêndice 1).

No intuito de ajustar o formulário desenvolvido, realizamos um estudo piloto, refinando o instrumento no que se refere à compreensão das questões pelos participantes, clareza e precisão dos enunciados, quantidade, forma e ordem das perguntas. A aplicação do questionário piloto foi de extrema valia, auxiliando na melhoria do instrumento a partir de dúvidas suscitadas pelos participantes, e na programação do cronograma desenvolvido tendo em vista o tempo médio de duração das respostas.

A partir da elaboração e ajustes realizados após aplicação do piloto, procedemos à fase de organização e planejamento para a pesquisa de campo na Unespar. Estabelecemos parcerias e contatos com os responsáveis pela gestão didático-pedagógica dos câmpus, no intuito de organizar um cronograma para aplicação do survey desenvolvido<sup>12</sup>. O processo de planejamento foi importante a fim de conciliar os horários e períodos de cada curso, as matrizes de disciplinas, adequação ao calendário acadêmico e disponibilidade de infraestrutura dos câmpus da instituição, tais como laboratórios de informática, quantidade de computadores, conectividade, acessibilidade, etc. Compreendemos esta etapa de organização como fundamental na realização da pesquisa, pois a análise prévia e minuciosa de cada etapa do estudo possibilita prever possíveis dificuldades e suas soluções.

A elaboração antecedente de um esquema de pesquisa propiciou a preparação dos passos a serem executadas, viabilizou a investigação e imprimiu uma ordem lógica ao trabalho de campo (MARCONI; LAKATOS, 2003). Tendo em vista as múltiplas dimensões espaço-temporais do estudo em campo, torna-se imprescindível “adequar os tempos, ritmos e horários dos pesquisadores aos das instituições, dos sujeitos, dos locais e dos grupos investigados” (TEIXEIRA, 2011, p. 87). O processo de elaboração e desenho das fases e temporalidades da pesquisa trazem à tona as dinâmicas existentes na investigação social.

---

<sup>11</sup> Na página inicial, o questionário possui uma apresentação que elucida a natureza do estudo e convida o universitário a participar da pesquisa, declarando por meio do termo de consentimento sua atuação voluntária. Ao total, o survey possui 60 questões de diferentes modalidades de resposta, sendo que, em média, o tempo para conclusão foi de 25 minutos. Cabe ressaltar que o questionário foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unespar.

<sup>12</sup> Destacamos a participação e o apoio decisivo de diretores, coordenadores, professores, secretários, técnicos de informática e estagiários que auxiliaram na realização da pesquisa nos câmpus da Unespar.

A pesquisa *in loco* foi desenvolvida nos meses de agosto e setembro de 2014, em que percorremos os sete câmpus da Unespar, nessa sequência: Campo Mourão, Paranavaí, Apucarana, União da Vitória, Curitiba I e II e Paranaguá<sup>13</sup>. O deslocamento até os locais de investigação possibilitou um intercâmbio de conhecimento significativo, além do convívio com os processos e ritos educativos específicos de cada localidade. O desenvolvimento da rotina da pesquisa foi registrado em um diário de campo, bem como os comentários, percepções, gestos e comportamentos dos universitários ao responderem o questionário aplicado. A utilização do diário proporciona um olhar pessoal sobre a conjuntura do ambiente e atores envolvidos, além de congregar os diferentes momentos da pesquisa, desde a primeira ida a campo até a fase final da investigação (CRUZ NETO, 2001).

Consideramos que a pesquisa de campo realizada nos diferentes câmpus da instituição universitária proporcionou uma interação valiosa entre as pesquisadoras e os sujeitos jovens pesquisados, pois “mesmo partindo de planos desiguais, ambas as partes buscam uma compreensão mútua” (CRUZ NETO, 2001, p. 62). Interessante destacar que a temática religiosa questionada no survey estimulou uma autorreflexão dos universitários acerca de suas experiências, representações e compreensões, o que provocou reações de dúvidas, discussões entre os acadêmicos, e inclusive indagações sobre as crenças pessoais das pesquisadoras.

Silas Guerriero, ao explorar os desafios do trabalho de campo nos estudos de religião, ressalta que:

não apenas o investigador tem suas posições acerca do universo religioso, como também o investigado tem não apenas uma religião, mas opiniões sobre a sua religião, a religião do outro e aquela que ele supõe ser a religião do cientista. Nossos nativos não são espectadores ingênuos, nem meras subjetividades, nem sujeitos sem pensamento autônomo e nem mesmo projeções de nossas próprias mentes (GUERRIERO, 2010, p. 56).

A relação de horizontalidade nas pesquisas sociais motiva a reflexão sobre a atuação do pesquisador e os processos de subjetividades envolvidos ao observar ‘o outro’. Ainda que sejamos familiarizados com certos cenários e contextos históricos

---

<sup>13</sup> Torna-se interessante destacar que o período do trabalho de campo foi caracterizado por eventos como protestos e manifestações populares, realização da Copa do Mundo e o momento pré-eleição no Brasil. Tal contexto histórico-social, inevitavelmente, está presente nas respostas e nas análises dos dados produzidos durante o trabalho de campo.

do cotidiano, não conhecemos “o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações” (VELHO, 2008, p. 127).

A realização da pesquisa em todos os câmpus da Unespar resultou em uma gama de dados que apresenta uma diversidade de compreensões dos universitários sobre temáticas da sociedade e as articulações entre religião, política e juventude. O material de campo, como as observações anotadas em diário e os dados quantitativos e qualitativos registrados no survey tornam-se a base e o instrumento para a interpretação de dada realidade sociohistórica compreendida a partir das representações dos ingressantes universitários. A descrição do caminho metodológico trilhado propicia a melhor reflexão dos resultados e problematizações destacadas no estudo e possibilita apreender caracterizações e aspectos da instituição universitária.

### **2.3 Apontamentos sobre a constituição da Unespar: o contexto educacional dos jovens sem religião**

O Ensino Superior, enquanto instituição social, expressa a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo (CHAUI, 2003). Portanto, é possível verificar nas instituições universitárias pensamentos, conceitos, atitudes e projetos divergentes que exprimem as representações e contradições da sociedade, sejam elas de caráter cultural, social e/ou econômico. Reitera-se que,

a universidade pública sempre foi uma instituição social, isto é, uma ação social, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, num princípio de diferenciação, que lhe confere autonomia perante outras instituições sociais, e estruturada por ordenamentos, regras, normas e valores de reconhecimento e legitimidade internos a ela (CHAUI, 2003, p. 5).

Deste modo, é possível compreender a entidade universitária como uma instituição expressiva no meio social, que busca autonomia em relação à produção e democratização do conhecimento, ainda que esteja interligada aos contextos sociais, econômicos e políticos da sociedade. Para Boaventura de Souza Santos (2005, p. 201), “a universidade é um bem público intimamente ligado ao projeto de país”, portanto, verifica-se uma relação imprescindível entre a universidade e o todo social. Consideramos que a concretização da formação educacional dos cidadãos se

efetivará a partir da capacidade do Estado em promover a socialização e o acesso ao meio universitário.

Neste sentido, é possível constatar que no Brasil, sobretudo nas últimas duas décadas, foram propostas soluções referentes à ampliação do acesso ao Ensino Superior e maior equidade através da diversificação do sistema. Isso se deu por meio da criação de novos tipos de instituições e novas modalidades de cursos, como, por exemplo, os cursos à distância e os tecnológicos, que dispõem de menor tempo para conclusão, favorecendo os sujeitos jovens que têm necessidade de adentrar mais rapidamente ao mercado de trabalho. É perceptível a inclusão e permanência de parcela da população jovem, mais precisamente aquela entre 18 e 24 anos – faixa etária considerada ideal para esse nível de ensino –, a partir das melhorias estruturais do Ensino Superior público, com a expansão e interiorização e, bem como, a proposta de políticas de inclusão social e de ações afirmativas<sup>14</sup> (DIÉGUEZ, 2015; CARMO et al., 2014).

Desta forma, é possível conjecturar que, no Brasil, o Ensino Superior público não é mais ocupado exclusivamente pela classe média e pelas elites intelectuais (CARRANO, 2009), em virtude das recentes políticas públicas de democratização do acesso e da ampliação de vagas. Esse fator aponta a necessidade de se compreender qual o perfil desse novo público que passa, a partir de então, a frequentar as universidades brasileiras, embora não se possa afirmar que as condições de ingresso e permanência não sejam ainda influenciadas pelas condições socioeconômicas e demais desigualdades presentes na sociedade, afinal, “os fatores de discriminação, sejam eles a classe, a raça, sexo ou etnia, continuam a fazer do acesso uma mistura de mérito e privilégio” (SANTOS, 2005, p. 171).

De todo modo, cabe destacar que, em 2014, entre os estudantes de 18 a 24 anos, 58,5% frequentavam o Ensino Superior, enquanto que, no ano de 2004, 32,9% dos alunos estavam no nível de ensino recomendado para a sua faixa etária, verificando um significativo crescimento de jovens que ingressaram em instituições universitárias (IBGE, 2015). Ainda que seja perceptível o aumento da população jovem no Ensino Superior e as melhorias na democratização do perfil dos universitários nas redes pública e privada, verifica-se que a realidade educacional

---

<sup>14</sup> Destaca-se a implantação e melhorias de políticas públicas de educação que auxiliam no ingresso e permanência no Ensino Superior, como o Programa Universidade para Todos (ProUni), Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Sistema de Seleção Unificada (Sisu), sistema de cotas, entre outros.

brasileira ainda possui um longo caminho a ser trilhado para avançar no acesso e permanência dos jovens na formação superior, pois “a dívida educacional brasileira é histórica e sua alteração é necessariamente lenta, levando em conta o tempo requerido para a formação de cada nova geração” (IBGE, 2015, s/p).

No que tange à criação de novas instituições universitárias e a interiorização do Ensino Superior, torna-se interessante compreender que, na legislação federal, as instituições podem ser diferenciadas entre a) faculdades; b) centros universitários; e c) universidades, de acordo com sua organização e prerrogativas acadêmicas<sup>15</sup>. As instituições credenciadas como universidades são caracterizadas pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, e pelo reconhecimento como instituições pluridisciplinares de formação de profissionais de nível superior, de pesquisa e de extensão. Ainda, nas universidades, um terço do corpo docente deve possuir titulação acadêmica de mestrado ou doutorado, e dedicação em regime de tempo integral (BRASIL, 2006).

Sobre tal contexto, cabe verificar os aspectos que tangem à recente constituição da Universidade Estadual do Paraná (Unespar)<sup>16</sup>. Seu credenciamento, ocorrido pelo Decreto 9.538, de 5 de dezembro de 2013, deu-se a partir da integração de sete faculdades públicas estaduais, autônomas na gestão acadêmica e administrativa, e que serão detalhadas adiante. Portanto, os ingressantes em 2014 – participantes desta investigação – constituem o primeiro grupo de estudantes a iniciar a graduação na universidade, recém-unificada. Desse modo, podemos compreender que essa nova realidade, a partir da constituição da universidade, traz uma concepção diferenciada na multiplicidade de vivências universitárias, no plano pedagógico, na forma de ingresso padronizado, além das diversas expectativas do cenário educacional.

A integração de organizações autônomas em uma única instituição universitária implica o que Boaventura de Souza Santos (2005) compreende como a

---

<sup>15</sup> Cf. Decreto 5.773, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/decreto/d5773.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5773.htm). Acesso em: 29 jan. 2016.

<sup>16</sup> A Universidade Estadual do Paraná é composta pelos câmpus de Apucarana, Campo Mourão, Curitiba I, Curitiba II, Paranaguá, Paranavaí e União da Vitória. Ao todo, a universidade conta com 68 cursos de graduação, sendo 38 licenciaturas e 30 bacharelados, e com dois cursos de mestrado em funcionamento, sendo os Programas de Pós-Graduação “Sociedade e Desenvolvimento”, no câmpus de Campo Mourão e em “Formação Docente Interdisciplinar”, no câmpus de Paranavaí. Informações disponíveis em: <http://www.unespar.edu.br/>. Acesso em: 29 jan. 2016.

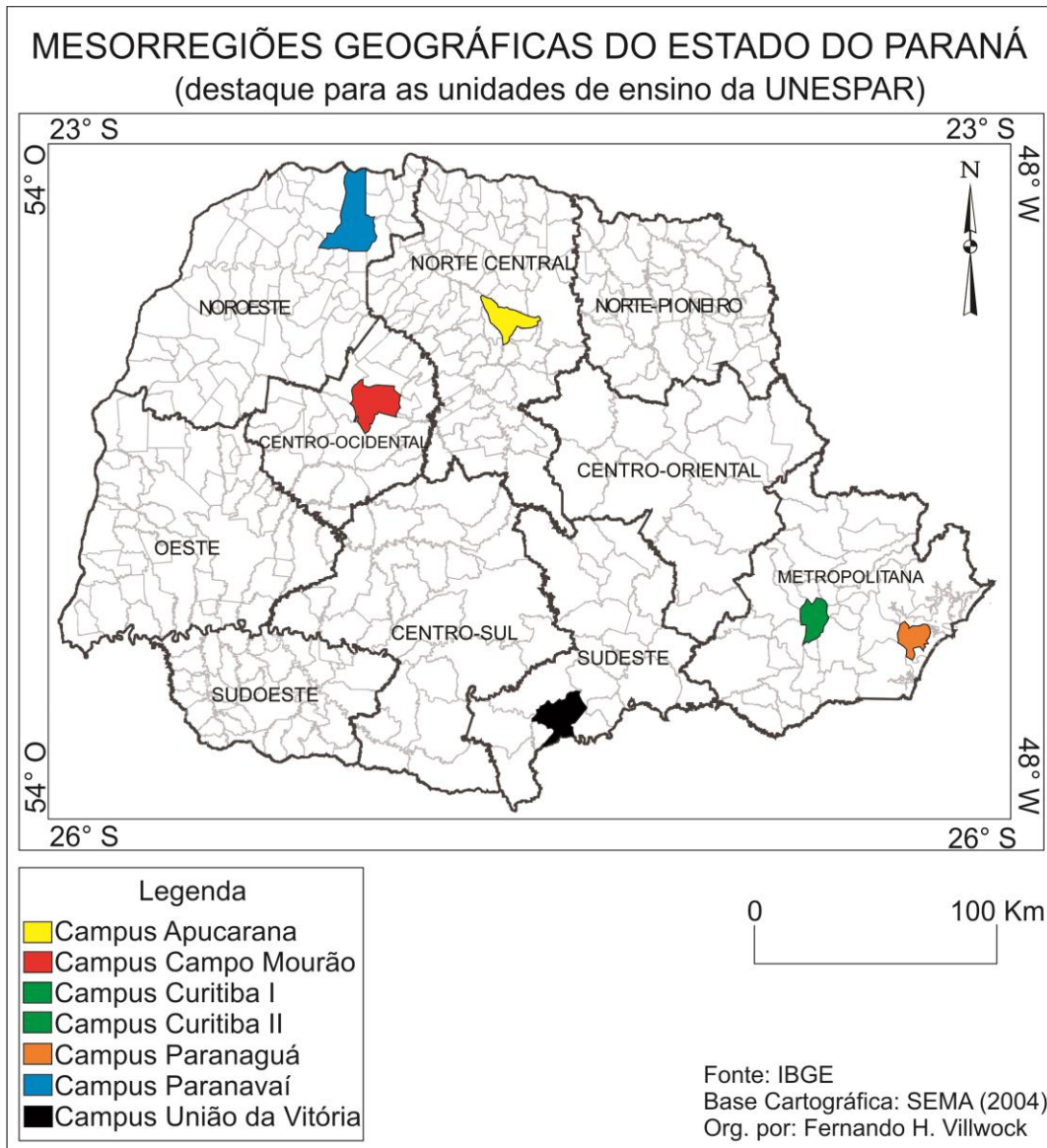
produção do bem público em rede, constituindo uma revolução institucional e uma revolução nas mentalidades. A reforma em rede fortalece a universidade pública no seu conjunto de modo a aprimorá-la, além de integrar a operacionalização ao buscar sinergias equivalentes e maximizar as atividades funcionais. Assim, para Santos,

a construção da rede pública implica a partilha de recursos e de equipamentos, a mobilidade de docentes e estudantes no interior da rede e uma padronização mínima de planos de cursos, de organização do ano escolar, dos sistemas de avaliação. Nada disto tem de eliminar as especificidades com que cada universidade pretende responder ao contexto local ou regional em que se insere. Pelo contrário, essa especificidade, ao ser mantida, pode ser valorizada no interior da rede. A rede visa, pois, fortalecer a universidade no seu conjunto ao criar mais polivalência e descentralização (SANTOS, 2005, p. 188).

Entretanto, o pesquisador destaca, ainda, que criar uma cultura de rede nas universidades pode ser tarefa complexa, pois tal concepção se consolida paulatinamente, modificando o modelo de institucionalidade rígido que hoje domina o funcionamento e o conhecimento universitário para uma dinâmica pluriversitária (SANTOS, 2005). Tendo em vista a compreensão da conjuntura de rede universitária, destacamos a realidade multicampi da Unespar, que motiva diferentes implicações para o perfil dos jovens universitários, a partir das múltiplas experiências oriundas dos contextos socioculturais, educacionais e regionais.

Ao tratarmos das representações político-religiosas dos ingressantes sem religião da Unespar, torna-se interessante caracterizar a instituição no intuito de perceber suas especificidades e o cenário educacional o qual os estudantes vivenciam, enquanto alunos que ingressam na então universidade recém-constituída. Os sete câmpus da Unespar estão localizados nas mesorregiões noroeste, norte central, centro-ocidental e sudeste paranaense, além da mesorregião metropolitana de Curitiba, conforme visualizado na figura a seguir.

Figura 1: Localização dos câmpus da Unespar nas mesorregiões do Paraná.



Vale ressaltar que, no contexto do estado do Paraná, realizaram-se desde a década de 1960 o movimento de implantação de faculdades e universidades pelo interior do estado (REISDORFER, 2014), sendo que atualmente conta-se com sete universidades estaduais espalhadas pelo território paranaense<sup>17</sup>.

A constituição da Unespar se deu pela composição de distintas instituições estaduais de Ensino Superior, de modo que cabe averiguar as particularidades

<sup>17</sup> As sete universidades estaduais do Paraná são: Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual de Maringá (UEM); Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste); Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro); Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP); e por fim, a Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Vale ainda mencionar as instituições federais no estado, sendo a Universidade Federal do Paraná (UFPR), a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), o Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Paraná (IFPR), além, das instituições de Ensino Superior particulares.

histórico-sociais dos câmpus alocados em cinco mesorregiões do estado, o que suscita diversas conjunturas populacionais, de grupos étnicos e culturais, e realidades educacionais diferentes, de opções de cursos, horários, oferta de vagas, de infraestrutura e perfil da formação docente. Os apontamentos subsequentes possibilitam a melhor compreensão do contexto regional dos sete câmpus da Unespar e dos ingressantes pesquisados. As informações sobre o quantitativo de alunos identificados como sem religião e os respectivos câmpus e cursos, podem ser visualizadas no Apêndice 2.

O câmpus de Apucarana está localizado na Mesorregião Norte Central do Paraná. O município, emancipado em 1943, conta com uma população de mais de 120 mil habitantes (IBGE, 2010), e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM é de 0,748 (PNUD, 2013)<sup>18</sup>. Sobre a composição religiosa de Apucarana observa-se o quantitativo de 85.717 declarantes como católicos, 26.131 de origem evangélica e 4.275 sem religião<sup>19</sup> (IBGE, 2010).

O câmpus de Campo Mourão está localizado na Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense. O município foi emancipado em 1947, e atualmente conta com população de mais de 87 mil habitantes. Podemos apontar, ainda, que 60.513 pessoas são da religião católica, 20.720 de religiões evangélicas e 3.373 declaram-se como sem religião<sup>20</sup> (IBGE, 2010). O IDHM do município corresponde a 0,757 (PNUD, 2013).

O município de Curitiba, localizado na Mesorregião Metropolitana, abriga dois câmpus da Unespar. A capital do estado do Paraná teve sua formação administrativa em 1693 e atualmente possui mais de 1,7 milhões de habitantes, e IDHM de 0,823 (PNUD, 2013). O conjunto religioso de Curitiba refere-se a 1.088.307

---

<sup>18</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma medida resumida do progresso, a longo prazo, em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. Sendo assim, o IDHM é um número que varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano de um município. No aspecto estadual, o Índice de Desenvolvimento Humano do Paraná, é de 0,749, em 2010, e ocupa o 5º lugar no ranking estadual, ficando atrás dos estados do Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e Distrito Federal (PNUD, 2013).

<sup>19</sup> Conforme dados de 2010, ao total 4.574 habitantes de Apucarana foram agrupados na categoria sem religião, sendo que, 290 são ateus, 9 pessoas são agnósticas e, por fim, 4.275 são sem religião (IBGE, 2010).

<sup>20</sup> A categoria sem religião totalizou 3.624 declarantes em Campo Mourão, destes 240 são ateus, 11 são agnósticos e 3.373 são sem religião (IBGE, 2010).



de católicos, 424.628 de evangélicos e 103.358 declarantes como sem religião<sup>21</sup> (IBGE, 2010).

O câmpus de Paranaguá está localizado na Mesorregião Metropolitana de Curitiba. O município fundado em 1648, conta com mais de 140 mil habitantes, sendo que a composição religiosa refere-se a 59.638 declarantes como católicos, 53.731 evangélicos e 20.739 pessoas sem religião<sup>22</sup> (IBGE, 2010). Paranaguá possui o IDHM de 0,750 (PNUD, 2013).

O câmpus de Paranaíba localiza-se na Mesorregião Noroeste Paranaense. O município foi emancipado em 1951 e possui IDHM de 0,763 (PNUD, 2013). Conta com população de mais de 81 mil habitantes, sendo que 57.704 declaram-se de religião católica, 16.811 evangélicos e 3.519 sem religião<sup>23</sup> (IBGE, 2010).

Por fim, o câmpus de União da Vitória encontra-se na Mesorregião Sudeste Paranaense. União da Vitória torna-se município em 1890, e atualmente possui mais de 52 mil habitantes e IDHM de 0,740 (PNUD, 2013). A população é constituída por 40.711 declarantes como católicos, 8.827 evangélicos e 684 pessoas sem religião<sup>24</sup> (IBGE, 2010).

As características destacadas sobre o contexto regional, no que tange à circunstância socioeconômica e religiosa dos municípios paranaenses, intentam demonstrar a dinâmica social na qual os jovens sem religião pesquisados encontram-se inseridos. Do mesmo modo, entendemos que a compreensão do perfil dos universitários também possibilita visualizar as transformações e vicissitudes inerentes a conjuntura social, pois são parte e também agentes da realidade experimentada. Portanto, além do contexto ressaltado, verificamos no próximo tópico as particularidades que compreendem o perfil dos universitários sem religião investigados neste estudo.

---

<sup>21</sup> Em Curitiba, observa-se que 118.386 pessoas foram agrupadas na denominação sem religião. Desta população, 11.201 declaram-se como ateus, 3.828 como agnósticos e, portanto, 103.358 como sem religião (IBGE, 2010).

<sup>22</sup> Ao total, 21.568 habitantes de Paranaguá estão na categoria sem religião, ao subdividi-la, verificamos que 818 são ateus, 10 agnósticos e 20.739 são sem religião (IBGE, 2010).

<sup>23</sup> Em Paranaíba, totalizou-se 3.645 no conjunto maior dos sem religião, sendo que, 125 declararam-se como ateus e 3.519 como sem religião (IBGE, 2010).

<sup>24</sup> Na categoria sem religião em União da Vitória verificou-se um total de 1.212 pessoas. Desta população, 480 declaram-se como ateus, 48 são agnósticos e 684 são sem religião (IBGE, 2010).

## 2.4 Perfil dos jovens sem religião ingressantes em 2014 na Unespar

A pesquisa realizada nos sete câmpus da Unespar obteve a participação de um total de 1.649 estudantes, que responderam ao instrumento aplicado nas turmas de primeiro ano, de todos os cursos da instituição. Ao realizar a delimitação de análise, considerando apenas os jovens (até 29 anos) e ingressantes de 2014, obtivemos um total de 1.313 participantes<sup>25</sup>. Conforme já ressaltado, entre os escopos da pesquisa, além de conhecer o perfil e conjunturas identitárias dos alunos que ingressam na Unespar, busca-se identificar e compreender as representações, atuações e aproximações dos jovens nos campos da religião e da política. Assim, destacamos inicialmente a composição religiosa declarada pelos 1.313 jovens universitários ingressantes. Ressaltamos que, dos jovens ingressantes da Unespar participantes da pesquisa, 53% declararam-se católicos, 17% evangélicos das diversas denominações e 11% sem religião:

Quadro 2: Distribuição dos jovens ingressantes da Unespar por religião/crença.

| Religião/crença                                    | Jovens ingressantes | %    |
|--|---------------------|------|
| Católica Apostólica Romana                         | 698                 | 53%  |
| Evangélico   | 224                 | 17%  |
| Igreja Assembleia de Deus                          | 61                  | 4,6% |
| Igreja Congregação Cristã do Brasil                | 42                  | 3,1% |
| Igreja Evangélica Batista                          | 38                  | 2,8% |
| Igreja Evangelho Quadrangular                      | 29                  | 2,2% |
| Igreja Evangélica Presbiteriana                    | 16                  | 1,2% |
| Igreja Evangélica Adventista                       | 11                  | 0,8% |
| Igreja Evangélica Luterana                         | 6                   | 0,5% |
| Igreja Evangélica Metodista                        | 6                   | 0,5% |
| Testemunha de Jeová                                | 6                   | 0,5% |
| Igreja Deus é Amor                                 | 5                   | 0,4% |
| Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias | 2                   | 0,2% |
| Igreja Universal do Reino de Deus                  | 2                   | 0,2% |

<sup>25</sup> O total corresponde aos 1.313 questionários completados, de modo que as análises foram realizadas apenas com os participantes que responderam a todas as questões, sendo que os questionários incompletos não foram utilizados.

|  |       |      |
|--|-------|------|
| Acredito em Deus, mas não participo de religião <sup>26</sup>    | 150   | 11%  |
| Ateu, não acredito em Deus                                       | 63    | 5%   |
| Religião não determinada ou múltiplo pertencimento               | 29    | 2%   |
| Espírita   | 23    | 2%   |
| Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana) | 6     | 1%   |
| Tradições Esotéricas   | 3     | -    |
| Não declarado  | 1     | -    |
| Outro. Qual?   | 116   | 9%   |
| Total  | 1.313 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme é possível visualizar, o perfil religioso dos ingressantes da Unespar contempla diversas denominações e crenças. Tendo em consideração o conjunto de elementos religiosos passíveis de serem investigados, delimitamos o trabalho investigativo. Cabe esclarecer que a delimitação do estudo é um procedimento possível tanto em relação ao assunto – em que se seleciona um tópico, a fim de impedir que se torne amplo ou muito complexo, nos limites de uma pesquisa dissertativa –, quanto à extensão, pois nem sempre se pode abranger todo o âmbito no qual o fato se desenrola; e ainda, aos demais fatores, meios humanos, econômicos e de prazo que devem ser observados (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Desse modo, além do recorte que delimita a pesquisa apenas entre os jovens e ingressantes de 2014, optamos pelos dados referentes aos jovens que se declaram sem religião, sendo 150 universitários que, diante da questão acerca da religião/crença, elegeram a opção “Acredito em Deus, mas não participo de religião”<sup>27</sup>, assim distribuídos entre os câmpus da Unespar:

<sup>26</sup> Para contextualizar, destacamos que a opção de resposta “Acredito em Deus, mas não tem religião” foi utilizada na pesquisa “Perfil da juventude brasileira” (ABRAMO; BRANCO, 2008). No projeto “Juventudes Sul-americanas: diálogos para construção da democracia regional” (IBASE/PÓLIS, 2008), foi utilizada a expressão “Tenho fé, mas não tenho religião” como alternativa de resposta.

<sup>27</sup> Embora o questionário não contemple a auto declaração ‘sem religião’, ratificamos que tal categoria permite a compreensão de não participação religiosa, noção utilizada neste trabalho, podendo se configurar em afastamento ou desfiliação, bem como, a não-adesão a uma instituição ou identidade religiosa, conforme será abordado na sequência.

Quadro 3: Distribuição dos jovens ingressantes e dos jovens ingressantes sem religião em cada câmpus da Unespar.

| <b>Câmpus</b>    | <b>Jovens ingressantes</b> | <b>Jovens sem religião</b> |
|------------------|----------------------------|----------------------------|
| Apucarana        | 216                        | 30                         |
| Campo Mourão     | 282                        | 19                         |
| Curitiba I       | 37                         | 6                          |
| Curitiba II      | 94                         | 18                         |
| Paranaguá        | 154                        | 20                         |
| Paranavaí        | 326                        | 35                         |
| União da Vitória | 204                        | 22                         |
| <b>Total</b>     | <b>1.313</b>               | <b>150</b>                 |

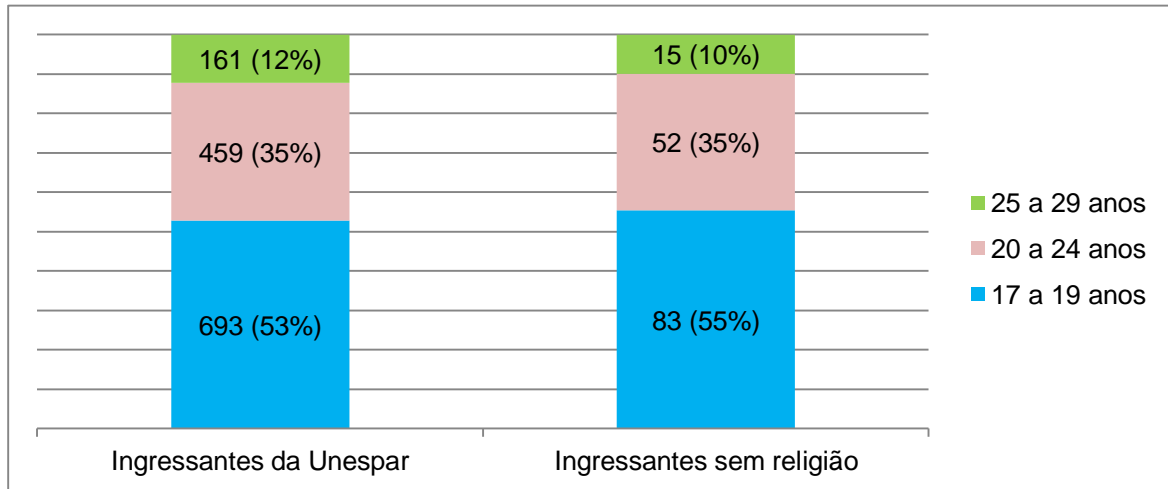
Fonte: Dados da pesquisa.

Para efeitos de análise, apresentamos alguns dados dos 150 jovens sem religião em comparativo com a amostra maior dos 1.313 jovens ingressantes da Unespar, no intuito de averiguar se existem diferenças ou especificidades na condição socioeconômica dos estudantes investigados, sendo possível estabelecer um perfil dos acadêmicos que ingressam na instituição em 2014.

No que tange ao aspecto etário dos universitários, organizamos os dados dos jovens sem religião em três grupos de idades, em que visualizamos os seguintes perfis: na faixa entre 17 a 19 anos, situam-se 55% dos jovens sem religião, entre 20 a 24 anos, são 35% e, por fim, entre 25 a 29 anos constatamos 10% dos estudantes<sup>28</sup>. Para fins comparativos, é possível verificar que o perfil etário dos estudantes sem religião acompanha a amostra maior dos 1.313 ingressantes. Destacamos que a maior parcela de estudantes da Unespar está situada entre a faixa etária mais nova (17 a 19 anos), sendo 53% dos ingressantes da Unespar e 55% dos universitários sem religião.

<sup>28</sup> Tais grupos etários são destacados por Regina Novaes (2013) como uma proposição próxima ao utilizado pelo Conselho Nacional de Juventude (Conjuve). Estabelecidos entre os jovens-adolescentes, de 15 a 18 anos; jovens-jovens aqueles que estão entre 19 e 24 anos e, por fim, se denomina jovens-adultos a faixa etária entre 25 e 29 anos.

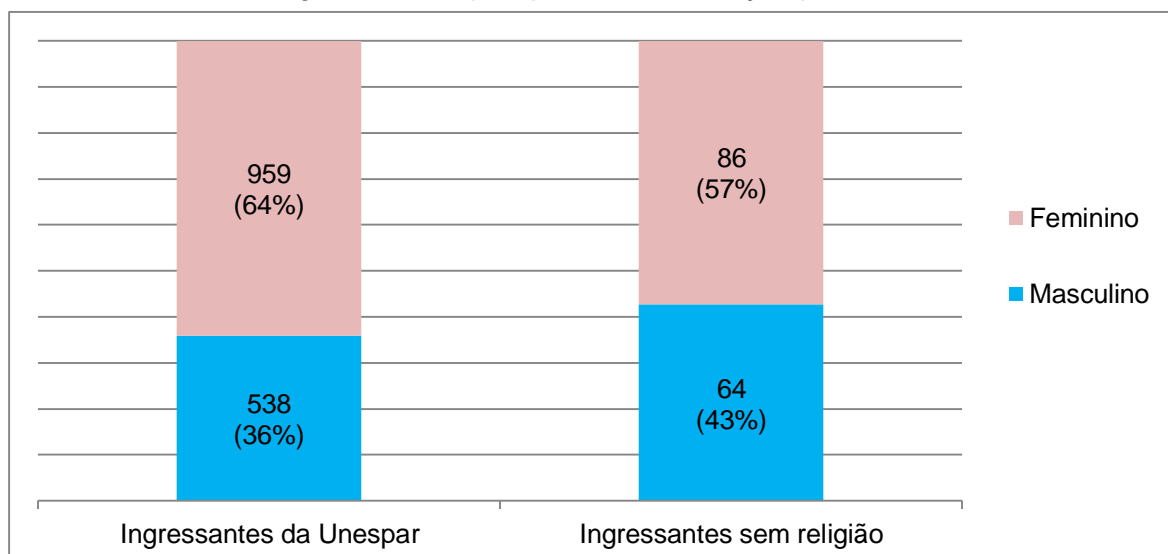
Gráfico 1: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto à distribuição por grupos etários.



Fonte: Dados da pesquisa.

Tratando, ainda, sobre o perfil dos acadêmicos sem religião, verificamos que 57% são do sexo feminino, sendo 86 acadêmicas e 43% do sexo masculino, ou 64 universitários. Em relação à amostra maior dos ingressantes da Unespar, averiguamos que 64% dos estudantes são do sexo feminino e 36% do sexo masculino. Em ambos os perfis, visualizados no Gráfico 2, percebemos a maior presença de mulheres estudantes no espaço universitário, entretanto salientamos que, dentre os 150 jovens ingressantes sem religião, o índice percentual de estudantes do sexo masculino (43%) é ligeiramente maior que em relação à amostra geral dos 1.313 universitários (36%).

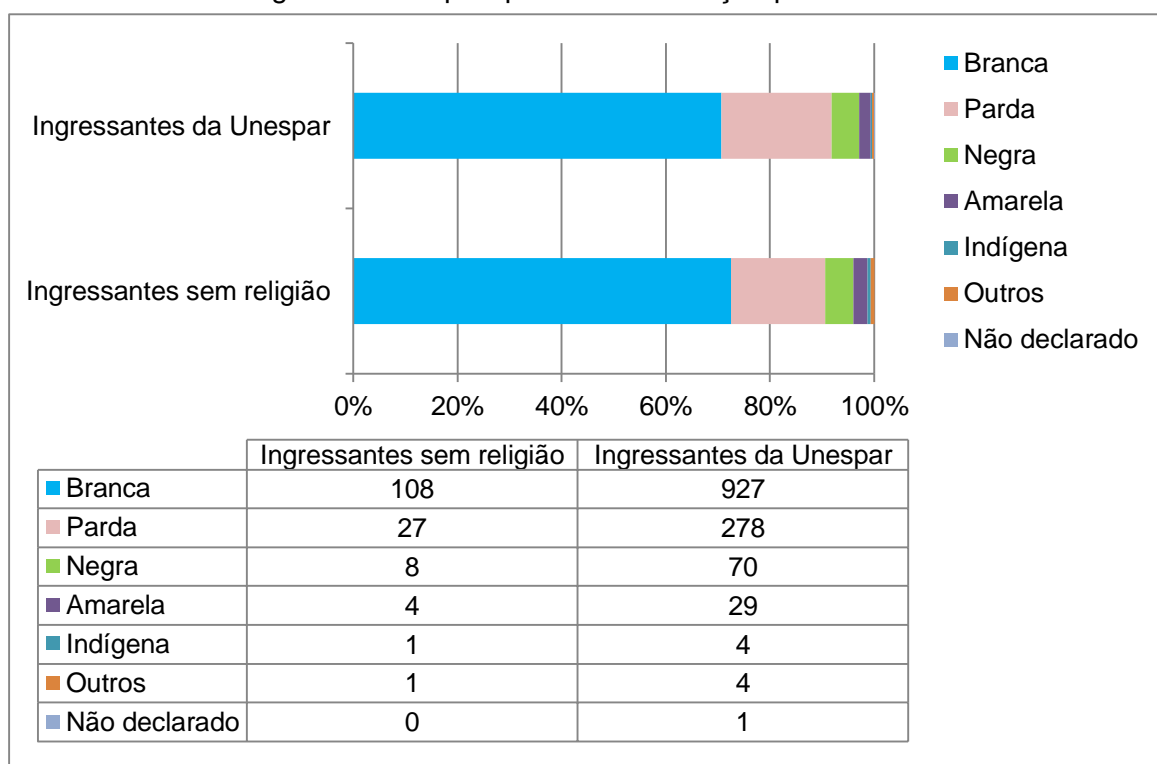
Gráfico 2: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto à distribuição por sexo.



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto à cor/etnia dos jovens estudantes sem religião, a declaração majoritária é branca (72%), seguida de parda (18%), negra (5%), amarela (2%), e outras (3%)<sup>29</sup>. No que tange à amostra geral dos ingressantes da Unespar, verificamos as seguintes declarações de cor/etnia: branca (71%), parda (21%), negra (5%), amarela (2%), e outras (1%). Desse comparativo, destacamos que em ambas as amostras o quantitativo percentual de jovens brancos na universidade é maior em relação às demais categorias de cor/etnia declaradas. Nesse sentido, compreendemos, como Corbucci, que o acesso à educação superior, a partir da variável étnica, evidencia profundas desigualdades entre os jovens brasileiros, sendo o “hiato existente entre brancos, de um lado, e pretos/pardos, de outro” (CORBUCCI, 2014, p. 20).

Gráfico 3: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto à distribuição por cor/etnia.



Fonte: Dados da pesquisa.

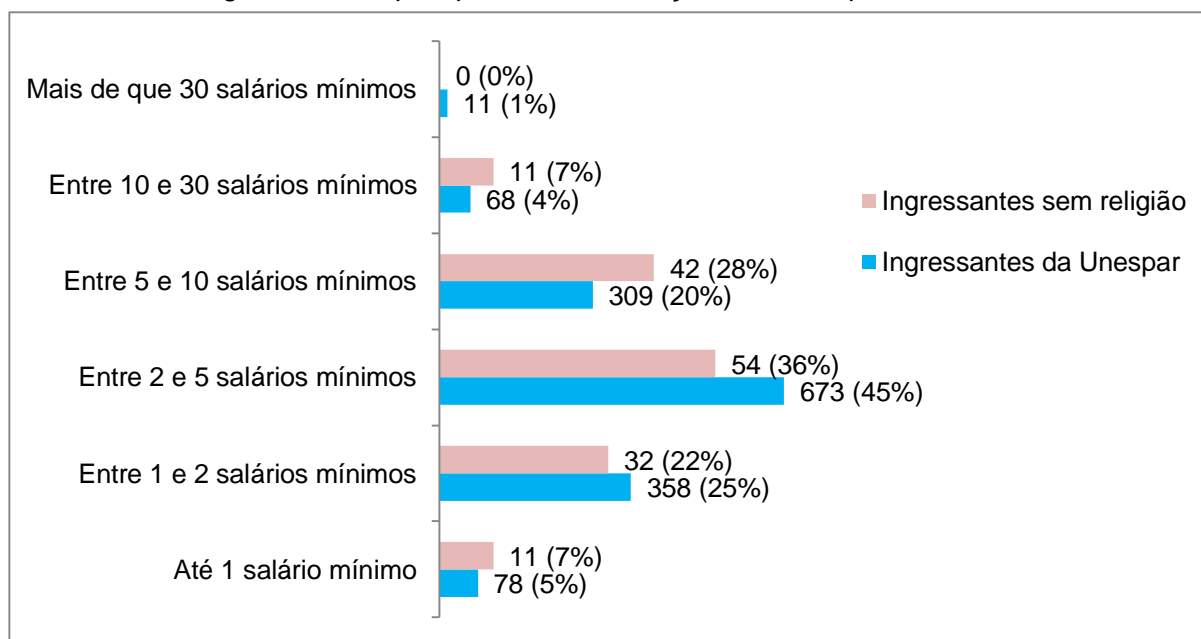
A respeito do estado civil, a expressiva maioria dos ingressantes sem religião é solteira, representando 91% dos universitários pesquisados. São também indicadas as opções de união estável (5%), casado(a) apenas no civil (2%),

<sup>29</sup> Foram apontadas, ainda, as seguintes cores/etnias: Cuiá (1%), Indígena (1%) e mestiça branco/amarela (1%).

divorciado(a) (1%) e separado(a) (1%). Sobre a amostra geral dos 1.313 ingressantes da Unespar, apontamos que 89% declaram-se como solteiros(as), ainda, verificaram-se estudantes na condição de união estável (4%), casado(a) no civil e no religioso (4%), casado (a) apenas no civil (2%) e divorciado(a) (1%). Verificamos, portanto, que ambos os perfis dos universitários são compostos, em sua maioria, por jovens solteiros(as), sendo 91% entre os sem religião e 89% entre o total de ingressantes.

Destacamos, ainda, os dados que tangem ao perfil econômico dos jovens sem religião participantes da pesquisa. A renda familiar dos universitários é demonstrada no Gráfico 4, a seguir, tendo em vista o comparativo entre os acadêmicos sem religião e os ingressantes da amostra maior.

Gráfico 4: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto à distribuição de renda por domicílio.



Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre os percentuais apresentados, salientamos que a categoria de renda por domicílio entre 2 a 5 salários mínimos é apontada pela maioria dos estudantes, assinalada por 36% dos 150 ingressantes sem religião e por 45% dos 1.313 acadêmicos da amostra geral. Cabe ressaltar que nos níveis de renda mais altos é possível visualizar índices percentuais maiores entre os jovens sem religião. Desse modo, na posição econômica constituída entre 5 e 10 salários, constatamos uma porcentagem maior de jovens sem religião (28%) em comparação ao total de

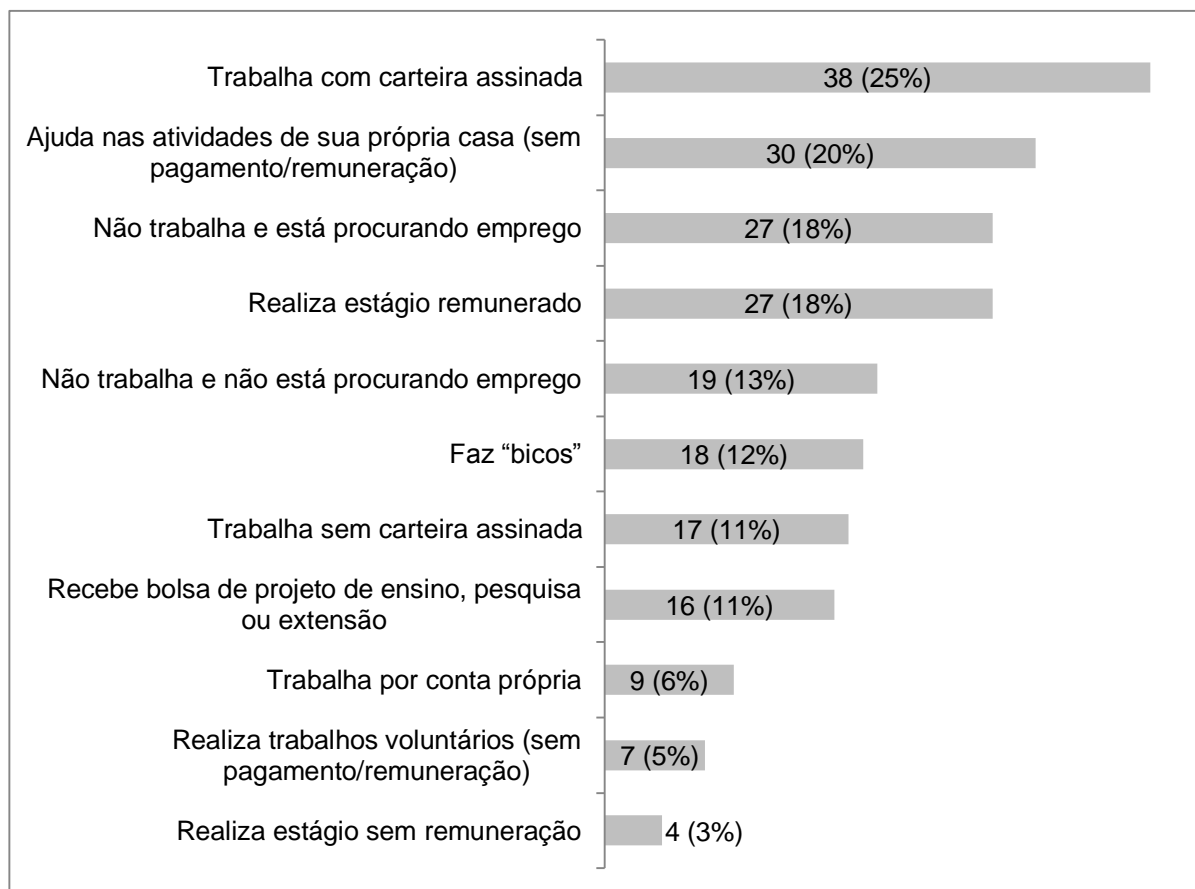
ingressantes da Unespar (20%), assim como ocorre no extrato de renda familiar entre 10 e 30 salários mínimos, no qual há maior presença dos estudantes sem religião (7%), em comparativo com a amostra total de jovens ingressantes (4%). A partir destes dados, podemos especular sobre uma possível melhor condição econômica familiar dos universitários que não participam de religião.

Dos comparativos realizados entre os 150 jovens sem religião e os 1.313 jovens ingressantes da Unespar, no que tange às questões referentes à idade, sexo, cor/etnia e estados civil, verificamos similaridades percentuais em ambas as amostras averiguadas. Percebemos, entretanto, que, quando comparamos os grupos de ingressantes no que se refere à renda por domicílio, visualizamos certo grau de diferença sobre uma circunstância econômica familiar mais favorável dos acadêmicos que acreditam em Deus, mas não participam de religião. A partir de tal indicação, exploramos demais questões relacionadas à conjuntura econômica dos jovens ingressantes sem religião.

Destacamos a situação de trabalho declarada pelos universitários sem religião a partir de uma questão de resposta múltipla. É possível verificar, no Gráfico 5, as variadas atividades laborais dos jovens, sendo que a circunstância de trabalhar com carteira assinada foi apontada por 25% dos estudantes sem religião. Apontamos, ainda, que outras atividades de trabalho foram assinaladas como, ajudar nas atividades da casa sem remuneração, realizar estágio remunerado, não trabalhar e estar procurando emprego, entre outras, como visualizamos a seguir:



Gráfico 5: Situação laboral dos jovens sem religião ingressantes da Unespar (resposta múltipla).



Fonte: Dados da pesquisa.

Observamos, portanto, que a condição de atividade de trabalho dos jovens sem religião diz respeito a variadas circunstâncias. Desse modo, indagamos sobre a participação do universitário na vida econômica familiar. Podemos perceber no Quadro 4, a seguir, que grande parte dos universitários sem religião trabalha, mas recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas (41%), ou que não trabalha e seus gastos são sustentados pela família (31%), indicando uma dependência financeira familiar.

Quadro 4: Trabalho e participação na vida econômica da família dos jovens sem religião ingressantes da Unespar.

| Participação na vida econômica da família                             | Jovens sem religião | %   |
|---|---------------------|-----|
| Trabalho, mas recebo ajuda financeira da família ou de outras pessoas | 61                  | 41% |
| Não trabalho e meus gastos são sustentados pela família ou por        | 47                  | 31% |

|  |     |      |
|--|-----|------|
| outras pessoas   |     |      |
| Trabalho, sou responsável pelo meu próprio sustento e contribuo parcialmente para o sustento da família ou de outras pessoas | 28  | 19%  |
| Trabalho, sou responsável pelo meu próprio sustento e/ou da minha família e não recebo ajuda financeira                      | 14  | 9%   |
| Total  | 150 | 100% |

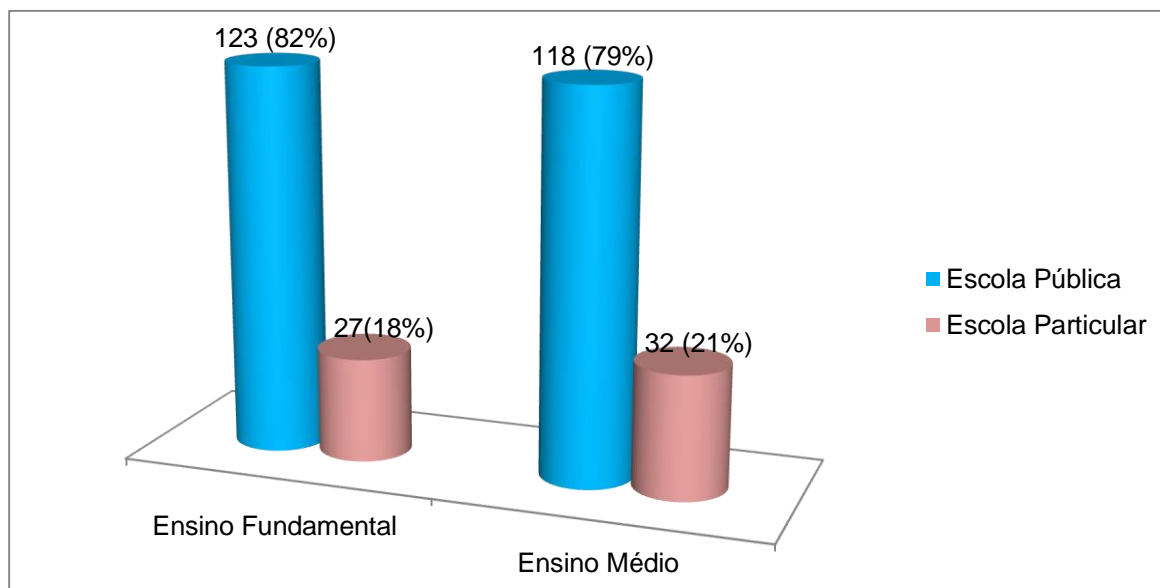
Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados apontam para uma vinculação familiar e são corroborados com a condição domiciliar da maioria dos estudantes sem religião, que continuaram morando na casa dos pais ou familiares (79%), ainda que após o ingresso na universidade. A distribuição nas demais opções assinaladas pelos universitários pesquisados foi: passou a morar sozinho(a): 8%; continuou morando sozinho(a) ou com esposa(o): 6%; passou a morar em república ou com amigos(as): 6%; e passou a morar em pensionato: 1%.

Tendo em vista a vivência familiar dos ingressantes sem religião da Unespar, cabe ressaltar o grau de escolaridade dos pais, aspecto significativo na formação acadêmica juvenil. Verificamos que 11% dos pais dos jovens sem religião completaram o Ensino Fundamental e 17% o Ensino Médio. Ainda, 12% dos pais concluíram o Ensino Superior e 3% a Pós-Graduação (especialização, mestrado ou doutorado completo). Quanto à escolaridade das mães dos acadêmicos sem religião, 9% concluíram o Ensino Fundamental, 26% o Ensino Médio, 10% o Ensino Superior e, ainda, 10% das mães dos ingressantes possuem a Pós-Graduação (especialização, mestrado ou doutorado completo). A partir de tais indicativos, podemos conjecturar sobre a aspiração ou a continuidade por escolaridade da próxima geração, com a entrada dos jovens na universidade.

No que tange à formação e experiência educacional dos universitários sem religião, indagamos sobre a formação no ensino fundamental e médio realizada em instituições públicas ou particulares. Conforme visualizamos no Gráfico 6, os acadêmicos sem religião da Unespar são, em sua maioria, provenientes de escolas públicas.

Gráfico 6: Formação dos jovens sem religião ingressantes da Unespar em escola pública ou particular (Ensino Fundamental e Médio).



Fonte: Dados da pesquisa.

Verificamos, portanto, que a maior parte dos jovens sem religião da Unespar obteve a formação educacional em escolas públicas (82% no ensino fundamental e 79% no Ensino Médio). Desse modo, cabe destacar que a subjetivação dos estudantes pode ser distinta de acordo com o tipo de instituição, pois aludem a oportunidades materiais e simbólicas bastante diferenciadas, afinal, as contradições consideráveis entre o ensino público e privado são dispositivos significantes para compreender a vivência educacional do estudante, assim como, a origem social e o capital cultural familiar (CASTRO, 2012).

Quando interrogados se já haviam ingressado em outro curso de Ensino Superior, 75% dos ingressantes sem religião responderam que não e 18% afirmaram que ingressaram, mas desistiram ou trancaram o curso sem concluir. A motivação para a escolha do curso universitário em que estava inserido foi realizada em pergunta com opção de resposta múltipla, sendo que as principais alternativas assinaladas pelos estudantes sem religião foram: interesse pessoal (77%), mercado de trabalho (33%), família (20%) e segunda opção no vestibular (15%).

Tendo em vista os dados produzidos e apresentados pela pesquisa, podemos distinguir que o perfil dos ingressantes sem religião da Unespar refere-se a jovens estudantes, prevalecendo os grupos etários entre 17 e 24 anos (90%), de maioria do sexo feminino (57%), majoritariamente de cor/etnia branca (72%) e expressivamente solteiros(as) (91%). Sobre os aspectos que tratam da condição econômica dos

ingressantes sem religião pesquisados, conjecturamos sobre uma condição econômica familiar mais favorável, quando comparados com a amostra geral dos jovens ingressantes da Unespar.

De todo modo, grande parte dos jovens sem religião trabalham, mas recebem ajuda financeira da família (41%), ou não trabalham e seus gastos são sustentados pela família (31%), indicando uma dependência financeira dos estudantes pesquisados. Visualizamos que a maior parte desses acadêmicos é proveniente de instituições educacionais públicas, tanto na formação do Ensino Fundamental (82%), quanto do Ensino Médio (79%). Ressaltamos, ainda, que a maioria dos jovens estudantes sem religião afirmou que é a primeira vez que ingressa em um curso do Ensino Superior (75%).

Ao investigar o perfil dos universitários sem religião, destacamos alguns aspectos significativos para a melhor compreensão de parte da vivência, cotidianidade, histórico familiar, condição econômica e educacional dos ingressantes de 2014. As informações explicitadas sobre os aspectos socioeconômicos dos acadêmicos que se declaram sem religião são fundamentais para compreender as conjunturas histórico-sociais inerentes à sua identidade e contextualizar o *modus vivendi* dos ingressantes sem religião da Unespar.

Considerando o contexto apresentado, cabe identificar e problematizar as dimensões que tratam da relação do universitário com o campo religioso e político. Indagamos sobre as motivações e influências da religião e os caminhos trilhados pelos acadêmicos, entre as experiências e composições próprias de religiosidades. Refletimos, ainda, a respeito dos posicionamentos e participações político-sociais, e a compreensão dos estudantes sobre a relação entre política e religião. Afinal, ao problematizar os jovens universitários, consideramos a importância de se atentar para a multiplicidade social, cultural, étnica, de gênero, entre outras, que essa categoria abrange (ZAGO, 2006). Portanto, faz-se relevante a ampliação dos estudos que visem compreender a constituição da identidade do jovem universitário enquanto sujeito cultural, para além de sua condição de aluno de uma determinada instituição universitária.

### **CAPÍTULO 3**

#### **JOVENS SEM RELIGIÃO: O QUE ELES TÊM PARA NOS DIZER?**

A discussão acerca dos jovens sem religião é composta por questões complexas e múltiplas, que evidenciam sujeitos contemporâneos de simultâneas composições simbólicas. Tendo como pano de fundo as considerações teóricas já apresentadas, e inseridas na abordagem da complexidade e da interdisciplinaridade, buscamos compreender as representações dos ingressantes sem religião da Unespar no que tange aos campos da religião e da política. Refletimos a respeito dos valores significativos na construção identitária do jovem sem religião, questionamos quais os tipos de crenças e religiosidade que produzem e sobre as interpretações e sentimentos relacionados aos elementos transcendentais. As indagações também cogitam sobre os principais motivos para a recusa ou afastamento – ainda que temporário – do vínculo institucional.

Dessa forma, apresentamos neste capítulo as considerações que compreendem a relação dos jovens com a dimensão político-religiosa, tendo em vista o contexto histórico e local do estudo realizado nos câmpus da Unespar, com ingressantes no meio universitário. A problematização é composta por dados gerados pela plataforma survey e a interpretação e análise das questões abertas do questionário. Ressaltamos que todas as respostas declaradas pelos estudantes são apresentadas por meio de nomes fictícios, para resguardar a identidade dos sujeitos participantes. As narrativas e os dados percentuais dos jovens sem religião são discutidos a partir da interlocução com as Ciências Sociais e também por meio de comparativos com demais estudos que investigam os universitários e a relação com o campo religioso e político.

Em um primeiro momento, destacamos os aspectos que tratam da vivência religiosa do jovem universitário, as aproximações, trânsitos por instituições religiosas e experiências subjetivas que fazem parte da historicidade do ingressante sem religião. Na segunda seção do capítulo, buscamos averiguar sobre as crenças, concepções sobre Deus e outros elementos religiosos, além dos significados da construção de uma religiosidade própria. Evidenciamos, ainda, as críticas e interpretações negativas dos jovens, no que tange às instituições religiosas e a valorização dos valores identitários de liberdade e de individualidade. Por fim, no

terceiro tópico do capítulo refletimos sobre a relação com o campo político, identificamos as compreensões políticas dos acadêmicos sem religião a partir dos engajamentos sociais apontados, e discutimos o significado da participação em atividades e movimentos político-sociais. Problematizamos, também, o posicionamento dos indivíduos pesquisados sobre a permeabilização entre as instâncias política e religiosa. As discussões e reflexões apresentadas intentam compreender os diversos sentidos e representações atrelados à opção de possuir crenças e religiosidades, mas não manter o vínculo com uma religião.

### **3.1 “A religião à qual pertencia não fazia sentido para mim”: a trajetória experiencial e aproximações do campo religioso**

Como o jovem sem religião entende e se relaciona com o campo religioso? O conceito de religião é complexo e abrange diversos sentidos e significados que variam espaço-temporalmente, conforme as culturas, as convicções cosmológicas e as epistemes assumidas e legitimadas. Concordamos com a compreensão de que:

A religião, seja como fenômeno empírico seja como unidade de análise, não é algo que existe em si, como uma substância permanente, mas, antes, se apresenta como uma configuração histórica que resulta da negociação contínua entre formas diversas de expressar a experiência religiosa. E, o que podemos observar é que o conceito de religião muda juntamente com os contextos sociais (STEIL; TONIOL, 2012, p. 16).

A partir do caráter histórico e interpretativo que o conceito de religião promove, segundo apresentam os autores, compreendemos que os jovens ingressantes da Unespar possuem modos distintos de “não participar de religião”, relacionando-se com a dimensão religiosa a partir da composição de crenças e religiosidades próprias, conforme veremos adiante. Verificamos, portanto, as dinâmicas que tratam da experiência religiosa dos universitários como a motivação para a escolha da religião/crença, os aspectos geracionais envolvidos e a participação em grupos ou instituições religiosas, dentre outras, que demonstram o contexto das construções religiosas dos acadêmicos pesquisados.

Questionamos os estudantes que se declaram sem religião sobre o que influenciou sua opção de crença/religião. Em uma questão de resposta múltipla, a alternativa “motivos pessoais” foi assinalada por 81% dos universitários sem religião,

sugerindo a valorização da liberdade e autonomia para eleger sua opção de crença. Rodrigues (2011) entende o sujeito sem religião como dotado de uma relativa secularização subjetiva, que exercita a construção de sua trajetória sem a legitimação das instituições religiosas e percebendo-se como indivíduo que possui autoridade sobre sua própria condição. As demais influências apontadas para a opção de crença/religião pelos jovens ingressantes foram família (18%), líderes religiosos (9%), amigos (8%) e outro (12%)<sup>30</sup>.

Ainda que a maior parte dos ingressantes sem religião da Unespar assinale que possuem a opção de acreditar em Deus, mas não participar de religião por motivos pessoais, verificamos que a família também pode exercer uma influência significativa na disposição religiosa dos jovens sem religião. Desse modo, destacamos a religião/crença dos pais dos universitários pesquisados, sendo que 48% declaram que a mãe é católica e 49% possuem o pai católico. A opção de resposta “acredita em Deus, mas não participa de religião” foi a segunda alternativa mais assinalada, sendo 21% correspondente à mãe e 17% ao pai.

Sobre as demais alternativas de religião/crença da mãe, 19% dos jovens pesquisados declaram que a mãe é evangélica (Igreja Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Evangélica Batista, Testemunha de Jeová, Deus é Amor, Presbiteriana, Congregação Cristã do Brasil e Adventista), 4% não sabem, 2% das mães são Espírita e 1% de religião não determinada ou múltiplo pertencimento. Quanto às opções de religião/crença dos pais, constatou-se que 9% é evangélico (Igreja Assembleia de Deus, Evangélica Batista, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, Evangelho Quadrangular, Presbiteriana e Testemunha de Jeová), 15% dos jovens assinalaram que não sabem, 3% dos pais dos jovens são Espírita, 1% de religião Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana) e 1% é Ateu.

Compreendemos, portanto, que a religião dos pais pode influenciar de diversas maneiras na compreensão do jovem para identificar-se como sem religião. A família certamente influi na tomada de decisões dos jovens, entretanto, também há a busca por opções diferentes da geração anterior, em uma construção histórica diária, em que os cotidianos transformam-se e as vivências alteram-se

---

<sup>30</sup> Na opção em aberto para outro motivo de escolha da religião/crença, 12% dos jovens pesquisados ressaltaram demais influências. Neste campo, as principais descrições referem-se à consciência individual, estudo/reflexão, e críticas aos líderes, instituições e doutrinas religiosas. Estas temáticas serão detalhadas e problematizadas mais adiante.

constantemente. Para além de indivíduos que pertencem a uma determinada faixa etária, as gerações juvenis representam uma multiplicidade de sujeitos que constroem suas identidades e trajetórias dentro de distintos campos de possibilidades, onde são estabelecidas diferentes relações sociais que podem ser reproduzidas ou mesmo contestadas (MARTINS, 2010).

Sobre os aspectos de uma transmissão religiosa familiar, em que a participação entre as doutrinas instituídas torna-se uma tradição, refletimos sobre o papel da 'religião de criação', ou seja, o *habitus* religioso recebido na infância. De acordo com Ariana Rumstain e Ronaldo Almeida (2009, p. 35), "o catolicismo é a religião de criação da maioria dos brasileiros", entretanto, a transmissão geracional da religião depende, entre outros fatores, de uma educação religiosa ativa e praticante, pois a "fragilidade de raiz" pode favorecer a mudança de religião, ruptura ou a articulação simultânea com outras práticas.

Nesse sentido, é possível perceber que, no período contemporâneo, as transformações no campo religioso podem ressignificar a identificação e pertencimento à religião herdada. Sanchis (2001b) assevera que já não se pode apontar o catolicismo como a "religião dos brasileiros", pois considera como uma opção, entre outras, de religião disponível. O pesquisador compreende, ainda, que não se trata apenas de números, mas de algo qualitativo, em um sentido identitário. Apesar da tradição religiosa monopolizada, quase irrefletida e incontestada, atualmente os sujeitos elegem os sentidos religiosos de maneira pessoal, como experiência privada e subjetiva (MARIANO, 2013).

Vejamos então algumas afirmações dos jovens universitários que demonstram que o vínculo herdado pode ser refutado e modificado. Ressaltamos que as declarações a seguir são retiradas da questão aberta: "Se você mudou de religião/crença, explique por quê"<sup>31</sup>. Vamos a elas:

Sou criada numa família católica, que participa e segue os preceitos da religião em questão, porém tenho divergências quanto a alguns valores pregados, e atitudes adotadas no catolicismo, prefiro não seguir uma religião em si, mas acreditar em algo maior (Alice, 26 anos, câmpus Apucarana).

---

<sup>31</sup> O campo aberto para as declarações sobre a mudança de religião/crença era opcional, sendo que 41% dos jovens que se declaram sem religião responderam tal questionamento. As diversas afirmações dos universitários como influência familiar, autonomia e construções particulares, e descrença e/ou crítica às instituições religiosas, são apresentadas ao logo da pesquisa.



Meus pais eram cristãos evangélicos e eu como criança não tinha percepção de minhas escolhas então seguia o exemplo de meus pais (Patrícia, 22 anos, câmpus Curitiba I).

Por influência da minha mãe já frequentei alguns cultos da Igreja Batista (Maria, 18 anos, câmpus Apucarana).

Era católica por tradição familiar, mas as divergências de religiões e disputas religiosas me fizeram perceber que fé não tem a ver com religião, e que nenhuma estava realmente certa. Pois pra mim o que importa é a minha verdade, e minha própria crença no que me faz bem (Maiara, 17 anos, câmpus Campo Mourão).

Era católica por influência de meus familiares. Mas passei a descrer em algumas coisas que são pregadas no catolicismo. Porém acredito em Deus e faço minhas orações (Bárbara, 18 anos, câmpus Campo Mourão).

A partir das afirmações supracitadas, destacamos que a participação religiosa proveniente da influência familiar pode se refazer em construções de religiosidades particulares. Novaes compreende que as atuais gerações possuem maior liberdade para definir sua opção religiosa e a herança familiar não é mais vista como obrigatória e natural, afinal, “os jovens de hoje convivem e fazem suas escolhas em um cenário inédito de pluralismo religioso intra-familiar” (NOVAES, 2006, p. 21).

Margulis e Urresti (2008), ao abordarem o tema geracional e as circunstâncias histórico-culturais presentes na juventude, referem-se à geração enquanto o tempo em que cada indivíduo se socializa e as rápidas mudanças culturais que caracterizam tal tempo. As gerações compartilham códigos, mas também se diferenciam, e, ao coexistir no interior de um mesmo grupo social, como na família, as diferenças geracionais se expressam ao não compartilharem as mesmas representações. Portanto, ainda que permaneçam a memória social e a experiência transmitida, cada geração apresenta-se nova e possui seus próprios impulsos e energias, assim como sua vontade de se orientar de modo diferente.

Portanto, embora, as identidades juvenis possam ser influenciadas por atributos sociais herdados, verificamos que os jovens de nossa pesquisa valorizam a liberdade de decidir sua opção religiosa de modo individualizado. Para Hervieu-Léger (2008), o advento de uma modernidade psicológica implica que o sujeito aproprie-se do conhecimento livre e defina sua identidade pessoal, além das questões relativas às identidades transmitidas ou prescritas. Essas considerações parecem auxiliar na compreensão do modo como os universitários que declaram

acreditar em Deus, mas não participar de religião, constroem e/ou significam suas experiências e aproximações com o campo religioso.

Arguimos quantas vezes os ingressantes investigados já mudaram de religião/crença, quando constatamos que 58% dos estudantes declararam que nunca mudaram de religião/crença, isto é, que esses jovens nunca participaram ou se sentiram pertencentes a uma religião. Entretanto, ressaltamos que 31% dos acadêmicos sem religião afirmaram que já mudaram uma vez de religião/crença. Cabe destacar também que os jovens sem religião assinalaram que mudaram de religião/crença “duas vezes” (6%), “três vezes” (2%) e “quatro vezes ou mais” (3%).

Tendo em vista tais dados que evidenciam transformações na condição identitária dos ingressantes sem religião da Unespar, destacamos que, entre os motivos para a mudança e circulação entre as opções religiosas, sobressaem os posicionamentos que demonstram a autonomia e liberdade adquirida para experimentar e compor sua identidade religiosa, conforme visualizamos nas declarações a seguir<sup>32</sup>:

Porque naturalmente a tradição nos leva a caminhos, quando finalmente temos autonomia podemos enfim refletir e romper com o que não nos pertence (Daniel, 29 anos, câmpus Curitiba I).

Fui batizado como católico, mas logo perdi o interesse em seguir qualquer tipo de doutrina religiosa, preferindo agir baseado no que a minha própria consciência me diz ser correto (Lucas, 23 anos, câmpus Curitiba II).

Porque adquiri conhecimento, e vi a verdade (minha verdade) (Lincon, 20 anos, câmpus Campo Mourão).

Porque a escolha anterior entrava em conflito com meus valores pessoais (Gislaine, 21 anos, câmpus Curitiba II).

Fui influenciada por outros, mas percebi que não há necessidade que alguém me induza a fazer algo (Juliana, 22 anos, câmpus Paranaguá).

Nas afirmações dos jovens sem religião da Unespar, fazem-se notórias a particularização do sentimento religioso e a construção de valores individuais, demonstrando indícios de crítica reflexiva e busca por um conhecimento próprio. É possível apontar para uma postura de transformação interior do indivíduo que

---

<sup>32</sup> As afirmações apresentadas são provenientes da questão aberta: “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

valoriza o autoconhecimento, auto-aperfeiçoamento e o desenvolvimento espiritual subjetivo e pessoal (SIQUEIRA, 2008).

Entre os universitários que afirmam já terem mudado sua identificação religiosa, apresentamos, ainda, as declarações a seguir, que demonstram a circulação entre as vertentes religiosas disponíveis. Percebemos que os jovens sem religião desfazem vínculos e ajustam transformações e composições de identidade, até a atual opção de ter a crença sem a participação religiosa<sup>33</sup>:

Não me encaixava na visão da Igreja Católica, acabei optando pela Igreja Evangélica (Ana, 28 anos, câmpus Paranaguá).

Fui batizada na Igreja Católica, mas fui para a Evangélica aos seis anos (Nice, 18 anos, câmpus Paranavaí).

Mudei de católica para evangélica, porque foi a que mais consegui sentir a presença de deus, foi a que mais ele falou comigo (Denise, 18 anos, câmpus Campo Mourão).

É possível visualizar que as experimentações de crenças e aproximações das instituições religiosas se realizam por meio da busca por experiências de sentido e acolhimento em diferentes grupos religiosos. De todo modo, a identificação e/ou pertencimento religioso se efetivará se o jovem sentir que os rituais e a composição mágico-simbólica da religião condizem com suas motivações pessoais. Este elemento é, ao que parece, um dos mais valorizados pelos jovens que se declaram sem religião. Portanto, podemos captar que há variados motivos pelos quais os indivíduos transitam entre as denominações confessionais, dentre os quais se destacam a busca por princípios que estão de acordo com sua formação cultural e autonomia pessoal e, ainda, a movimentação e vivência entre as diversificadas instituições religiosas.

As considerações apresentadas trazem à tona a temática do trânsito religioso, conceito alargado por Ariana Rumstain e Ronaldo Almeida (2009), ao constituírem três planos correlacionados para tal fenômeno dinâmico. Em primeiro, citam a própria circulação de pessoas pelas alternativas religiosas, “o que pode significar troca de uma por outra como também a prática simultânea de duas ou mais” (2009, p. 31). Há também a mobilidade dos universos simbólicos e práticas rituais entre as

---

<sup>33</sup> Declarações retiradas do campo de resposta aberta: “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

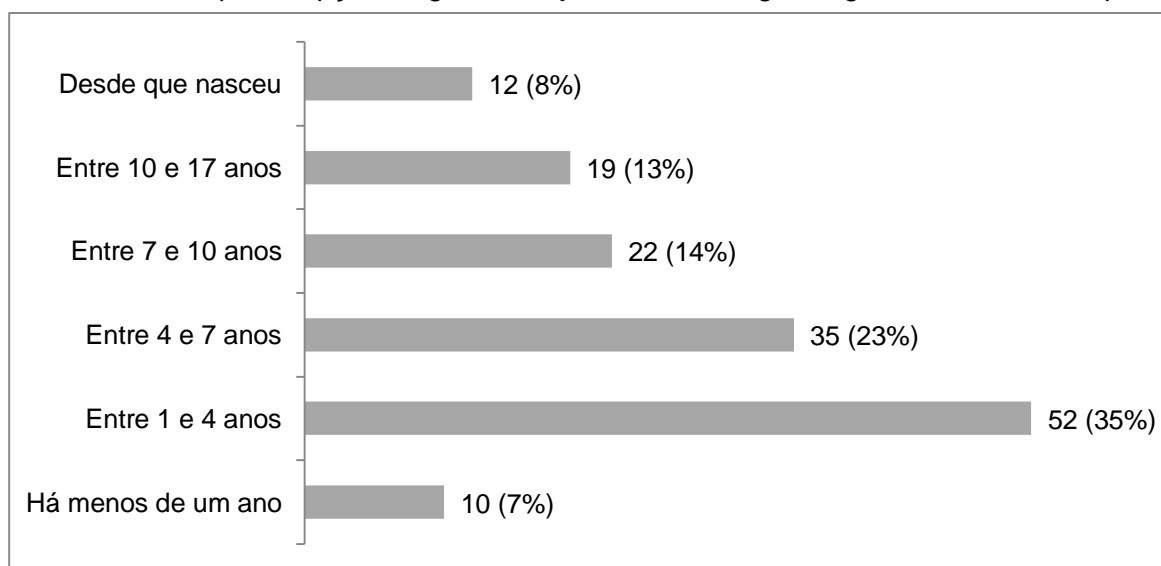
instituições religiosas. Por fim, a terceira maneira de apreender o trânsito religioso é compreender como as instituições passam pela trajetória de vida das pessoas, ou seja, “desloca-se do ponto de vista da instituição (seja da quantidade de adeptos, seja dos conteúdos simbólicos de cada uma delas) e centra-se no indivíduo” (2009, p. 32).

Entendemos que as diferentes perspectivas apresentadas estão associadas e geram complexos cenários de justaposições e transformações de pertenças, pois os vínculos perpassam pela identidade do sujeito, em que podem permanecer significados religiosos na subjetividade e vivência cotidiana. Afinal, é possível considerar que são diversas as formas de aproximação, vinculação e pertencimentos às entidades religiosas, com rituais e procedimentos específicos, capazes de promover efeitos significativos na historicidade do indivíduo.

A problematização do pertencimento institucional religioso é tematizada por Pedro de Oliveira (2012), que elucida sobre o binômio conceitual de pertença e desafeição religiosa. O pesquisador descreve os processos e motivações pelos quais indivíduos aderem ou se afastam das práticas rituais e das crenças que identificam uma Igreja ou grupo religioso. A pertença religiosa pode ser compreendida por meio de fatores como a convicção pessoal com a adesão ao sistema de crenças e valores da religião, a valorização da tradição familiar, e, ainda, pelos grupos de Igreja, que favorecem a participação por laços sociais. No sentido da desafeição religiosa, apresenta dimensões consideradas complementares, como o enfraquecimento ou ruptura do laço afetivo que une o fiel à organização religiosa, a descrença em uma ou mais doutrinas da fé professada e também o afastamento pessoal das práticas rituais que ligam o praticante à religião.

Nesse sentido, refletimos sobre o tempo em que o jovem sem religião da Unespar se considera sem a pertença religiosa institucional, afinal, a configuração do tempo em que se identifica como sem religião é um aspecto relevante que pode indicar posicionamentos em transformação. Ao serem questionados há quanto tempo possuem a opção de acreditar em Deus, mas não participar de religião, salientamos que a alternativa “entre 1 e 4 anos” foi selecionada pela maior parte dos jovens sem religião (35%), o que sugere a identificação de crença/religião escolhida de modo recente. No Gráfico 7, a seguir, é possível visualizar o quantitativo dos ingressantes investigados e as demais opções de tempo da religião/crença assinaladas.

Gráfico 7: Tempo da opção religiosa dos jovens sem religião ingressantes da Unespar.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados sugerem o dinâmico processo de construção da identidade de ser sem religião, que pode variar “como um estado provisório (entre adesões) ou como uma alternativa de vida e de expressão cultural” (NOVAES, 2004, p. 328). Entendemos que é complexo intentar decodificar o tempo em que o jovem se considera como sem religião, pois são diversas as vicissitudes atreladas a esta postura. É possível perceber a existência de jovens que nunca efetivamente participaram de uma religião, enquanto há outros que decidiram se desvincular e romper com o pertencimento a uma instituição religiosa. Há, ainda, casos em que o afastamento institucional pode ter ocorrido sem o planejamento ou a decisão prévia, a partir de construções próprias de crença ao longo de sua vivência histórica. Verificamos as seguintes afirmações dos ingressantes da Unespar, retiradas da questão “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

Apenas deixei de frequentar uma religião e passei a ser Cristã, acreditando apenas em Deus (Andréia, 18 anos, câmpus União da Vitória).

Não necessariamente mudei de religião, apenas parei de frequentar os rituais e culto (Daiana, 18 anos, câmpus Paranavaí).

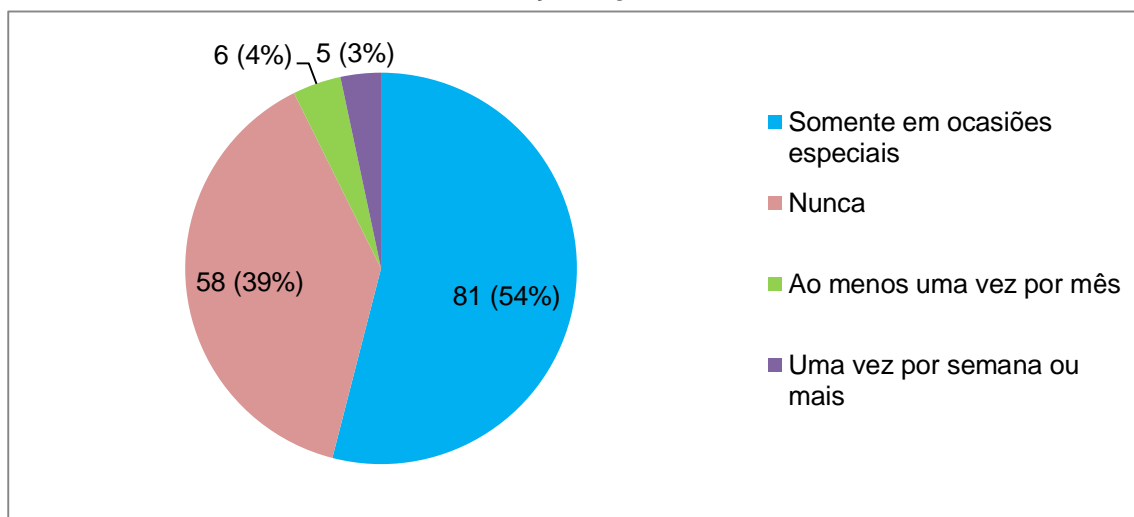
A partir das declarações das universitárias, ressaltamos que as reflexões em discussão devem levar em conta as diversas compreensões do jovem sobre a atual condição de não participar de religião. Identificar-se como sem religião pode

implicar, também, a falta de frequência nos encontros e rituais, e o afastamento das práticas que ligam o praticante/fiel à religião, caracterizados pela desafeição religiosa, conforme problematizado por Oliveira (2012).

De todo modo, refletir sobre o tempo cronológico da autoconsciência do jovem de se considerar como sem religião deve abarcar as distintas circunstâncias que a categoria tempo suscita. Melucci assevera que os tempos que vivenciamos são muito diferentes uns dos outros, possuem significados distintos do presente experimentado e por isso tornam-se medidas inestimáveis. Atualmente, os tempos são diluídos e/ou extremamente concentrados, e a juventude possui intrínseca relação cultural e biológica com essa categoria fluida de construção de experiência (MELUCCI, 2007).

Já sobre o relacionamento dos ingressantes sem religião com distintas religiões, averiguamos que há jovens que as frequentam “somente em ocasiões especiais”, tais como a participação em ritos religiosos como o casamento, batismo ou outras ocasiões sociais celebrativas e, em contrapartida, os que declararam que nunca frequentam outras opções de religião. Ressaltamos, ainda, que as alternativas de frequentar “ao menos uma vez por mês” e “uma vez por semana ou mais” também foram assinaladas pelos estudantes. Ainda que com baixos índices percentuais, torna-se possível apontar sobre a participação de jovens sem religião que se relacionam regularmente, semanalmente ou mensalmente em atividades de denominações religiosas diversas.

Gráfico 8: Frequência dos jovens sem religião ingressantes da Unespar em outra crença/religião.



Fonte: Dados da pesquisa.

A participação de universitários sem religião em encontros ou atividades religiosas também foi problematizada em pesquisa que investigou alunos do curso de Ciências Sociais de diferentes instituições do Brasil (STEIL; ALVES; HERRERA, 2001)<sup>34</sup>. No estudo desenvolvido no ano de 2001, verificou-se que 29,8% dos acadêmicos que afirmaram não ter religião declararam que participavam de alguma atividade religiosa, contudo sem se identificar como pertencente àquela religião. A pesquisa questionou, ainda, se alguma alternativa religiosa despertava a curiosidade dos estudantes, sendo que os da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – na qual a maior parte dos universitários se declarou como sem religião – foram os que mais se declararam curiosos por alguma alternativa religiosa, com 35,9% (STEIL; ALVES; HERRERA, 2001).

No survey realizado com os ingressantes sem religião da Unespar, observamos manifestações de interesse sobre as religiões, que podem efetivar-se em aproximação ou ainda em experimentação de crenças. Ao apresentar frases ponderadas para avaliação conforme grau de importância (escala de 1 a 6), verificamos que a afirmação “Gostaria de frequentar outras religiões” obteve média de 2,70 de classificação. As afirmações “As pessoas devem ter só uma religião/crença e seguir suas orientações” (1,77) e “Apenas a minha religião/crença é a verdadeira” (1,50) apresentaram menores índices de concordância<sup>35</sup>.

Podemos conjecturar sobre a recusa ao exclusivismo e pertencimento único religioso, portanto, percebemos que há jovens sem religião que valorizam um cenário de respeito e consideração às diferentes instituições religiosas. Neste sentido, apresentamos algumas passagens do survey, em que os universitários sem religião da Unespar demonstram tal compreensão, como:

Sempre é bom conhecer novas crenças e rituais, conhecer a forma de atuação de cada igreja na vida dos fiéis (Ângela, 19 anos, câmpus Campo Mourão)<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> O universo da pesquisa constituiu-se por estudantes do curso de Ciências Sociais das seguintes instituições de Ensino Superior: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos-RS), Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

<sup>35</sup> Solicitamos aos estudantes para que selecionassem a opção correspondente para cada frase apresentada, considerando seis opções de concordância, do número 1 (“discordo totalmente” ou “não ocorre comigo”), ao número 6 (“concordo totalmente” ou “ocorre comigo”). Para análise dos dados desta escala de avaliação, calculamos uma média ponderada com base no peso atribuído a cada opção de resposta.

<sup>36</sup> Resposta presente no campo aberto “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

Adquirir novos conhecimentos sobre Deus, pois cada igreja tem sua forma de servir a Deus (Nestor, 20 anos, câmpus Paranaguá)<sup>37</sup>.

Percebi que todas as religiões estavam corretas, logo é falho acreditar em uma única (Gean, 20 anos, câmpus União da Vitória)<sup>38</sup>.

A religião a qual pertencia não fazia sentido pra mim, me interesse por vários tipos de religiões e crenças respeitando a todas (Nair, 18 anos, câmpus União da Vitória)<sup>39</sup>.

Não ter julgamentos e ter a mente aberta para outras opções (Natália, 18 anos, câmpus Paranavaí)<sup>40</sup>.

Podemos observar o sentido de curiosidade e consideração pelas diversas opções de religião, em que se faz presente a busca pelo conhecimento dos preceitos e rituais que cada grupo religioso institui a partir de suas doutrinas. Apontamos, ainda, a percepção de jovens universitários de que todas as religiões e crenças são consideradas 'boas' e 'corretas', o que pode sugerir a indecisão em optar por uma única identificação religiosa, prevalecendo "vivências dúplices ou múltiplas do simbólico e abertura para futuras incursões em outros universos simbólicos" (SIQUEIRA, 2008, p. 440).

As reflexões dos ingressantes investigados indicam a significância para o que é comum entre os fundamentos das religiões, como "os dogmas cristãos, de amar e respeitar ao próximo"<sup>41</sup>, que podem contribuir com a formação humana, além da figura essencial presente em diferentes crenças: "eu acredito que DEUS é um só, e gosto de frequentar mais de uma religião"<sup>42</sup>. Desse modo, as experiências religiosas variadas são vistas como caminhos alternativos, porém consideradas igualmente boas e para o mesmo Deus (NEGRÃO, 2008). Nas palavras de Hervieu-Léger (2008), caminha-se para um "ecumenismo de valores", a partir da diluição e absorção de diferentes referências religiosas que se cruzam em um ideal de fraternidade universal, destacando a concepção da moral e dos direitos humanos.

---

<sup>37</sup> Declaração de resposta proveniente da questão: "Se você mudou de religião/crença, explique por quê".

<sup>38</sup> Afirmação apresentada no questionamento "Se você mudou de religião/crença, explique por quê".

<sup>39</sup> Declaração proveniente da questão aberta: "Se você mudou de religião/crença, explique por quê".

<sup>40</sup> Resposta declarada na questão: "Considerando sua religião/crença, indique os elementos a ela vinculados que você mais gosta", na alternativa "Outro (especifique)".

<sup>41</sup> Afirmação do jovem sem religião situada na opção de resposta aberta "Outro (especifique)", da questão: "Considerando sua religião/crença, indique os elementos a ela vinculados que você mais gosta".

<sup>42</sup> A declaração do universitário sem religião é a partir da questão: "Considerando sua religião/crença, o que influenciou a sua escolha?", situada na opção de resposta em aberto "Outro. Qual?".



A partir das temáticas discutidas até o momento, visualizamos alguns aspectos que tangem a vivência de crenças dos jovens sem religião da Unespar. Os elementos apresentados destacam distintas conjunturas tais como o cenário religioso familiar dos universitários, sobre as vezes que os ingressantes mudaram de posicionamento religioso, a configuração do tempo que possuem a opção de crença/religião e se paralelamente frequentam outras religiões. A partir dos dados discutidos, é possível visualizar um panorama que demonstra as construções religiosas dos estudantes pesquisados, cabendo então averiguar quais aspectos de crença estão imbricadas nos processos históricos subjetivos e de convivência social desses universitários, o que será realizado no item a seguir.

### **3.2 “Minha fé basta”: as crenças e concepções religiosas dos universitários sem religião**

Buscamos perceber os sentidos envolvidos na compreensão de acreditar em Deus, mas não participar de religião. A pesquisa provoca diversas indagações no intuito de apreender os valores identitários e as formas com as quais os jovens se relacionam com o campo religioso. Refletimos, então, sobre a construção particular de crenças, visões e significados religiosos desses jovens universitários.

No survey realizado com os ingressantes da Unespar, apresentamos frases para que os alunos respondessem de acordo com o grau de importância. As afirmações que tangem ao universo religioso são caracterizadas pelas seguintes médias, de acordo com a escala de avaliação<sup>43</sup>:

Quadro 5: Compreensões dos jovens sem religião acerca do campo religioso, considerando escala de avaliação de 1 a 6.

| <b>Afirmações</b>                                    | <b>Média do grau de concordância</b> |
|--|--------------------------------------|
| Ter fé é mais importante que ter crenças e religiões | 5,22                                 |
| Percebo Deus como um ser superior                    | 4,92                                 |
| Vejo Deus na natureza                                | 4,60                                 |
| Deus pode me dar tudo                                | 3,34                                 |

<sup>43</sup> No survey, o jovem deveria expressar, a partir de uma escala de avaliação, seu grau de concordância acerca de diversas frases de conteúdo relacionado à participação religiosa e política. As frases apresentadas são analisadas tendo em vista as seis opções de concordância, sendo que o número 1 significa “discordo totalmente” (ou “não ocorre comigo”), e o número 6 corresponde a “concordo totalmente” (ou “ocorre comigo”).

|  |      |
|--|------|
| Uma crença ou ritual são verdadeiros se produzem efeito positivo em minha vida | 3,22 |
| Sinto que um ser transcendente dá sentido à minha vida                         | 3,13 |
| Meu cotidiano está impregnado de gestos e objetos com significado sagrado      | 2,30 |

Fonte: Dados da pesquisa.

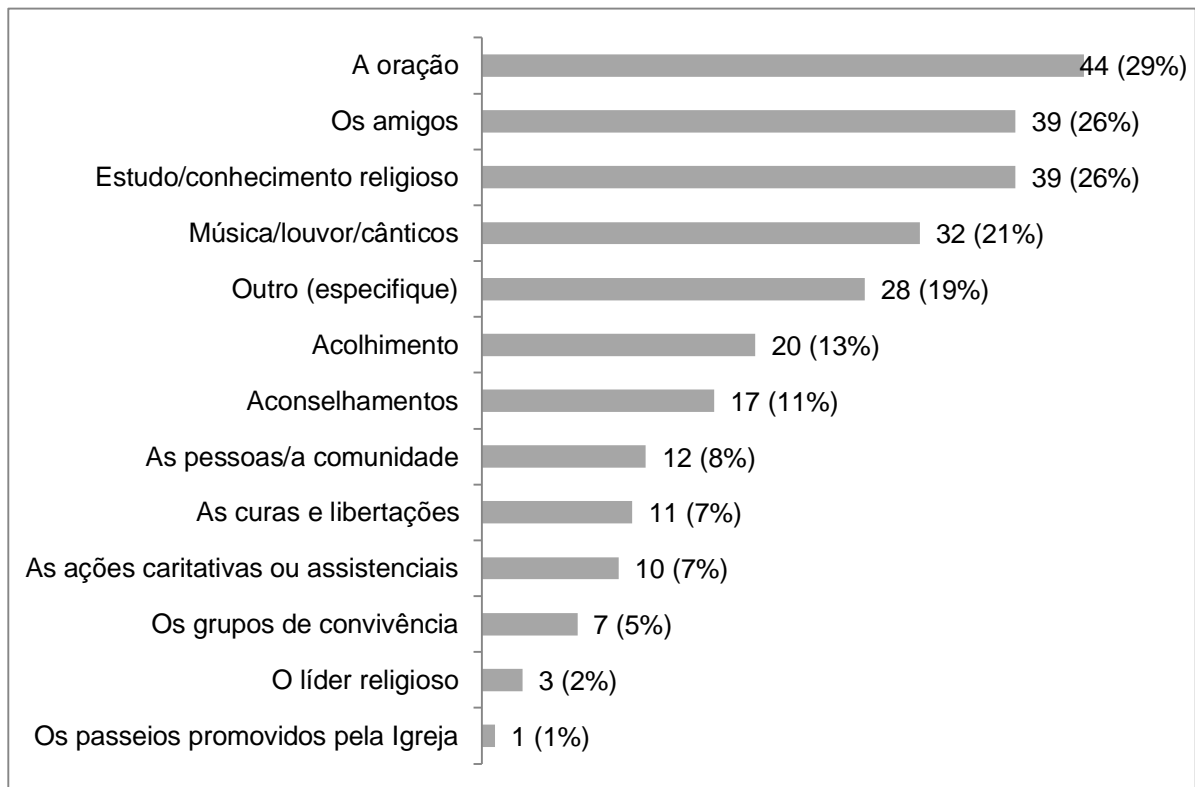
Dentre as compreensões dos jovens, fazem parte, principalmente, a valorização da fé de dimensão subjetiva, acima de crenças e religiões; a percepção de Deus como ser superior, e a visão de Deus na natureza, indicando, por exemplo, que a crença em Deus não se vincula necessariamente a uma instituição religiosa. Deste modo, ressaltamos que os estudantes sem religião não são desprovidos de religiosidade e fé em Deus, entretanto a construção dos significados simbólico-religiosos pode assumir formatos diversos, em um movimento bastante influenciado pelas motivações e significados pessoais e subjetivos<sup>44</sup>. Em sentido comparativo, a partir de pesquisa realizada na PUC-SP, a frase “Ter fé é mais importante que ter crenças e religiões” também possui representatividade, ao obter média superior a 5,0 (sendo 6 o valor máximo) entre as frases ponderadas apresentadas no grupo dos ‘crentes sem-religião’. Esses sujeitos pesquisados compreendem a fé como um valor e uma atitude, enfatizando mais a adesão a valores do que a crenças doutrinárias (RIBEIRO, 2009).

Entre os jovens sem religião ingressantes da Unespar, também é possível averiguar a disposição particular de vivenciar a religiosidade de modo afastado do pertencimento institucional. Nesse sentido, indagamos o que os jovens mais gostam na sua escolha de crença, em que constatamos a frequência de três aspectos principais: a oração, o estudo/conhecimento religioso e, ainda, os amigos, conforme visualizado no Gráfico 9.

---

<sup>44</sup> Sobre tal contexto, destacamos que a questão da fé é tematizada por Panasiewicz (2013), ao esclarecer que fé designa confiança, credibilidade no campo do imanente, seja por via da existência e/ou pela via da religiosidade. Entretanto, Bauman (2008) adverte que, por conta da evidente transitoriedade e vulnerabilidade contemporânea, torna-se difícil acreditar em objetivos e empenhos de longo prazo: “nossos tempos são difíceis para a fé – qualquer fé, sagrada ou secular” (2008, p. 196). As considerações expostas tornam-se interessantes para refletir sobre as dimensões que tal temática pode suscitar.

Gráfico 9: Elementos da religião/crença que os jovens sem religião ingressantes da Unespar mais gostam (até três respostas).



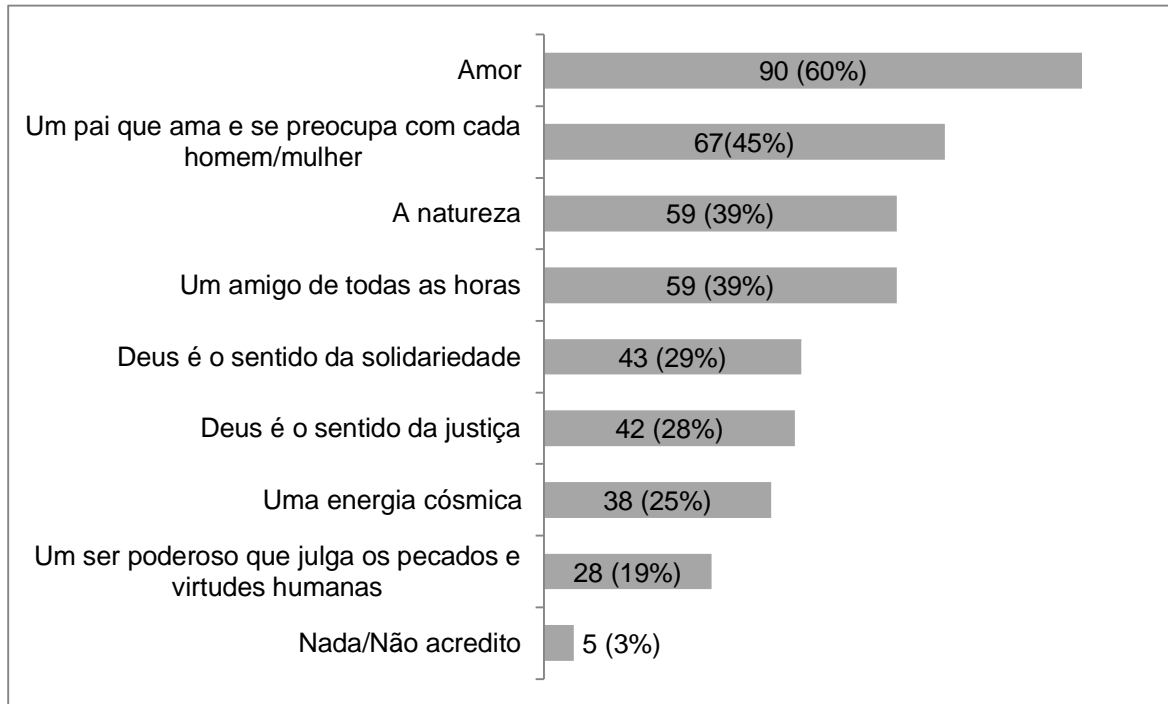
Fonte: Dados da pesquisa.

Destacamos que a prática da oração, independente da vinculação ou pertencimento religioso, torna-se um modo particular de se relacionar com o transcendente, e também é visualizada na afirmação de uma participante do survey: “Não frequento nenhuma [religião], mas não deixo de fazer minhas orações!” (Manoela, 18 anos, câmpus Apucarana)<sup>45</sup>. A liberdade de se aproximar de forma autônoma do ritual religioso e a busca pelo conhecimento e estudo da religião sem a mediação de líderes religiosos podem ser consideradas como indicações dos atuais modos dos jovens se relacionarem com o transcendente, uma vez que “é nesta geração que se generaliza a possibilidade de se declarar ‘sem religião’, sem abrir mão da fé” (NOVAES, 2004, p. 328).

A interpretação da visão de Deus dos ingressantes sem religião da Unespar também demonstra aspectos significativos da construção pessoal de religiosidades e crenças. As respostas à questão “Quem é Deus para você?” são visualizadas no Gráfico 10 a seguir:

<sup>45</sup> Afirmação declarada a partir da questão: “Considerando sua religião/crença, indique os elementos a ela vinculados que você mais gosta”, alternativa de resposta “Outro (especifique)”.

Gráfico 10: Visão de Deus dos jovens sem religião ingressantes da Unespar (resposta múltipla).



Fonte: Dados da pesquisa.

Os sentidos atrelados ao que o jovem considera enquanto representação de Deus ressaltam diversas percepções, como o sentimento de amor, a figura de um pai ou amigo, Deus como/na natureza, as virtudes de solidariedade e justiça, a presença de uma energia cósmica, imagem de um ser poderoso que julga o ser humano e ainda os que não possuem visão alguma de Deus ou que não acreditam. Podemos observar que a figura de um ser transcendente e central nas religiões cristãs desperta diferentes concepções e entendimentos. Em geral, é possível perceber sentimentos de confiança, como um ser incontestável presente na subjetividade particular dos jovens, além de valores simbólicos que direcionam a vivência cotidiana, conforme suscitado pelas declarações dos acadêmicos da Unespar:

Não tenho religião, apenas a crença em Deus. E o que me faz ter este pensamento é o fato de ele ser o único o qual sinto ser verdadeiro (Katia, 25 anos, câmpus Apucarana)<sup>46</sup>.

Bom, pra mim, Deus é uma representação de um caminho a seguir na vida, uma fonte de orientação de valores e ensinamentos

<sup>46</sup> Afirmação situada na questão que solicita ao jovem para indicar os elementos da crença/religião que mais gostam, no campo: "Outro (especifique)".

culturais, um ponto de alcance final da trajetória da vida (Maurício, 20 anos, câmpus Curitiba II)<sup>47</sup>.

Ainda no que tange às concepções sobre Deus, em estudo realizado com universitários paranaenses, indagou-se quais os sentimentos que o estudante possui ao pensar sobre Deus<sup>48</sup>. Desses, 50% relataram sentimentos como paz, amor, gratidão, segurança, esperança, confiança e alegria, e 24% fizeram menção a atributos de Deus como magnífico, sábio, justo, criador, poderoso e soberano. Os sentimentos de medo, insegurança e dúvida foram declarados por 13% dos estudantes e 9% disseram não sentir nada, pois não acreditam na existência de Deus. Ainda, 3% responderam família e 1% não respondeu (JUNQUEIRA; TEÓFILO, 2013).

Apreendemos que as compreensões e representações de Deus interagem nas percepções e subjetividades juvenis. Demonstramos adiante (Gráfico 11) que 89% dos jovens sem religião ingressantes da Unespar acreditam em Deus. No entanto, como vemos, a dimensão religiosa dos universitários é composta pela crença em diversas outras figuras e elementos do transcendente. Afinal, para Novaes (2004, 2006, 2013), no atual “espírito de época”, as juventudes fazem suas escolhas em um campo religioso mais plural e competitivo, no qual pode se desenvolver a adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinando-se práticas em um contexto que vai além das identidades institucionais, com a possibilidade de mesclar elementos de diferentes espiritualidades em um universo particular e intransferível.

A pluralidade ressaltada remete à metáfora do mercado religioso, em que as religiões são reduzidas a um item de consumo. Nas sociedades contemporâneas, a variedade de produtos simbólicos oferecidos das várias sínteses religiosas propicia o consumo de múltiplos elementos de acordo com o serviço, a experiência ou a solução espiritual que se pretende (PIERUCCI, 1997, 2008; SANCHIS, 1997). Entre as opções disponíveis, podemos verificar a combinação de crenças aparentemente conflitantes, porém que completam o sentido de significados para quem compõe o conjunto religioso.

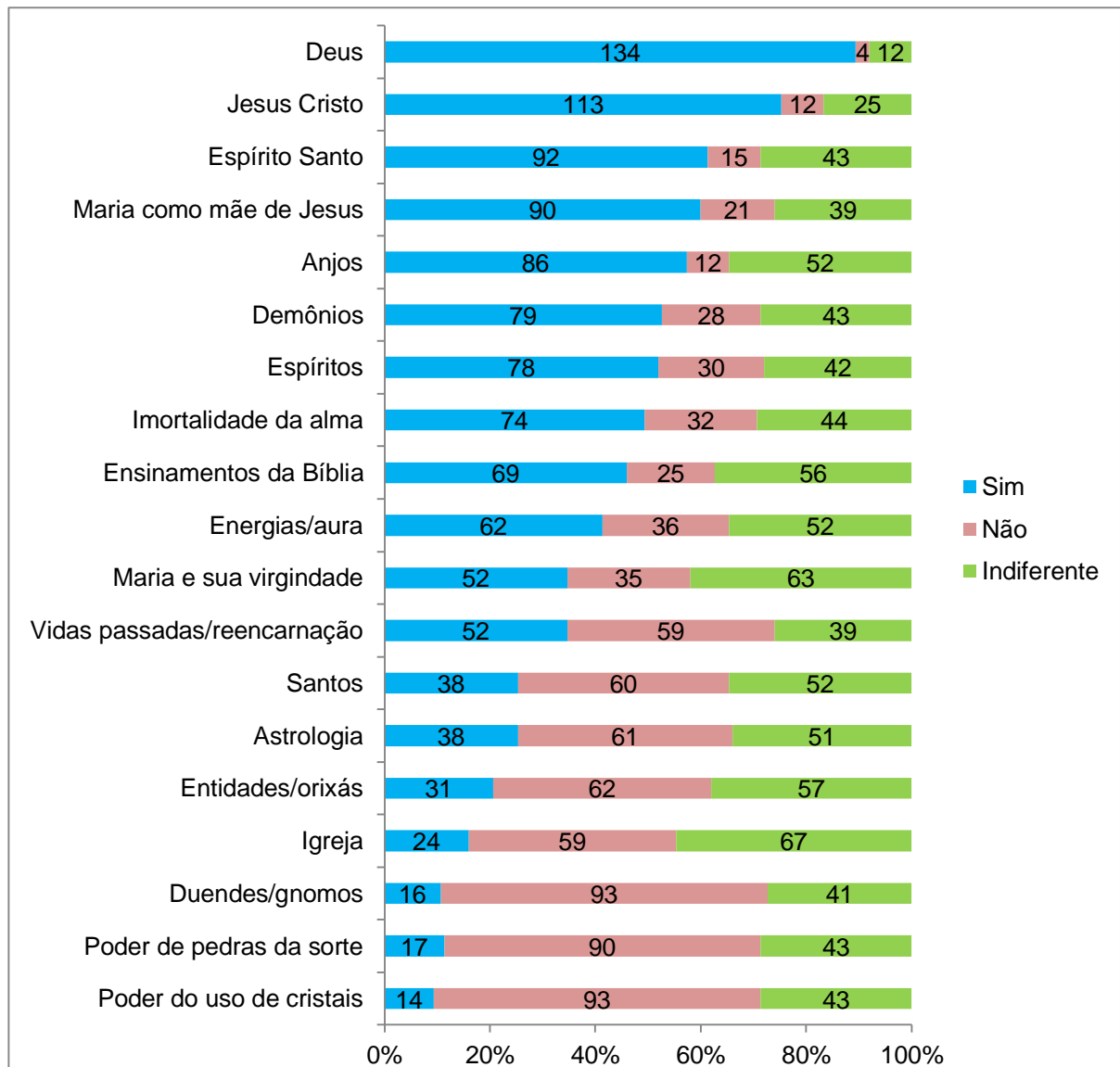
---

<sup>47</sup> A resposta é proveniente do questionamento: “Há alguma questão que não foi abordada que você gostaria de comentar/acrescentar?”.

<sup>48</sup> Os pesquisadores Sérgio Junqueira e Debora Teófilo (2013) investigaram as compreensões religiosas de 72 estudantes universitários das áreas de exatas e sociais aplicadas, na faixa etária entre 18 e 35 anos. Não há informação de qual universidade foi realizado o trabalho de campo.

Dessa maneira, tendo em vista a intenção de compreender a composição religiosa dos ingressantes universitários que se declaram sem religião, apresentamos no survey uma tabela com dezenove elementos do universo religioso e o questionamento: “Você acredita em?”<sup>49</sup>. As respostas obtidas (diferenciadas entre “sim”, “não” e “indiferente”) auxiliam na problematização das atuais formatações religiosas juvenis:

Gráfico 11: Quantitativo dos jovens sem religião ingressantes da Unespar que acreditam em figura/objeto religioso.



Fonte: Dados da pesquisa.

<sup>49</sup> Cabe destacar que, como em todo questionário, faz parte dos resultados a interpretação das perguntas pelos participantes da pesquisa. Neste caso específico, alguns universitários questionaram sobre o sentido da pergunta, em acreditar na existência da figura/objeto religioso ou acreditar enquanto crença/fé nos elementos da tabela apresentada. Não podemos aqui assegurar qual a interpretação que cada investigado atribuiu.

Torna-se perceptível que a constituição da religiosidade dos jovens ingressantes da Unespar está permeada por referenciais de diferentes religiões tradicionais, com combinação de crenças provenientes do catolicismo, elementos do espiritismo, correntes de pensamento de caráter místico e esotérico, entre outros movimentos religiosos. São várias as modalidades de crença e significações nos poderes simbólicos, diferenciando-se e, até mesmo opondo-se entre si, os modos exclusivos ou múltiplos, sincréticos ou “anti-sincréticos” de aderir e partilhar o *ethos* religioso, a partir da subjetividade do sujeito, no reconhecimento e composição de identidades, nas rupturas, deslizamentos e trajetórias (SANCHIS, 2001b). Destacamos, ainda, a significativa crença nos diversos elementos transcendentais, corroborado por certo clima espiritualista do meio religioso brasileiro, em que a influência de energias, forças cósmicas e espíritos mantêm-se em constante interação com o ser social. Assim:

A presença dessa terceira dimensão do mundo é em toda parte detectada. Maléfica ou benfazeja, ela diz respeito diretamente à existência dos homens, à sua inteireza corporal ou espiritual, às relações que mantêm entre si, eventualmente à sua consciência ética e a seu destino espiritual (SANCHIS, 1997, p. 33).

Compreendemos que a contemporânea relação do sujeito com as distintas representações mágico-simbólicas é subjetivada por meio da construção de sistemas individuais de crenças. O fenômeno da particularização de religiosidades, a partir das instituições tradicionais, é denominado como bricolagem de crenças, em que os significados e práticas são afastados do sentido doutrinal, e “triadas, remanejadas e, geralmente, livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou de correntes de pensamento de caráter místico e esotérico” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 43).

A ressignificação das correntes religiosas pode ser considerada enquanto mescla, combinação aleatória de elementos de universos simbólicos distintos, de simples justaposição ou de homogeneização de elementos, gestos e comportamentos que geram a constituição de um sistema religioso próprio. De todo modo, possui o caráter de individualização e independência das regulações religiosas.

Calvani (2014, p. 671) entende que os “laços de fidelidade institucional são frágeis e flexíveis, permitindo o intercâmbio referencial ou a bricolagem capaz de

misturar elementos aparentemente inconciliáveis”. Em um arranjo pessoal, santos podem conviver com pedras da sorte, orixás, forças da natureza, espíritos ou energias cósmicas. Nessa configuração, as instituições religiosas não deixam de existir, mas se adaptam à temporalidade moderna de acordo com dinâmicas próprias de sua tradição, estabelecendo, por vezes, diálogos com as demandas e possibilidades de crer e pensar da sociedade.

Dessa forma, as organizações religiosas são assumidas como uma matriz que possibilita que os sem religião descolem sua religiosidade e construam suas práticas com significados próprios, sem a regulamentação institucional. Lísias Negrão destaca que:

Os troncos religiosos principais, com suas instituições eclesiásticas, continuam a ser repositórios da tradição e fonte do capital sagrado, mas vivem grande crise de autoridade no mundo moderno plural e secularizado, em que a religião se torna, cada vez mais, subjetivamente relevante (NEGRÃO, 2008, p. 269).

Os apontamentos sugerem a reflexão sobre os sentidos e significações que a instituição religiosa pode despertar. Ressaltamos que, quando questionados sobre ‘Igreja’, 16% dos jovens declaram que acreditam em tal instituição e 39% apontam que não acreditam, destacando-se, ainda, o percentual de 45% de indiferença, sendo o mais alto desta opção (Gráfico 11). Algumas questões devem ser problematizadas para a interpretação destes dados.

Conforme demonstrado nesta pesquisa, dentre os jovens que declaram ter crença e não participar de nenhuma religião, há os que se relacionam com as denominações religiosas, bem como os que entendem que os princípios das diferentes religiões podem contribuir para uma formação ética, enquanto fonte de um capital sagrado. Em contrapartida, também averiguamos, a partir do survey aplicado, declarações de críticas, desaprovação e descrença às entidades religiosas, conforme será abordado adiante. Apreendemos que, atualmente, é possível considerar novas e distintas formas de se relacionar com a esfera religiosa, em que a Igreja pode fomentar diferentes posicionamentos, inclusive o da indiferença.

A ênfase em indagar e discutir quais as concepções atreladas à instituição religiosa parece imprescindível, tendo em vista o escopo de refletir sobre as compreensões dos jovens universitários que possuem crenças, mas não assumem o vínculo religioso. Portanto, dedicamo-nos a ressaltar como os estudantes entendem



o papel da instituição em sua composição mágico-simbólica, quais os principais motivos do afastamento institucional ou o posicionamento de recusa de tal pertencimento. Cabe destacar que nos campos de resposta aberta do survey, chamaram a atenção as interpretações negativas dos acadêmicos acerca das organizações, autoridades, normas e ritos religiosos.

Destacamos algumas considerações dos jovens sem religião da Unespar, que se referem à instituição religiosa a partir de concepções céticas e descrentes:

não estou convencida da veracidade de seus ensinamentos, além de outros motivos, entre eles, a superficialidade da prática, o descomprometimento dos orientadores, etc. (Kely, 25 anos, câmpus Apucarana)<sup>50</sup>.

Decepção com a igreja (Neide, 18 anos, câmpus Paranavaí)<sup>51</sup>.

Procurando o lugar melhor; mas infelizmente é sempre a mesma enganação (Karina, 18 anos, câmpus Paranaguá)<sup>52</sup>.

Os sentimentos de desencanto e insatisfação também são visualizados nas demais afirmações, que sinalizam críticas e indagações dos jovens ingressantes investigados, no que tange às relações de poder hierárquicas das organizações religiosas, bem como na atuação dos líderes como mediadores da experiência do sagrado. As compreensões dos acadêmicos participantes da pesquisa foram retiradas da questão: “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

passsei a questionar algumas coisas que falam e pedem para seguir, que nem mesmo estas pessoas seguem ou respeitam. A importância que dão a pastores e padres como se eles fossem deuses enquanto apenas não passam de seres humanos suscetíveis, que erram e estão interessados em status e dinheiro (Amanda, 22 anos, câmpus Paranavaí).

Mudei por questão de questionamentos, meus lideres religiosos não seguiam os princípios que pregavam (Leandro, 18 anos, câmpus Paranavaí).

Entendemos que os questionamentos dos estudantes sem religião direcionam-se, ainda, sobre a condição da religião enquanto uma instituição humana

<sup>50</sup> Resposta retirada do questionamento: “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

<sup>51</sup> Afirmação presente na questão: “Considerando sua religião/crença, o que influenciou a sua escolha?”, no campo aberto: “Outro. Qual?”.

<sup>52</sup> Declaração proveniente da indagação: “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”

e, por isso, sujeita a distorções, corrupções e falhas. As afirmações seguintes são provenientes do questionamento “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”:

Quando se vê as construções das atuais religiões, nota-se que se fizeram a partir de interesse somente humano (César, 19 anos, câmpus Campo Mourão).

A igreja já cometeu atrocidades em nome de Deus e é dirigida por homens, ou seja, falham. Mas nem por isso um ser superior não existe (Carolina, 18 anos, câmpus União da Vitória).

Porque ao decorrer do tempo vi que a igreja foi sempre muito manipuladora e que o livro seguido pela minha religião, Bíblia, foi traduzida muitas vezes, podendo até mesmo ter sido transcrita por pessoas corruptas visando um bem pessoal (Leila, 19 anos, câmpus Apucarana).

Desse modo, o conjunto de ritos elaborados socialmente e a referência dos escritos da Bíblia podem gerar incertezas e dúvidas de acordo com a interpretação realizada. O sistema religioso institucionalizado se baseia em doutrinas e dogmas estabelecidos, com normas que influem nos comportamentos e modos de conduta dos fiéis/praticantes. Verificamos, nas próximas passagens, a discordância dos jovens sobre preceitos e diretrizes impostas pelo arcabouço religioso:

Mudei de religião duas vezes por discordância com os princípios (Giovana, 19 anos, câmpus Apucarana)<sup>53</sup>.

Anteriormente participava de uma igreja [...], porém vários fatores me desligaram da mesma. Um deles é a imposição de regras que, a meu ver, é algo errado. Inclusive o fato de quererem tornar o indivíduo um ser inquestionável e passivo (Larissa, 18 anos, câmpus Paranaguá)<sup>54</sup>.

Deus não precisa do dinheiro de ninguém, quem precisa são os líderes religiosos, e Deus não vai julgar uma pessoa pela sua opção sexual por exemplo (Jaqueline, 20 anos, câmpus União da Vitória)<sup>55</sup>.

As religiões querem muito doutrinar a pessoa para ela ser a imagem da igreja e não de Deus (Joice, 19 anos, câmpus Paranavaí)<sup>56</sup>.

---

<sup>53</sup> A declaração encontra-se no questionamento: “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

<sup>54</sup> Afirmação suscitada na questão “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

<sup>55</sup> Resposta presente no campo aberto “Outro. Qual?”, da questão: “Considerando sua religião/crença, o que influenciou a sua escolha?”

A partir das considerações apresentadas, percebemos que os posicionamentos dos jovens perpassam pelas reflexões pessoais. A religião passa a ser questionada, revisitada, tendo em vista uma ênfase na individualidade, na liberdade de pensamento, na autonomia para se relacionar com o sagrado e na subjetivação do conhecimento. A Igreja torna-se contestável e não necessariamente imprescindível para realizar a mediação com a dimensão simbólico-religiosa, conforme se pode inferir a partir das seguintes ponderações:

A igreja não fazia mais tanto sentido quanto antes (Gustavo, 19 anos, câmpus Curitiba II)<sup>57</sup>.

A igreja são as pessoas, Deus habita no templo sagrado do coração dos homens (Bernardo, 24 anos, câmpus Paranaguá)<sup>58</sup>.

Nenhuma religião tem o que busco (Walter, 18 anos, câmpus Paranaguá)<sup>59</sup>.

reconheci valores maiores aos pregados por religiões, acreditando que a existência de um Deus não está limitada nem restrita a religiões específicas, ou ao que líderes religiosos dizem como verdade (Leonardo, 18 anos, câmpus União da Vitória)<sup>60</sup>.

acredito que não é preciso ir a um lugar onde muitas vezes não falam a verdade, apenas falam da boca pra fora, então minha fé basta (Jéssica, 22 anos, câmpus Paranaguá)<sup>61</sup>.

De modo similar, trazemos à tona a pesquisa realizada com jovens fluminenses no alistamento militar, em que Denise Rodrigues (2010) analisa os aspectos de religiosidade dos que se declararam na condição de sem religião. Ao questionar sobre as razões pelas quais os jovens não estavam vinculados a uma instituição religiosa, identificou-se uma tendência para a ruptura com esferas institucionais, sendo que 60% dos investigados justificavam que sua crença em Deus não dependia de vínculo com grupo religioso. Esse dado, em grande medida,

---

<sup>56</sup> Resposta declarada a partir da questão: “Considerando a sua religião/crença, indique os elementos a ela vinculados que você mais gosta”. A afirmação declarada pela universitária é proveniente do campo de resposta em aberto (“outro”).

<sup>57</sup> A opinião do universitário é proveniente da pergunta: “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

<sup>58</sup> A compreensão apresentada foi motivada pela questão: “Considerando sua religião/crença, o que influenciou a sua escolha?”, presente no campo de resposta “Outro. Qual?”.

<sup>59</sup> Afirmação situada a partir da questão: “Considerando sua religião/crença, o que influenciou a sua escolha?”. A declaração é proveniente da opção de resposta em aberto “Outro. Qual?”.

<sup>60</sup> A afirmação encontra-se no questionamento: “Se você mudou de religião/crença, explique por quê”.

<sup>61</sup> Resposta verificada a partir da questão: “Considerando sua religião/crença, o que influenciou a sua escolha?”. A afirmação é proveniente da opção de resposta em aberto “Outro. Qual?”.

indica um enfraquecimento das organizações religiosas como intermediárias no contato com o transcendente, pois o indivíduo exercita sua religiosidade de forma autônoma, sem vinculações ou regulações doutrinárias.

As perspectivas apontadas revelam opiniões e análises reflexivas juvenis sobre a esfera da religião, sua institucionalidade e as características que a compõem como diretrizes normativas e autoridades religiosas. A racionalidade das identidades sociais e religiosas pode ser considerada uma característica da sociedade moderna, que privilegia a “autonomia do indivíduo-sujeito, capaz de ‘fazer’ o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido à sua própria existência” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 31). Ressaltamos que as narrativas declaradas pelos universitários sem religião apontam para posicionamentos reflexivos de busca de conhecimento e experiências próprias, entretanto entendemos que essa não é uma característica exclusiva dos jovens que não participam de religião, pois compreendemos que a construção de críticas e subjetividades juvenis libertárias pode estar atrelada ao dinâmico contexto moderno a partir da vertiginosa troca de informações e projetos culturais racionalizados.

O mundo social está atualmente infundido pelo conhecimento humano reflexivo. Destarte, para uma sociedade moderna de reflexividade desenvolvida, as interrogações das formas sociais se tornaram lugar comum, sendo um mundo que estimula constantemente a crítica ativa (BECK et al., 1995). Para Giddens (1991), o contexto contemporâneo envolve a institucionalização da dúvida, em oposição às certezas e dogmas preestabelecidos, de tal modo que, em condições de modernidade, toda reivindicação de conhecimento é inerentemente circular e revisável. Portanto, o grau de reflexividade, aliado ao processo de expansão da autonomia pessoal e institucional, implica em possíveis contestações das autoridades e doutrinas políticas e culturais para uma contínua construção social mais ativa e autônoma (EISENSTADT, 2001).

Percebemos então que a reconfiguração social contemporânea, e as demais conjunturas atreladas, permitem que o sujeito jovem sem religião formule interrogações, realize autorreflexões e repense os discursos e legitimidades instituídos, o que impulsiona a subjetivação da experiência religiosa de acordo com interpretações pessoais. A considerável liberdade nas formulações identitárias afeta a dimensão religiosa, conforme afirma Sanchis:

o campo religioso é hoje, cada vez menos, o campo das religiões, pois o homem religioso na sua ânsia de compor um universo-para-si, sem dúvida cheio de sentido, mas de sentido-para-si, tende a não se sujeitar às definições que as instituições lhe propõem dos elementos de sua própria experiência (SANCHIS, 1997, p. 35).

Em uma sociedade caracterizada por mudanças culturais aceleradas e flexíveis, a relação entre crença experimentada e pertencimento religioso institucionalizado torna-se cada vez menos rígida. Para Hervieu-Léger (2008), estas são tendências do processo de desregulação que caracteriza o campo religioso contemporâneo, pois os códigos de sentido e autoridade das instituições religiosas tornam-se uma opção para os sujeitos autônomos e modernos.

A partir das considerações dos estudantes sem religião, compreendemos, como Fernandes (2008), que cada vez mais se configura na sociedade contemporânea a possibilidade de assumir uma identidade pela ausência. Não ausência de religiosidade e crença em seres transcendentais, porém ausência de vínculo institucional religioso. Os jovens investigados reformulam seus conhecimentos, interrogam e refutam imposições e escolhem não estar vinculados ou pertencer a uma instituição religiosa. Os posicionamentos reflexivos assumidos configuram-se, ainda, como uma valorização das perspectivas de liberdade e de individualidade, ao buscar a construção de identidade a partir de suas próprias formulações.

De acordo com Stuart Hall (2011, p. 12), o sujeito da contemporaneidade é “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” e, portanto, em definição constante ao longo do tempo, através de processos culturais e inconscientes. Desta forma, o indivíduo pode construir identidades múltiplas que, entretanto, provoca tensões e contradições na auto representação e na vida social coletiva. Neste campo de inter-relações, Bauman (2008) traz reflexões relevantes na discussão sobre a identidade produzida socialmente, ao destacar a configuração de uma disputa interminável entre duas forças: da sociedade que molda seus membros e da individualidade dos atores que forma a sociedade a partir de suas ações.

Os elementos religiosos, que se realizam em palavras e ações, em inclinações afetivas e normas de vontade e juízo, circundam e influenciam o indivíduo como tradições sociais consciente ou inconscientemente (SIMMEL, 2006). Portanto, a história familiar e a socialização geram aproximações culturais

tradicionais, em que os sujeitos estão familiarizados. Contudo, o indivíduo pode romper e transitar entre os aspectos que lhe são convenientes. Em meio ao jogo de contraposições, o jovem sem religião busca sua individualidade na configuração de sua própria vivência, recusando verdades impostas e valorizando as opções subjetivas elegidas. As seguintes frases presentes na escala de avaliação provocam reflexões significativas para compreender os posicionamentos dos ingressantes sem religião da Unespar:

Quadro 6: Premissas dos jovens sem religião ingressantes da Unespar, considerando escala de avaliação de 1 a 6.

| <b>Afirmações</b>   | <b>Média do grau de concordância</b> |
|---|--------------------------------------|
| Cabe principalmente a mim definir os rumos da minha vida                | 5,29                                 |
| Para mim, a vida tem sentido  | 4,83                                 |
| Lutar pelo que acredito é de meus rituais                               | 3,70                                 |
| Preciso da ajuda de outras pessoas na definição dos rumos da minha vida | 2,41                                 |

Fonte: Dados da pesquisa.

Compreendemos que os jovens sem religião investigados buscam autonomia ao enfatizar sua autoridade sobre suas experiências sociais. A valorização na individualidade e experimentação também é visualizada ao longo do questionário desenvolvido, em que os ingressantes tematizam a consciência individual e percepções pessoais por meio de menções ao “estudo/reflexão”, “experiências de vida”, “conclusões/ideias próprias”, “auto satisfação”, “liberdade de pensamento, valores que obtive”. Tal expressividade se encontra, ainda, no Quadro 7, que apresenta os valores que os jovens sem religião mais apreciam<sup>62</sup>:

Quadro 7: Compreensões dos jovens sem religião acerca de valores identitários, considerando escala de avaliação de 1 a 4.

| <b>Valores</b>         | <b>Média do grau de concordância</b> |
|------------------------|--------------------------------------|
| Conhecimento           | 3,82                                 |
| Respeito às diferenças | 3,82                                 |

<sup>62</sup> Na questão: “Para você, qual a importância dos valores abaixo?”, os acadêmicos responderam considerando quatro opções de importância, sendo 1-Pouco e 4-Muito. Realizamos a média de classificação com base no peso atribuído a cada alternativa de resposta.

|  |      |
|--|------|
| Auto realização  | 3,77 |
| Liberdade individual                                     | 3,71 |
| Lazer e diversão   | 3,71 |
| Autenticidade pessoal                                    | 3,69 |
| Liberdade política                                       | 3,44 |
| Convivência social                                       | 3,42 |
| Respeito aos costumes e tradições de gerações anteriores | 3,30 |
| Obediência às autoridades                                | 3,05 |
| Temor a Deus   | 2,76 |

Fonte: Dados da pesquisa.

Visualizamos concepções significativas presentes na construção identitária dos jovens sem religião da Unespar, em que é possível indicar valores particulares como a auto realização, a liberdade e a autenticidade pessoal. De todo modo, os jovens demonstram que apreciam também o conhecimento e o respeito às diferenças, compreensões que podem se efetivar na sociabilidade e na convivência com os demais. Entre as considerações expostas, cabe destacar que os valores presentes na formação subjetiva dos jovens também estão interligados às condições conjunturais, como o atual contexto histórico democrático e globalizado, e ao ambiente universitário vivenciado, que privilegia o discurso racional e a valorização do conhecimento.

Entendemos que o contexto social e o convívio coletivo também influenciam nas histórias de vida dos sujeitos, entretanto é possível compreender que a composição dos valores que figuram na identidade e na subjetividade dos jovens é um processo de escolhas pessoais em constante construção. Tal representatividade remete à ideia da individualização, enquanto “emancipação do indivíduo da determinação atribuída, herdada e inata do caráter social” (BAUMAN, 2008, p. 183). Ainda para Bauman, na sociedade moderna, é mais próximo da realidade falar de identificação (ao invés de identidades, herdadas ou adquiridas), como uma atividade constante, interminável e sempre incompleta, na qual todos os atores sociais estão engajados.

Tais discussões problematizadas balizam, de alguma forma, a compreensão das composições identitárias do jovem sem religião da Unespar. Desse modo,

pretendemos destacar quais as principais considerações apresentadas ao longo da pesquisa e que podem categorizar os universitários investigados neste estudo.

A primeira reflexão que merece destaque refere-se aos significados atrelados à compreensão de acreditar em Deus, mas não ter religião. A pesquisa evidencia que os jovens sem religião possuem crenças e distintas visões sobre Deus, relacionam-se com os elementos religiosos de forma particular, por exemplo, por meio de orações e estudos, e valorizam sentimentos relacionados à fé. Os ingressantes demonstram uma religiosidade bricolada, em que a relação com as doutrinas institucionais aparece enfraquecida.

O segundo destaque são as interpretações e entendimentos dos jovens sem religião no que tange às instituições religiosas. Apreendemos posicionamentos descrentes em relação à religião, discordâncias sobre atuação de líderes e sujeição a diretrizes e doutrinas. Nesse contexto, percebemos questionamentos e incertezas suscitadas, bem como a preferência de interagir com os elementos religiosos sem a mediação e regularidade institucional.

Por fim, as conjunturas ligadas às dimensões identitárias destacam-se nas concepções declaradas pelos jovens sem religião. Compreendemos a valorização da autonomia e a busca por uma identidade própria, além da ênfase em valores reflexivos e na auto realização. Torna-se perceptível que, ao eleger suas experiências sociais, os jovens sem religião tentam exercer sua religiosidade de forma particular e subjetiva.

Ainda que tais discussões sejam categorizadas, objetivando a melhor compreensão dos jovens sem religião, ressaltamos que as características e interpretações evidenciadas encontram-se interligadas e presentes ao longo do estudo, que privilegia as opiniões declaradas pelos jovens ingressantes da Unespar.

### **3.3 “Posso optar pelo que defendo ou não, e lutar por isso”: concepções e participações políticas dos universitários sem religião**

As discussões tematizadas contextualizam certas dinâmicas sociais e subjetivas dos jovens universitários sem religião da Unespar. Portanto, buscamos neste tópico compreender como os 150 universitários pesquisados se relacionam com o campo da política. Mary Castro observa que os trabalhos que discutem as representações políticas dos jovens são importantes, embora sejam, sobretudo, “diagnósticos em relação a alguns indicadores de participação, retratos de situações,



de um estado de conhecimento, pontas de um iceberg” (CASTRO, 2007, p. 98). Afinal, investigar as considerações políticas juvenis torna-se complexo e deve levar em conta o processo histórico e o contexto social vivenciado. São diversas conjunturas que podem ser destacadas ao sondar o engajamento dos jovens, como quais seus interesses e em quais movimentos e atividades se envolvem, o que o jovem compreende por participação política, quais influências recebem e o que considera como importante em sua realidade.

Compreendemos que a dimensão política faz parte da constituição subjetiva do jovem, portanto, por meio do survey aplicado, indagamos sobre as atuações e percepções dos ingressantes sem religião da Unespar no que diz respeito ao campo político. Consideramos que os posicionamentos dos estudantes retratam um cenário significativo e sugerem caminhos interpretativos ao investigar a relação entre juventude e participação política. Os aspectos destacados referem-se à participação em atividades ou organizações políticas dos universitários, atuação em período eleitoral, concepção sobre a permeabilização entre os campos político e religioso, além de diálogo com demais estudos que contemplam tal discussão. É razoável conjecturar, ainda, se o modo particular do jovem sem religião se relacionar com a esfera religiosa possui alguma influência ou se interfere nas compreensões e posicionamentos políticos.

Tendo em vista indagar sobre os engajamentos político-sociais do jovem sem religião, cabe trazer à tona as considerações que se referem à expressão participação. Olga Nirenberg (2010) considera o conceito de participação como simbólico e polissêmico, pois pode despertar distintos significados em consonância com a conjuntura histórico-social, política, cultural e econômica. De modo geral, a pesquisadora assinala que participar é estar envolvido, tomar parte dos processos, das decisões e das atividades em determinado contexto.

Para Bordenave, a participação é inerente ao ser social, que exprime sua necessidade de realizar, envolver-se e concretizar ações e assim afirma-se a si mesmo. Destaca, também, sobre os processos de micro e macro participação. Nesse sentido, as pessoas participam em níveis micro como nas famílias e grupos de amizade ou vizinhança, já a participação em nível macrossocial refere-se a intervenções em sentido amplo, nas dinâmicas que constituem ou modificam a sociedade como nas lutas sociais, econômicas e políticas (BORDENAVE, 1994).

Paulo Carrano especifica que a concepção de participação pode assumir uma conotação forte ou fraca. A participação forte é caracterizada pelo engajamento e envolvimento militante que produz efeitos nos processos decisórios capazes de intervir nas instituições e grupos. Já o sentido fraco da participação condiz às formas reduzidas de envolvimento, como um participacionismo pedagógico, presente no âmbito “da escola, das mídias, dos mercados e em muitos espaços públicos concebidos por governos para a ‘participação juvenil’” (CARRANO, 2012, p. 87), e que, no entanto, raramente se efetivam em realizações concretas ou atuação mais direta sobre o aspecto institucional.

As diferentes perspectivas sobre o que é considerado enquanto atuação social e política reiteram que o conceito e o sentido de participação não podem ser considerados plácidos, pois acarretam ambiguidades e simbolismos. É possível intuir, ainda, sobre o jogo de disputas entre os atores sociais que buscam a representatividade nos campos de poder, pois nem sempre se garante o envolvimento e a eficácia participativa do todo, assim qualificou-se “os instruídos, os emancipados civil e economicamente, os detentores do poder – homens brancos e adultos –, deixando-se de fora os ‘desqualificados’ para participar dos processos decisórios” (CARRANO, 2012, p. 87). Deste contexto, parece significativo refletir sobre as condições das dinâmicas participativas dos jovens e indagar quais as vias que buscam para o envolvimento político e as formas de se reconhecerem como parte do processo.

Castro e Vasconcelos (2007) chamam-nos a atenção para o fato de que a ideia de participação está associada ao exercício democrático que deve possibilitar diferentes intervenções na conjuntura social. Ressaltam que a constituição de um capital político pode propiciar atuações em âmbito coletivo, e reforçar o sentido de pertencimento e cidadania de indivíduos e grupos. Nesse sentido, Baquero compreende que a cultura política de uma sociedade resulta de diretrizes cognitivas e valorativas. No caso brasileiro, o pesquisador assinala sobre uma cultura política fragmentada, individualista e com pouco capital social, de modo que o sistema democrático torna-se instável, já que há falta de confiança no Estado e suas instituições. Desse modo, ainda que aponte mudanças positivas nas atitudes e comportamentos dos brasileiros em relação à política, a incredulidade nas instituições pode favorecer a “institucionalização de atitudes de indiferença, apatia e

distanciamento da arena política, e na crença de que não há nada que se possa fazer para mudar o atual estado de coisas” (BAQUERO, 2001, p. 98).

A conjuntura histórico-social e os valores construídos cotidianamente fazem parte da dinâmica de como as pessoas se relacionam com o aparelho político e democrático. Os posicionamentos adotados podem ser de afastamento e desconfiança, ou ainda de busca de novas vias de envolvimento, a partir da reinvenção de práticas e produção de conhecimento político, pois “surgem hoje novas possibilidades de luta pela transformação do presente, que põem em curso demandas de transformação social a partir de rupturas de ‘baixo para cima”” (CASTRO, 2008, p. 254).

Entre as distintas formas de atividade participativa coletiva, podemos destacar as recentes manifestações de rua no Brasil, e que desencadearam novas intervenções na cena pública. O movimento de protestos conhecido como “jornadas de junho” marcaram o ano de 2013 e expressaram novas maneiras de atuação e engajamento. Os eventos adquiriram intensa visibilidade e aspectos expressivos como a presença marcante da juventude, sem a intervenção das organizações político-partidárias e o uso das redes sociais como forma de mobilização, possibilitando descontinuidades e questionamentos nos formatos tradicionais de participação política (MOREIRA; SANTIAGO, 2013). Beatriz Pedreira (2015) considera que o fenômeno das manifestações de junho possibilitou desmistificar a ação no espaço público, principalmente pelos jovens, incentivados pela apropriação do papel político, o fortalecimento da consciência cidadã e, sobretudo, pelo sentimento de fazer parte.

Dentre as recentes participações políticas juvenis, também podemos apontar as manifestações dos estudantes secundaristas de São Paulo, ocorridas no final do ano de 2015, manifestando-se contra o fechamento de instituições educacionais. Após os protestos e a ocupação de mais de cem escolas, a Secretaria da Educação do Estado revogou a reorganização que pretendia segmentar as unidades de ensino em grupos, conforme a idade e o ano escolar<sup>63</sup>.

Os movimentos de atuações políticas apresentados são relevantes para a melhor compreensão dos elementos problematizados nesta pesquisa, e fazem parte

---

<sup>63</sup> Demais informações podem ser visualizadas em: <http://www.apeoesp.org.br/noticias/manifestacoes-contra-a-bagunca-da-s-e-posicionamento-publico-contra-a-reorganizacao-escolar/> e, bem como em: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/governo-de-sao-paulo-revoga-decreto-da-reorganizacao-escolar>. Acesso em: 29 jan. 2016.

do contexto do desenvolvimento do estudo. O trabalho de campo realizado no segundo semestre de 2014 também foi marcado pelos eventos da Copa do Mundo, ocorrida no Brasil, e ainda pelas eleições nacional e estaduais. O cenário exposto abarca a efervescência da discussão sobre a participação política juvenil.

Averiguamos, portanto, as formas de atuação política dos ingressantes sem religião da Unespar, sendo relevante indagar quais as representações de atividades político-sociais que podem motivar a participação do jovem. Apresentamos no survey aplicado 16 tipos de organização ou movimento político e social, no intuito de compreender se o universitário sem religião participa ou já participou de alguma das atividades indicadas. As principais participações assinaladas são o envolvimento em campanhas solidárias (57%), em movimento estudantil (53%), visitas a instituições caritativas (45%), e, ainda, a participação em grupos vinculados a Igrejas (40%). O Quadro 8, a seguir, expõe o quantitativo e a porcentagem indicada pelos 150 ingressantes sem religião da Unespar, no que diz respeito à participação nas atividades, organização ou movimento político.

Quadro 8: Participação política dos jovens sem religião ingressantes da Unespar.

| <b>Atividade, organização ou movimento social</b>            | <b>Sim</b> | <b>Não</b> |
|--|------------|------------|
| Campanhas solidárias (alimentos, agasalhos, etc.)            | 86 (57%)   | 64 (43%)   |
| Estudantil   | 79 (53%)   | 71 (47%)   |
| Visitas a instituições caritativas (asilos, orfanatos, etc.) | 68 (45%)   | 82 (55%)   |
| Grupos vinculados a Igrejas                                  | 60 (40%)   | 90 (60%)   |
| Mobilizações e ações organizadas via internet                | 58 (39%)   | 92 (61%)   |
| Manifestações pela ética na política                         | 43 (29%)   | 107 (71%)  |
| Fóruns de debate via rede social                             | 38 (25%)   | 112 (75%)  |
| Manifestações pela paz                                       | 33 (22%)   | 117 (78%)  |
| Ecológico/Ambientalista                                      | 32 (21%)   | 118 (79%)  |
| Greves por melhores condições de trabalho e por salário      | 27 (18%)   | 123 (82%)  |
| Voluntário em ONGs   | 26 (17%)   | 124 (83%)  |
| Associação de bairros  | 16 (11%)   | 134 (89%)  |
| Gênero (defesa da mulher, LGBT, etc.)                        | 15 (10%)   | 135 (90%)  |
| Étnico (movimento negro, indígena, etc.)                     | 14 (9%)    | 136 (91%)  |
| Sindicatos   | 9 (6%)     | 141 (94%)  |
| Partidos políticos   | 7 (5%)     | 143 (95%)  |

Fonte: Dados da pesquisa.

No que tange às iniciativas de base solidária, Lúcia Rabello de Castro especifica que essa atividade juvenil não é caracterizada a partir do assistencialismo ou da caridade. O trabalho solidário está relacionado ao contexto histórico-social do país, em que as desigualdades e injustiças presentes na sociedade brasileira motivam o jovem a agir e buscar melhorias nas comunidades locais. Continua Castro: “este engajamento é potencialmente político, porque existe nele uma situação estrutural de injustiça” (CASTRO, 2015, p. 18). No entanto, essa mobilização visa mudanças diretas e pontuais fundamentadas na cotidianidade dos indivíduos, nem sempre correlacionadas a ações que almejam transformações estruturais na sociedade (CASTRO et al., 2010).

A participação solidária torna-se, ainda, um meio de pertencimento e desperta valores afetivos, que favorecem a sociabilidade dos jovens em grupos e movimentos atuantes em contextos específicos. Deste modo, surge o questionamento se tal composição de atuação juvenil vai além do convívio grupal e da ação imediata e “pode se reverter como experiência relevante para a inovação efetiva das formas de participação política e democrática” (CASTRO et al., 2010, p. 44-45). As compreensões dos jovens que se envolvem em atividades do trabalho social diferenciam-se entre os que identificam o sentido político nas ações que realizam, ainda que marginais às práticas jurídico-institucionais, e entre a recusa categórica do caráter político, considerado complicado e distante do seu campo de atuação, associado à imagem negativa de corrupção e manipulação (CASTRO, 2008; CASTRO et al., 2010).

Sobre a conotação política de atuações voluntárias e assistenciais, é interessante trazer à tona alguns dados da pesquisa realizada com universitários do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que Pedro Simões (2007) compara a participação assistencial e político-cívica entre os alunos, a partir dos seus pertencimentos religiosos. O pesquisador constatou que, no engajamento voluntário-assistencial, os grupos religiosos (católicos, evangélicos e espíritas) possuem maior participação que os sem religião. Sugere, entretanto, que a ação voluntária desenvolvida pelos alunos sem religião pode contemplar um “espírito cívico-político” diferenciado das atividades desenvolvidas a partir do cunho religioso. Observou, ainda, que os estudantes sem religião são os que mais participam das atividades políticas (movimentos sociais, associação de moradores e partidos

políticos), sendo 22%, enquanto que entre os alunos religiosos, somente 10% têm alguma participação política.

No Quadro 8, verificamos também a aproximação dos jovens sem religião da Unespar com movimentos e organizações estudantis (53%). Cabe salientar que pesquisamos alunos do primeiro ano, ou seja, recém ingressados no ambiente universitário, portanto tal envolvimento deve estar atrelado às participações provenientes de quando estudantes do Ensino Médio/Fundamental. De todo modo, compreendemos ser expressiva e significativa a atuação dos jovens investigados em atividades estudantis. Portanto, os campos de atuação militante ainda acontecem e se fazem presentes na vivência juvenil, compete significar como são praticados atualmente e como se reinventam e coabitam com as formas associativas menos institucionalizadas (CARRANO, 2012).

Ainda no Quadro 8, acima, destaca-se também que 40% dos universitários sem religião da Unespar assinalaram que participam ou já participaram de grupos vinculados à Igreja. Podemos considerar que a aproximação com tais grupos pode corroborar com experiências religiosas anteriores dos ingressantes e, além disso, compreendemos que determinados engajamentos sociais perpassam por instituições de cunho religioso e que os grupos de Igreja podem incentivar distintas mobilizações juvenis.

Em consonância a esse contexto, trazemos à tona os dados da pesquisa nacional realizada pela Fundação Perseu Abramo, com jovens de 15 a 24 anos, em que se verificou que a maior participação entre os entrevistados seria justamente nos grupos religiosos, sendo que 17% 'faz parte' e 19% 'já fez' e os demais apontam 'não faz parte, mas gostaria' (26%) e 'nunca fez parte e não gostaria' (39%) (ABRAMO; BRANCO, 2008). Portanto, é possível indicar, assim como Sofiati (2008, p. 4), que "a religião se consolidou como uma das principais formas de organização grupal da juventude nos tempos atuais".

Outras maneiras de envolvimento social dos estudantes sem religião da Unespar são representadas por mobilizações e ações organizadas via internet (39%), fóruns de debate via rede social (25%), além de manifestações pela ética na política (29%) e pela paz (22%), em que se destacam os valores por uma sociedade mais justa e segura e menos corrupta. Podemos considerar que posicionamentos de caráter político podem ser construídos e realizados em ambientes diferenciados como no ciberespaço, de modo que o conceito de participação política torna-se

multifacetado e adquire uma nova possibilidade, capaz de promover a circulação de ideias que oportuniza mobilizações (CASTRO; VASCONCELOS, 2007).

Nesse sentido, Marques (2006), ao tematizar os debates políticos na internet, entende que a gama de possibilidades proporcionada pelo sistema de comunicação digital tornou-se plural e dinâmica, e pode oportunizar diferentes atividades da política, como as modalidades de ativismo e a comunicação entre governo e cidadão. Entretanto, nos fóruns digitais, também são comuns ofensas ou exclusões de usuários dos debates, portanto, possibilitar a interlocução nem sempre resulta em participação produtiva e também não garante que o resultado da discussão consiga atingir as esferas representativas.

Entre as distintas formas de ação juvenil, encontram-se ainda as temáticas de cunho ambiental, que, de acordo com Paulo Krischke, é representada por uma emergente cultura política do ecologismo, que visa à promoção de melhorias com perspectivas para as gerações futuras e demanda “uma visão universalista e coletivista centrada na solidariedade e cooperação humana” (KRISCHKE, 2006, p 162). Outros engajamentos dos universitários sem religião como voluntário em ONGs (17%), e atuação em movimentos de gênero (10%) e étnico (9%) alcançaram níveis percentuais menores em relação às demais atividades, devendo-se mencionar que, ainda que tais causas e bandeiras contra o racismo, a homofobia, direitos humanos e da mulher sejam amplamente exibidas e discutidas nas redes sociais e mídia, não implica a filiação em organizações que atuam com tais bandeiras. Todavia, podemos compreender que as percepções políticas dos jovens circulam e combinam-se entre os vários espaços que não se contrapõem necessariamente (CASTRO, 2007).

As opções menos assinaladas pelos jovens pesquisados indicam que participam ou já participaram de sindicatos (6%) e de partidos políticos (5%). É razoável considerar que a maioria dos universitários sem religião recusa a participação institucionalizada atrelada ao Estado e elege formas participativas distantes daquelas tradicionais, como da política partidária e do sindicalismo. De modo similar, ressaltamos os dados da pesquisa nacional, em que 84% dos jovens sinalizam que ‘nunca fez parte e não gostaria’ de atuar em partidos políticos, somente 1% indicou que ‘faz parte’ de partidos políticos, 3% ‘já fez parte’ e 12% ‘não faz parte, mas gostaria’ (ABRAMO; BRANCO, 2008). De todo modo, ainda que seja possível apontar sobre posicionamentos juvenis críticos em relação à participação

política institucional, não podemos desconsiderar que “o campo de organizações das juventudes é complexo e amplo e que os jovens continuam de forma renovada participando inclusive de partidos e sindicatos” (CASTRO; VASCONCELOS, 2007, p. 103).

A partir das discussões apresentadas, é possível apreender que as participações político-sociais dos jovens podem ser múltiplas e as formas de engajamento podem apontar para variadas direções, conforme os mecanismos culturais e sociais e as influências que recebem e significam como relevantes em sua realidade. Dessa forma, indagamos o universitário sem religião se a sua opção de religião/crença promove ou incentiva a participação em atividades ligadas às organizações ou movimento social, por meio de questionamento de resposta múltipla. Verificamos que 75% dos jovens sem religião afirmaram que não são incentivados pela sua crença/religião para participar de engajamentos sociais<sup>64</sup>. Entretanto, o que pretendemos destacar são as declarações localizadas na opção de resposta aberta, que vão ao encontro dos valores identitários de autonomia e reflexividade social valorizados pelos ingressantes, conforme já apontamos ao longo da pesquisa.

Visualizamos afirmações de jovens sem religião que expressam a atuação social a partir de práticas da consciência individual, “como não tenho religião específica eu me auto incentivo”, ainda, “pela liberdade de escolha” e “reflexão pessoal”. As seguintes compreensões declaradas no survey aplicado também refletem representações político-sociais que independem de participação institucional religiosa.

A consciência de equilíbrio e justiça que creio me motiva a participar de movimentos que pratiquem e proliferem minhas crenças em uma justiça divina (Renato, 28 anos, câmpus Campo Mourão).

---

<sup>64</sup> O questionamento “De que forma a religião/crença promove e/ou incentiva a participação em atividades ligadas às organizações ou movimento social?” possibilitou as seguintes opções de respostas: ‘Não promove e/ou incentiva minha participação’; ‘Por meio da utilização das redes sociais/internet’; ‘Porque os membros mais antigos estimulam e valorizam a participação dos jovens’; ‘Através de orientação presente nas pregações e ações da sua religião’; ‘Por meio do estímulo dos líderes religiosos (padre, pastor, mestre, guru, guia, etc.)’; ‘Por meio dos trabalhos sociopolíticos que sua Igreja desenvolve’; ‘Pelo estímulo por meio dos programas religiosos na TV e/ou rádio’; ‘Através da parceria entre sua Igreja e o poder público’; ‘Por causa das diversas pastorais ou grupos na Igreja’, e, ainda, o campo aberto ‘Outro. Qual?’.

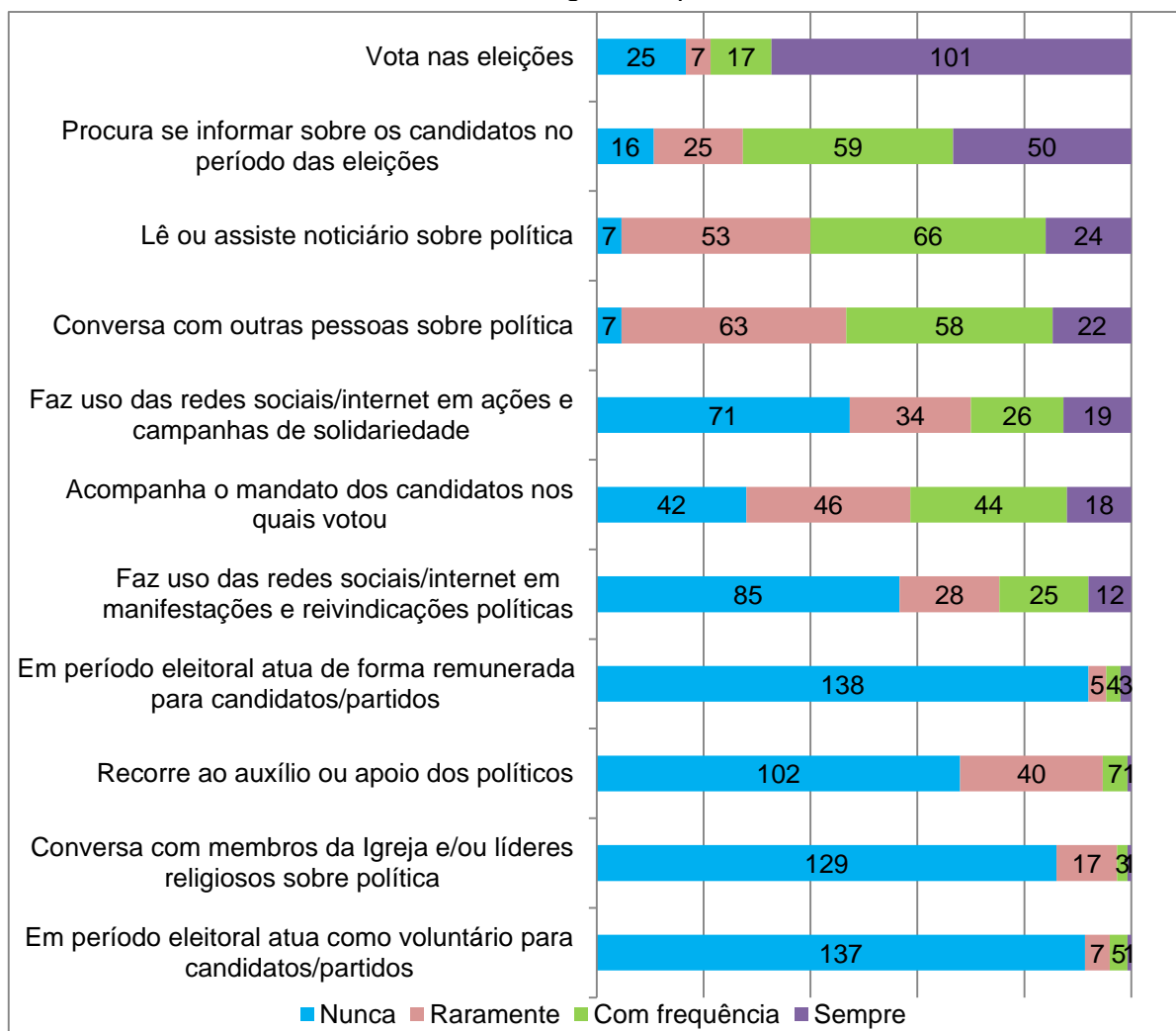


Eu posso optar pelo que defendo ou não, e lutar por isso de forma que julgue útil e/ou correta (Gabriela, 19 anos, câmpus União da Vitória).

Por querer, independentemente de religião, o bem de todos (Miriam, 17 anos, câmpus Campo Mourão).

Tendo em vista os posicionamentos dos estudantes, cabe refletir sobre as ações políticas dos jovens sem religião da Unespar no espaço público/político. Questionamos sobre a frequência que o universitário realiza ou participa de atividades relacionadas à vivência política e atuação em período eleitoral. O Gráfico a seguir apresenta tais dados:

Gráfico 12: Quantitativo dos jovens sem religião ingressantes da Unespar que realizam atividades ligadas à política.



Fonte: Dados da pesquisa.

No que corresponde ao exercício do voto no processo eleitoral, destacamos que 101 ingressantes sem religião da Unespar (ou 67%) indicaram que 'sempre' votam nas eleições, sendo o quantitativo que se sobressai nessa categoria e que certamente está ligado à obrigatoriedade do voto. Os universitários assinalaram, também, que votam 'com frequência' (11%), o que remete a um cenário político nacional em que o direito/dever do voto é praticado no período eleitoral. Em contrapartida, há 25 jovens (17%) que declararam que 'nunca' participam dessa forma no momento da eleição, conjecturando sobre uma recusa ou rejeição de participação na atividade eleitoral, a opção 'raramente' foi assinalada por 5% dos investigados. Para Boaventura de Sousa Santos (1997), o exercício que configura o princípio da cidadania civil e política tem sido realizado pelo voto. Entretanto, a participação política por meio do direito de votar pode ocultar temas relevantes, como a questão da representação democrática, em que o pesquisador aponta para uma distância e mesmo uma opacidade entre representante – político eleito no processo jurídico-estatal – e representado – o eleitor que participa do momento das eleições.

Ainda, tratando do período eleitoral, indagamos se os estudantes sem religião se informam sobre os candidatos a cargos eletivos nas eleições. Constatamos que os universitários 'sempre' (33%) ou 'com frequência' (39%) procuram averiguar sobre os candidatos que concorrem ao pleito eleitoral, podendo indicar que os jovens buscam investigar qual seria a melhor opção para direcionar seu voto. Entretanto, o momento pós-eleição torna-se mais distante entre o eleitor e o representante eleito, pois verificamos que os ingressantes sem religião 'nunca' (28%) ou 'raramente' (31%) acompanham o mandato dos candidatos nos quais votaram, embora a opção 'com frequência' foi assinalada por 29% dos jovens, e a categoria 'sempre' foi selecionada por 12% dos estudantes pesquisados.

No que tange ao envolvimento e atuação em campanhas e organizações partidárias, destacamos que os ingressantes sem religião declaram que 'nunca' atuaram de forma remunerada (92%) ou de modo voluntário (91%) junto a candidatos e partidos políticos em período eleitoral. Os altos índices sobre tal posicionamento, de não atuar nas eleições a partir de atividades para partidos e/ou candidatos, podem demonstrar uma recusa dos jovens sem religião da Unespar à vinculação e envolvimento com tais organizações, além de sentimentos de desconfiança e ceticismo sobre o processo de campanhas políticas. Ainda, 68% dos

estudantes afirmam que 'nunca' recorreram ao auxílio ou apoio dos políticos, ou 'raramente' (27%) solicitam intervenções desses representantes eleitos. Sobre tais temáticas, verificamos também que, na pesquisa nacional que trata do Perfil da Juventude Brasileira, 84% dos investigados 'nunca' trabalham como voluntário para algum candidato ou partido e 11% atua dessa forma 'de vez em quando', destacou-se também que 88% dos jovens 'nunca' fazem pedidos para políticos ou funcionários públicos (ABRAMO; BRANCO, 2008).

No intuito de refletir sobre a aproximação dos estudantes sem religião da Unespar com o campo político, suas referências e meios de se informar, questionamos sobre a frequência que leem ou assistem noticiário sobre política e, também, se conversam com outras pessoas sobre questões relacionadas ao campo da política. Compreendemos que tais práticas podem gerar ponderações, entendimentos, opiniões favoráveis ou críticas e atitudes reflexivas da população juvenil. Sobre a atividade de ler ou assistir noticiário sobre política, constatamos que 44% dos universitários sem religião se informam 'com frequência' sobre a esfera pública e política por intermédio dos meios de comunicação, as demais opções como 'raramente' foram assinaladas por 35%, 'sempre' por 16%, e 5% 'nunca' se informam deste modo. Em sentido comparativo, observamos que, na pesquisa realizada com jovens brasileiros, os entrevistados assinalaram que 'de vez em quando' (51%) leem ou assistem noticiário sobre política, a opção 'sempre' foi indicada por 14% dos jovens e, por fim, 35% 'nunca' realiza tal atividade (ABRAMO; BRANCO, 2008).

No que diz respeito a conversar com outras pessoas sobre política, 42% dos jovens sem religião da Unespar apontam que 'raramente' interagem com outras pessoas sobre essa temática, de todo modo destacamos que 39% realizam essa atividade 'com frequência' e ainda as opções 'sempre' (14%) e 'nunca' (5%). É possível compreender que essas atividades possibilitam a construção de uma cultura política em que se adquirem conhecimentos e reflexões sobre o sistema público-político, que podem possibilitar tanto a transmissão de valores, quanto a legitimação e o funcionamento das instituições políticas de determinada sociedade (BAQUERO, 2001). Visualizamos, ainda, o baixo índice percentual dos jovens sem religião que conversam sobre política com representantes religiosos. A maioria dos universitários sem religião 'nunca' (86%) conversou com membros da Igreja e/ou líderes religiosos sobre política e, ainda, 11% dos estudantes afirmaram que

‘raramente’, 2% ‘com frequência’ e somente 1% ‘sempre’ empreendem diálogos sobre política com membros ou dirigentes religiosos.

Destacamos, novamente, os modos de engajamento político juvenil através dos meios digitais, quando questionamos os universitários sem religião se realizam ações e campanhas de solidariedade e manifestações e reivindicações políticas por meio das redes sociais/internet. Verificamos que 47% ‘nunca’ e 23% ‘raramente’ atuam em campanhas solidárias por intermédio da internet. Em contrapartida, 17% dos jovens agem dessa forma ‘com frequência’ e 13% ‘sempre’. Sobre a atuação de manifestar e reivindicar politicamente por meio das redes sociais e internet, é possível apontar que, em sua maioria, os estudantes pesquisados ‘nunca’ (57%) ou ‘raramente’ (18%) se engajam dessa maneira. Os jovens sem religião que utilizam o mundo virtual para reivindicações políticas ‘com frequência’ são 17% e 8% dos estudantes assinalaram a categoria ‘sempre’.

Compreendemos que a internet possibilita um engajamento político diferenciado, tendo em vista as possibilidades que os meios digitais proporcionam como a flexibilidade, contatos sociais, rapidez em troca de informações, conexão com diferentes sujeitos em tempo real. Reiteramos que no Quadro 8, apresentado anteriormente<sup>65</sup>, 39% dos estudantes sem religião assinalaram que participam ou já participaram de mobilizações e ações organizadas via internet e 25% de fóruns de debate via rede social.

Cotejamos alguns aspectos que tratam do campo político e religioso entre os 1.313 jovens ingressantes da Unespar e os 150 ingressantes pesquisados sem religião (Quadro 3)<sup>66</sup>, e visualizamos diferentes perspectivas nos modos de interpretar e compreender a permeabilização entre as dinâmicas político-religiosas, que desperta distintas visões e representações. Dessa forma, apresentamos algumas expressões para que os universitários avaliassem sobre o nível de concordância com as afirmações. As médias ponderadas de cada frase são apresentadas no Gráfico 13 a seguir<sup>67</sup>:

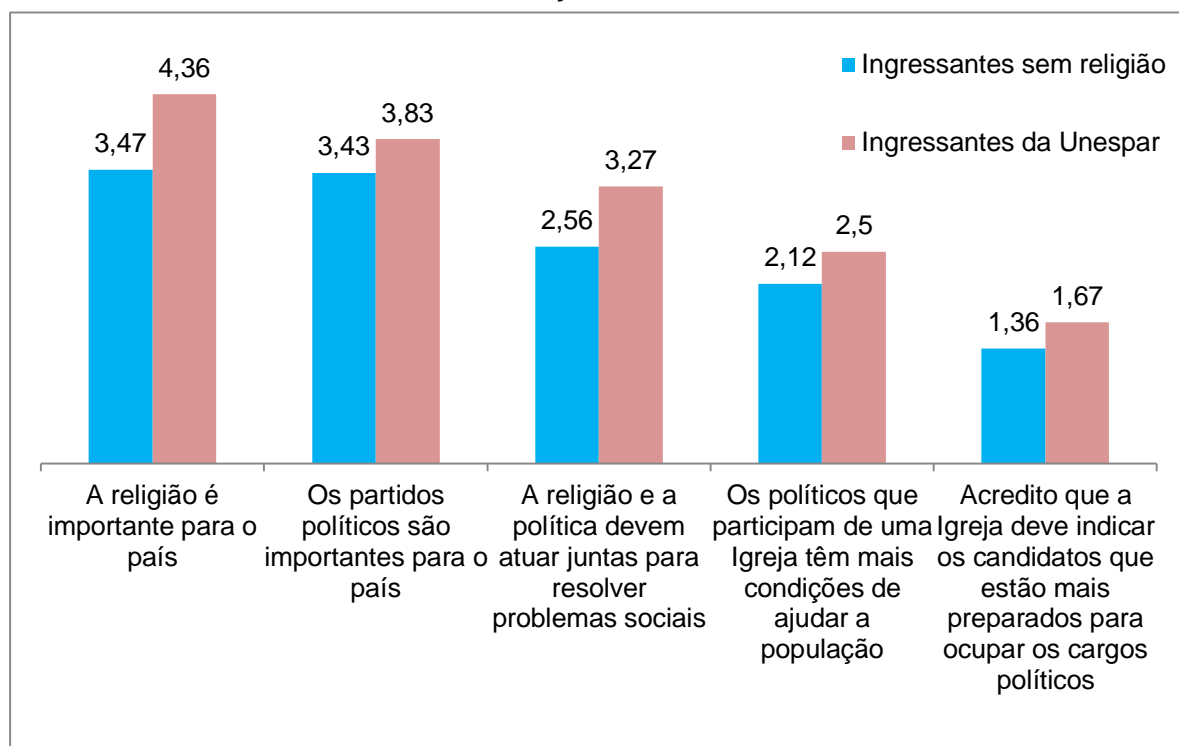
---

<sup>65</sup> O Quadro 8 apresenta a participação política dos jovens sem religião ingressantes da Unespar e encontra-se na página 100.

<sup>66</sup> O Quadro 3 demonstra a distribuição dos jovens ingressantes e dos jovens ingressantes sem religião em cada câmpus da Unespar, conforme é possível visualizar na página 59 do presente trabalho.

<sup>67</sup> Em cada frase apresentada, o universitário poderia selecionar entre seis opções de concordância: do número 1 – discordo totalmente –, ao número 6 – concordo totalmente –, sendo que nesta escala de avaliação, calculamos uma média ponderada com base no peso atribuído a cada opção de resposta.

Gráfico 13: Comparativo entre o total de jovens ingressantes e os jovens ingressantes sem religião da Unespar quanto às compreensões político-religiosas, considerando escala de avaliação de 1 a 6.



Fonte: Dados da pesquisa.

É possível observar que as compreensões entre os grupos comparados de universitários se distinguem em diferentes níveis. De todo modo, ressaltamos que, em todas as afirmações apresentadas, os 150 jovens sem religião concordaram em menor parte que a amostra geral dos 1.313 jovens ingressantes da Unespar, no que tange às temáticas da importância dos campos religioso e político, e também sobre a imbricação de tais esferas.

Verificamos, então, que na frase “a religião é importante para o país”, há maior concordância entre os universitários da amostra geral que entre os jovens sem religião. Aqui podemos interpretar que o elevado índice de importância referido à religião (4,36) também se deve ao fato de que a maior parte dos ingressantes da Unespar é composta por jovens religiosos, conforme Quadro 2, já apresentado<sup>68</sup>. Os partidos políticos também são considerados mais relevantes para o país dentre os ingressantes da amostra geral que entre os universitários sem religião.

Contudo, quando visualizamos a média que representa a importância dos campos religioso e político atribuída pelos jovens sem religião, percebemos que

<sup>68</sup> O Quadro 2 apresenta a distribuição dos jovens ingressantes da Unespar por religião/crença, visualizado na página 58 do presente estudo.

esses estudantes consideram a religião (3,47) mais importante que os partidos políticos (3,43), embora ligeiramente abaixo. Assim, podemos destacar que, mesmo para os jovens que declaram acreditar em Deus, mas não participar de religião, a dimensão religiosa é considerada mais importante para o país que as organizações partidárias, o que pode demonstrar, mais uma vez, pouca afinidade com as instituições políticas.

Ainda no que diz respeito à atribuição de importância para a religião e a política, trazemos à tona os resultados da pesquisa de campo realizada na região metropolitana de Porto Alegre (RS) no ano de 2007, que procurou saber a forma como 384 entrevistados percebem as relações político-religiosas. Ari Pedro Oro (2008) aponta que somente um quarto dos identificados como sem religião responderam que a religião é importante<sup>69</sup>. Em relação à política, 73,9% dos pesquisados sem religião atribuíram maior importância ao âmbito político, porcentagem que ficou acima da média geral de 69%. Portanto, para os sujeitos sem religião entrevistados na pesquisa que abrange o Rio Grande do Sul, a dimensão política é compreendida como mais significativa que o aspecto religioso. De modo distinto, conforme destacado, os jovens sem religião, ingressantes da Unespar, demonstram que a religião é mais importante para o país que os partidos políticos.

O estudo desenvolvido por Oro indagou, também, sobre a aproximação entre os campos religioso e político para a realização de mudanças sociais, em que se verificou que a maioria dos informantes (57,8%) defende a relação entre política e religião tendo em vista o benefício coletivo. Entretanto, a partir da variável sobre a identificação religiosa, o pesquisador aponta que somente 34,8% dos entrevistados sem religião, portanto abaixo da média geral, privilegia a atuação de ambas as instâncias para a contribuição social. O enunciado “a religião e a política não podem ser misturados” gerou concordâncias nos pesquisados na ordem de 38,5% totalmente favorável e 16,1% parcialmente, porém o grupo que mais se posicionou contrário à “mistura” das esferas política e religiosa foi dos sem religião, com 73,9% (ORO, 2008).

Tendo em vista tais indicativos, e no intuito de perceber como os jovens ingressantes da Unespar compreendem a relação entre religião e política,

---

<sup>69</sup> A pesquisa realizada por Ari Pedro Oro (2008), indagou os entrevistados da seguinte forma: “Indique quão importante é para você a Religião/Política”, com possibilidades de respostas entre: muito importante; importante; pouco importante; nada importante.

destacamos algumas frases que despertaram distintas representações dos universitários investigados sobre os contornos e alcances de tais campos dinâmicos. Indagamos se “a religião e a política devem atuar juntas para resolver problemas sociais”, e apreendemos que os estudantes da amostra maior, quando comparados aos ingressantes sem religião, interpretam a atuação político-religiosa como benéfica, tratando-se de ação coletiva que visa o bem-comum social. Portanto, os ingressantes sem religião demonstram menos concordância sobre a atividade conjunta dos campos político e religioso para a resolução de problemas sociais.

As expressões “os políticos que participam de uma Igreja têm mais condições de ajudar a população”, e “acredito que a Igreja deve indicar os candidatos que estão mais preparados para ocupar os cargos políticos” alcançaram baixos níveis de concordância entre ambos os grupos da amostragem, em que podemos especular que tanto os universitários em geral como os jovens que não participam de religião, hesitam sobre a relação entre candidatos políticos e a instituição Igreja, demonstrando posicionamentos de suspeita e incerteza.

Todavia, cabe ressaltar que, ao comparar as duas frases supracitadas, visualizamos que a compreensão de que os representantes políticos religiosos podem auxiliar mais a população, obteve maior aceitação dos universitários sem religião que a outra afirmação apresentada. Conjecturamos que essa posição mais positiva e favorável pode estar ligada à ideia da filantropia e ação humanitária que comumente se associa aos espaços religiosos. Em contrapartida, é possível visualizar que o entendimento dos jovens da Unespar sobre a intervenção das Igrejas no período eleitoral, ao lançar candidaturas oficiais ou indicar candidatos políticos, é de desaprovação. Para complementar esse sentido, destacamos que a frase em questão: “acredito que a Igreja deve indicar os candidatos que estão mais preparados para ocupar os cargos políticos” obteve 81% de rejeição dos ingressantes sem religião investigados<sup>70</sup>.

Ainda sobre tal contexto, apresentamos a seguinte declaração da ingressante sem religião participante da pesquisa na Unespar: “Gostaria de acrescentar que não envolvo política com religião, pois no país em que vivemos a política é suja, corrupta

---

<sup>70</sup> Para cada enunciado apresentado, solicitamos que o universitário indicasse sua opinião por meio de níveis de avaliação. Na frase: “Acredito que a Igreja deve indicar os candidatos que estão mais preparados para ocupar os cargos políticos”, 122 jovens sem religião (ou 81%) assinalaram no nível 1 que significa “discordo totalmente”, e 3 universitários sem religião (1%) optaram pelo nível 6 que significa “concordo totalmente”. As opções dos níveis 2 a 5 compreendem opiniões intermediárias.

e enganosa, e não misturo Deus com essas coisas” (Brena, 21 anos, câmpus Apucarana)<sup>71</sup>. A consideração exposta pela universitária demonstra um posicionamento de tentativa de separar e/ou de não misturar as instâncias da religião e da política. Tal movimento de demarcação de fronteiras entre as esferas sociais pode estar relacionado a uma compreensão dos jovens sem religião de que a política seria uma dimensão de permanente suspeita, atrelada a atos imorais e corruptos, enquanto a religião seria condizente a um estado de intimidade, e portanto não deveria ser envolvida em processos eleitorais e nas pelepas e dinâmicas políticas.

Compreendemos, entretanto que o entendimento sobre a aproximação ou afastamento entre os campos político e religioso pode ser diferenciado de acordo com a identificação religiosa, afinal, para Negrão, ainda que a sociedade brasileira seja considerada como uma nação secularizada, essa noção torna-se relativa, pois a maioria dos brasileiros continua compreendendo a religião como um fator ativo no contexto social e nas mentes das pessoas (NEGRÃO, 2005).

Os indicativos apresentados suscitam reflexões sobre os posicionamentos dos jovens sem religião ingressantes da Unespar, no que diz respeito à permeabilização das dimensões política e religiosa. Podemos especular que as compreensões dos universitários demonstram ceticismo e fragilidade sobre as formas tradicionais de instituições, evidenciado pelo distanciamento da política partidária e das ressalvas direcionadas às religiões, tendo em vista a atuação em movimentos mais dinâmicos, fluídos, individuais e autônomos com a construção de uma religiosidade própria e engajamentos sociais sem a vinculação institucional.

---

<sup>71</sup> A declaração da universitária sem religião encontra-se na última questão do survey desenvolvido pela pesquisa: “Há alguma questão que não foi abordada que você gostaria de comentar/acrescentar?”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar as dinâmicas atreladas à compreensão dos indivíduos sem religião é tarefa complexa e desafiadora, tendo em vista as diversas considerações que a categoria de acreditar em Deus, mas não participar de religião, pode suscitar. Desse modo, a pesquisa desenvolvida contempla o desafio de identificar e problematizar as representações político-religiosas dos jovens sem religião, ingressantes em 2014 da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

A partir do desenvolvimento da pesquisa de campo, definimos nosso objeto de estudo e corpo do trabalho, delimitando a análise aos 150 jovens universitários declarados como sem religião. Destacamos que, como toda investigação, os resultados apresentados e discutidos ao longo da pesquisa referem-se à ‘fotografia’ captada no momento da produção dos dados, que envolvem o momento histórico e a subjetividade e interpretação dos jovens. As respostas e posicionamentos dos ingressantes sem religião, declarados por meio do survey aplicado, fornecem indícios valiosos, motivam diversas reflexões e hipóteses, e tornam-se significativos enquanto amostras da população juvenil universitária, identificada como sem religião.

Para abranger a dinamicidade das representações juvenis, no que tangem às compreensões de religião e política, nossa proposta de estudo privilegiou o contexto contemporâneo para conjecturar sobre as ressignificações dos espaços públicos e privados e a permeabilização dos campos político e religioso. Além das esferas público-sociais, entendemos que os aspectos da modernidade também reconfiguram a autoidentidade dos sujeitos alterando os vínculos interpessoais e a cotidianidade das juventudes heterogêneas. Nesse sentido, os jovens dotados de reflexividade moderna selecionam e reinterpretem as dimensões sociais, como a questão religiosa que pode ser evidenciada como uma escolha individual e não mais como tradição atribuída e mediada por autoridades.

No intuito de compreender a multifacetada conjuntura contemporânea, utilizamo-nos dos paradigmas da interdisciplinaridade e da complexidade como recursos significativos para apreender os fenômenos cotidianos na situação sociohistórica em que se desenvolvem. A perspectiva interdisciplinar auxilia ainda na compreensão dos objetos de estudo associados nesta pesquisa, sendo a relação

entre juventudes, religião e política. A partir da base epistemológica, destacamos o percurso investigativo trilhado na pesquisa, por meio da caracterização do cenário educacional e da realidade multicampi da Unespar, que promove particularidades distintas nos conjuntos universitários que ingressam na instituição recém-constituída. Assim, identificamos e discutimos o perfil dos jovens acadêmicos sem religião no intuito de perceber as especificidades da vivência familiar, socioeconômica e educacional dos universitários.

Os aspectos que tangem a caracterização dos universitários sem religião possibilitam compreender as dinâmicas relativas ao flexível cenário contemporâneo de construção de religiosidades difusas. Destacamos que os jovens identificados como sem religião são compostos por diferentes sujeitos, em que se sobressai à crença em Deus e a aproximação com diversos elementos do universo simbólico-religioso. Ressaltamos, entretanto, que não é nossa intenção determinar e limitar quais as tipologias existentes na categoria sem religião, pois não há como engessar sentidos e aspectos identitários entre características pré-determinadas. Entendemos que, assim como há *juventudes*, complexas, difusas e múltiplas, assim os são os sujeitos que se compreendem como sem religião. De todo modo, é possível identificar diferentes compreensões entre os universitários sem religião, que ao mesmo tempo figuram-se como entrelaçadas, pois as identidades sociais são ambíguas e em permanente construção.

Dessa forma, visualizamos que o caminho experiencial religioso dos jovens sem religião da Unespar é permeado por diversas rotas e percepções, entre os que passaram por experiências religiosas, desligados ou afastados das instituições de origem, ou ainda, por indivíduos que nunca se identificaram com as religiões, recusando a vinculação às doutrinas e líderes eclesiásticos. Entre os jovens pesquisados, há os que assimilam os princípios fundamentais das religiões, considerando-os enquanto fonte de um capital sagrado significativo. Identificamos, ainda, posturas de recusa do vínculo institucional religioso, a partir de críticas negativas, em que a Igreja torna-se contestável e não necessariamente imprescindível para realizar a mediação com o transcendente. Cabe destacar que as concepções são pautadas na autonomia, na liberdade de decidir qual caminho faz mais sentido na construção de sua identidade. Portanto, a condição de sem religião pode representar uma perspectiva em trânsito, uma situação temporária e não necessariamente definitiva.

A perspectiva identitária dos ingressantes sem religião evidencia uma ruptura com as instituições. De tal forma, destacamos a compreensão política dos jovens pesquisados, que também é identificada com o afastamento das organizações tradicionais e a valorização da consciência individual para o engajamento político. Os posicionamentos de participação político-social dos universitários sem religião são percebidos como atuações menos institucionalizadas, e conjecturamos, ainda, sobre as percepções críticas no que trata da aproximação entre a instituição religiosa e política.

Os indicativos visualizados permitem compreender em uma perspectiva interdisciplinar os aspectos subjetivos da religião e da política que atuam na pluralidade de identidades e vivências dos jovens sem religião ingressantes da Unespar. Ressaltamos também que a pesquisa realizada possibilita levantar hipóteses e refletir sobre o contexto contemporâneo de construções juvenis reflexivas, além de contribuir para a discussão que trata da fluida e multifacetada categoria dos sem religião que possui expressividade crescente no perfil demográfico brasileiro. Por fim, destacamos que o trabalho interpretativo desenvolvido serve como subsídio para futuras pesquisas e aprofundamento dos diversos aspectos que a temática suscita.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. **Cadernos Adenauer**, Rio de Janeiro, ano 16, n. 1, p. 13-26, jul. 2015.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. Trânsito Religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-101, jul./set. 2001.

ALVARENGA, Augusta Thereza de et al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (orgs.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2011, p. 3-68.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Tradução: José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAQUERO, Marcello. Cultura política participativa e desconsolidação democrática: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.15, n. 4, p. 98-104, out./dez. 2001.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASCH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1995.

BERGER, Peter Ludwig. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p. 9-24, 2000.

\_\_\_\_\_. Las religiones en la era de la globalización. **Iglesia Viva**, Valencia, n. 218, p. 69-778, abr./jun. 2004.

BOGHOSSIAN, Cynthia Ozon; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.18, n.3, p.411-423, 2009.

BORDENAVE, Juan. E. Diaz. **O que é participação?** 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e

cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/decreto/d5773.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5773.htm). Acesso em: 29 jan. 2016.

BRENNER, Ana Karina. Experiência militante e repercussões em outras esferas da vida: jovens engajados em partidos políticos. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, p. 79-93, jan./jun. 2014.

BURITY, Joanildo A. Religião e Espaço Público: entrevista com Joanildo Burity. **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 16, v. 2, n. 28, p. 127-147, jul./dez. 2015. Entrevista concedida a Lara Grigoletto Bonini e Thaís Serafim.

\_\_\_\_\_. Religião, política e cultura. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 83-113, nov. 2008.

\_\_\_\_\_. Organizações religiosas e ações sociais: Entre as políticas públicas e a sociedade civil. **Revista ANTHROPOLOGICAS**, Recife, ano 11, v. 18, p. 7-48, 2007.

BURITY, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores (orgs.). **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. Espiritualidades não-religiosas: desafios conceituais. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 658-687, jul./set. 2014.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A experiência religiosa da juventude brasileira contemporânea: esboço atualizado de um estado da arte. In: FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI Jorge Atilio Silva (orgs.). **O tempo real dos jovens: juventude como experiência acumulada**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p. 134-160.

\_\_\_\_\_. Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários das Ciências Sociais de Juiz de Fora – MG. **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 37-64, ago. 2001.

CARMO, Erinaldo Ferreira et al. Políticas públicas de democratização do acesso ao ensino superior e estrutura básica de formação no ensino médio regular. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 95, n. 240, p. 304-327, maio/ago. 2014.

CARRANO, Paulo. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 27, p. 83-100, 2012.

\_\_\_\_\_. Jovens em três tempos: mobilizações no Brasil ontem e hoje. **ComCiência**, SBPC/LabJor, n. 167, abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPOSITO, Marília (coord.). **O estado da arte sobre juventude na Pós-Graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009, v. 1, p. 179-228.

CASANOVA, José. Reconsiderar la Secularización: una perspectiva comparada mundial. **Revista Académica de Relaciones Internacionales**, Madrid, n. 7, p. 1-20, fev. 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Graciela. Jóvenes contemporáneos. La historia y la subjetividad. **Revista Argentina de Estudios de Juventud**, La Plata, v. 1, n. 7, p. 1-23, 2013.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Entre a subordinação e a opressão: os jovens e as vicissitudes da resistência na escola. In: MAYORGA, Claudia; CASTRO, Lúcia Rabello de; PRADO, Marco Aurélio Maximo (orgs.). **Juventude e a experiência da política no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2012, p. 63-97.

\_\_\_\_\_. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre juventude brasileira e engajamento político-social: Lúcia Rabello de Castro. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 7, n. 12, p. 11-19, jan./jun. 2015. Entrevista concedida a Thaís Serafim e Lara Grigoletto Bonini.

CASTRO, Lúcia Rabello de; PÉREZ, Beatriz Corsino; SEIXAS, Conceição Firmina. Os jovens no trabalho solidário: novos rumos da participação política? **Juventude.br**, Centro de Estudos e Memória da Juventude, v. 5, p. 42-47, 2010.

CASTRO, Mary Garcia. Juventudes e participação no Brasil: re-acessando debates. **Cadernos Adenauer**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 2, p. 85-109, 2007.

CASTRO, Mary Garcia; VASCONCELOS, Augusto. Juventudes e Participação Política na Contemporaneidade: explorando dados e questionando interpretações. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2007, p. 79-116.

CHAUI, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003.

CIPRIANI, Roberto. A religião no espaço público. In: ORO, Ari Pedro et al (org.). **A religião no espaço público: atores e objetos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012, p. 15-27.

CORBUCCI, Paulo Roberto. Evolução do acesso de jovens à Educação Superior no Brasil. **Texto para discussão**, Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 51-66.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

\_\_\_\_\_. O rap e o funk na socialização da juventude. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DIÉGUEZ, Carla Regina Mota Alonso. Lugar de jovem é na universidade! Políticas públicas de educação e a ampliação do acesso ao ensino superior brasileiro. **Cadernos Adenauer**, Rio de Janeiro, ano 16, n. 1, p. 45-64, jul. 2015.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

EISENSTADT, Shmuel Noah. Modernidades múltiplas. **Sociologia Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 35, p. 139-163, abr. 2001.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. **VI Congresso Português de Sociologia**. Associação Portuguesa de Sociologia – Lisboa, 2008.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Expressões políticas e crenças religiosas em jovens sem religião. In: PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; HAHN, Fábio; MEZZOMO, Frank Antonio (orgs.). **Instituições e Sociabilidades: religião, política e juventudes**. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013, p. 9-30.

\_\_\_\_\_. Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais da Baixada Fluminense: algumas proposições a partir de um survey. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 96-125, 2011.

\_\_\_\_\_. **Novas formas de crer: católicos, evangélicos e sem-religião nas cidades**. São Paulo: CERIS-Promocat, 2009.

\_\_\_\_\_. Sem religião e identidades religiosas: notas para uma tipologia. **Interseções**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 1, p. 31-46, jun. 2008.

FERREIRA, Lúcia da Costa. A Importância da Interdisciplinaridade para a Sociedade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; TUCCI, Carlos E. Morelli; HOGAN, Daniel Joseph; NAVEGANTES, Raul (orgs.). **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000, p. 197-208.

FINK, Arlene. **The Survey Handbook**. Second Edition. Thousand Oaks: Sage, 2002.

FLORIANI, Dimas. Marcos conceituais para o desenvolvimento da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; TUCCI, Carlos E. Morelli; HOGAN, Daniel Joseph; NAVEGANTES, Raul (orgs.). **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000, p. 95-108.

FREITAS, Henrique et al. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 105-112, jul./set. 2000.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. **Símbolos religiosos em controvérsias**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

GUERRIERO, Silas. Objetividade e subjetividade no estudo das religiões: desafios do trabalho de campo. **PLURA**, Associação Brasileira de História das Religiões, v. 1, n. 1, p. 54-65, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **La Religión, Hilo de Memoria**. Herder: Barcelona, 2005.

\_\_\_\_\_. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBASE/PÓLIS. **Juventudes Sul-americanas: diálogos para construção da democracia regional**. Relatório nacional, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1980/2010**. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/23250>. Acesso em: 29 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/default\\_caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm). Acesso em: 29 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

JACOB, Cesar Romero; HEES, Dora Rodrigues, WANIEZ, Philippe. **Religião e território no Brasil: 1991/2010**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; TEÓFILO, Debora Nascimento. Elementos religiosos do universitário. **Rever**, São Paulo, ano 13, n. 2, p. 149-168, jul./dez. 2013.

KRISCHKE, Paulo. Ecologia, juventude e cultura política. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 160-166, 2006.

LAVALLE, Adrián Gurza; CASTELLO, Graziela. As Benesses deste Mundo: associativismo religioso e inclusão socioeconômica. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 68, p. 73-93, mar. 2004.



LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de Interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 73, p. 1-23, ago. 2005.

MANCEBO, Deise. Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n.1, p. 1-9, mar. 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario (org.). **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. 3ª ed. Buenos Aires: Biblios, 2008, p. 1-13.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Laicidade à brasileira. Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, maio/ago. 2011.

\_\_\_\_\_. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MARIZ, Cecília Loreto. O que precisamos saber sobre o Censo para poder falar sobre seus resultados? Um desafio para novos projetos de pesquisa. **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 39-58, jul./dez. 2013.

MARIZ, Cecilia Loreto; MACHADO, Maria das Dores Campos. Mudanças Recentes no campo religioso brasileiro. **Antropolítica**, Niterói, n. 5, p. 21-43, 1998.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 164-187, 2006.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Memória de jovens: diálogos intergeracionais na cultura do charme**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal Fluminense, 2010.

MARTINS, Heloisa Helena de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago., 2004.

MARCIAL, Rogelio; AGUILERA, Oscar. Jovens nas ruas: manifestações no México, Chile e Brasil. **Desidades**, Rio de Janeiro, n. 1, ano 1, p. 28-44, dez. 2013. Entrevista concedida a Cláudia Mayorga.

MAYORGA, Cláudia. Pesquisar a juventude e sua relação com a política – Notas metodológicas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 18, n. 2, p. 343-350, abr./jun. 2013.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina (orgs.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007, p. 29-45. (Coleção Educação para Todos).

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; BONINI, Lara de Fátima Grigoletto. Religião e política nas eleições ao legislativo municipal de Campo Mourão, Paraná. **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 15, n. 25, p. 271-289, jan./jun. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 9-30.

MIRANDA, Júlia. O candidato da igreja: do que nos fala a sua presença na política brasileira. In: LEMENHE, Maria Auxiliadora e CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly (orgs.). **Política, cultura e processos eleitorais**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2006, p. 149-170.

MOREIRA, Orlandil de Lima; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. Vem prá rua: os protestos de junho. In: SOUSA, Cidoval Moraes de; SOUZA, Arão de Azevêdo (orgs.). **Jornadas de Junho: repercussões e leituras**. Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 13-21.

MORIN, Edgar. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996, p. 274-286.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011b.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem “rótulos”. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 151-166, maio/dez. 1997. Especial: juventude e contemporaneidade.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem “jardim encantado”, nem “clube dos intelectuais desencantados”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 59, p. 23-37, out. 2005.

\_\_\_\_\_. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008.

NIRENBERG, Olga. Participación en proyectos y desarrollo integral de adolescentes y jóvenes. **Cuadernos de CEADEL**, Buenos Aires, n. 47, p. 1-27, 2010.

NOVAES, Regina. Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: BIRMAN, Patricia (org.). **Religião e Espaço Público**. São Paulo: Attar, 2003, p. 25-39.

\_\_\_\_\_. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 175-190.

\_\_\_\_\_. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (org.). **Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 181-207.

\_\_\_\_\_. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 184-208, 2012.

\_\_\_\_\_. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. **Anais 30º Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu, 2006.

\_\_\_\_\_. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espíritos de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, maio/ago. 2008.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1230-1254, out./dez. 2012.

ORO, Ari Pedro. A laicidade no Brasil e no Ocidente. Algumas considerações. **Civitas**, Porto Alegre, vol. 11, n. 2, p. 221-237, maio/ago. 2011.

\_\_\_\_\_. Religião, laicidade e cidadania. In: \_\_\_\_\_ (org.). **A Latinidade da América Latina: enfoques sócio-antropológicos**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 211-239.

ORO, Ari Pedro; CARVALHO JUNIOR, Erico Tavares de. Eleições gerais de 2014: religião e política no Rio Grande do Sul. **Debates do Ner**, Porto Alegre, v. 1, n. 27, p. 145-171, jan./jun. 2015.

ORTIZ, Renato. Anotações Sobre Religião e Globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 59-74, out. 2001.

\_\_\_\_\_. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PANASIEWICZ, Roberlei. Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião. **Revista Pistis Praxis**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 587-611, jul./dez. 2013.

PEDREIRA, Beatriz. Sonhos da juventude brasileira: a política além do voto. **Cadernos Adenauer**, Rio de Janeiro, ano 16, n. 1, p. 101-120, jul. 2015.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina (orgs.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007, p. 13-27. (Coleção Educação para Todos).

PIERUCCI, Antonio Flávio. De olho na modernidade religiosa. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 9-16, nov. 2008.

\_\_\_\_\_. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do censo 2010. **Anuac**, Cagliari, v. 1, n. 2, p. 87-96, nov. 2012.

\_\_\_\_\_. Reencantamento e dessecularização a propósito do auto-engano em sociologia da religião. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 49, p. 99-117, nov. 1997.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/>. Acesso em: 29 jan. 2015.

RANQUETAT JÚNIOR, Cesar Alberto. Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 15, n. 30, p. 59-72, 2008.

RAYNAUT, Claude. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: PHILIPPI, Arlindo Jr; NETO, Antônio J. Silva. **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**, Tamboré: Manole, 2011, p. 69-105.

\_\_\_\_\_. Os desafios contemporâneos da produção do conhecimento: o apelo para interdisciplinaridade. In: GAUTHIER, Fernando Ostuni et al (orgs.). **Interdisciplinaridade: teoria e prática**, Florianópolis: UFSC/EGC, 2014, p. 169-189.

REISDORFER, Thiago. Uma universidade, várias trajetórias: (des)caminhos para o ensino superior. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, jan./jun. 2014.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários**. São Paulo: Loyola: Olho d'água, 2009.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Juventude Sem Religião: uma crise do pertencimento institucional no Brasil. **Teoria e Sociedade**, Belo Horizonte, n. 18, p. 66-93, jan./jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Liberdade de afirmar-se sem religião: reflexo de transformações no Brasil contemporâneo. **PLURA**, Associação Brasileira de História das Religiões, v. 2, n. 1, p. 49-64, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os “sem religião” e a crise do pertencimento institucional no Brasil: o caso fluminense**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1130-1153, out./dez. 2012.

RODRIGUES, Maria Lucia. Metodologia Multidimensional em Ciências Humanas: um ensaio a partir do pensamento de Edgar Morin. In: RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (orgs.). **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2006, p. 13-32.

RUMSTAIN, Ariana; ALMEIDA, Ronaldo. Os católicos no trânsito religioso. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 31-56.

SALVA, Sueli; STECANELA, Nilda. Diálogos Sobre Participação: o que dizem os jovens da região metropolitana de Porto Alegre Brasil. **Última Década**, Santiago, n. 25, p. 163-183, dez. 2006.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 1997.

\_\_\_\_\_. Desencanto e Formas Contemporâneas do Religioso. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 27-43, out. 2001a.

\_\_\_\_\_. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religiosos brasileiro. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001b, p. 9-58.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. **Educação, Sociedade & Culturas**, Universidade do Porto, Portugal, n. 23, p. 137-202, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SCOTT, Russell Parry; CANTARELLI, Jonhny. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 17, n. 42, p. 375-388, set./dez. 2004.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional Sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros**. Brasília, novembro de 2013. Disponível em: [www.participatorio.juventude.gov.br](http://www.participatorio.juventude.gov.br). Acesso em: 29 jan. 2016.

SIMMEL, Georg. O nível social e o nível individual (Exemplo de sociologia geral). In: \_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 39-58.

SIMÕES, Pedro. Religião e política entre alunos de Serviço Social (UFRJ). **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 175-192, 2007.

SIQUEIRA, Deis. O Labirinto Religioso Ocidental. Da Religião à Espiritualidade. Do Institucional ao Não Convencional. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 425-462, maio/ago. 2008.

SOFIATI, Flávio Munhoz. A juventude no Brasil: história e organização. **Passages de Paris**, Revue Scientifique de l'Association des Chercheurs et Etudiants Brésiliens en France, n.3, p. 1-14, 2008.

\_\_\_\_\_. Perspectivas da laicidade no Brasil contemporâneo. **Contemporânea**, São Carlos, v. 5, n. 2, p.327-350, jul./dez. 2015.

SOUSA, Cidoval Morais de; SOUZA, Arão de Azevêdo (orgs.). **Jornadas de Junho: repercussões e leituras**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

STEIL, Carlos Alberto. Eleições, voto e instituição religiosa. **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 2, n. 3, p. 73-85, set. 2001.

STEIL, Carlos Alberto; ALVES, Daniel; HERRERA, Sonia Reyes. Religião e política entre os alunos de Ciências Sociais: a definição de um perfil. **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p. 9-35, ago. 2001.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. A crise do conceito de religião e sua incidência sobre a antropologia. **Ciencias Sociales y Religión**, 2012. Disponível em: <http://www.acsrn.org/articulo/134/toniol-rodrigo-steil-carlos--a-crise-do-conceito-de-religiao-e-sua-incidencia-sobre-a-antropologia>. Acesso em: 29 jan. 2016.

TADVALD, Marcelo. A reinvenção do conservadorismo: os evangélicos e as eleições federais de 2014. **Debates do Ner**, Porto Alegre, v. 1, n. 27, p. 259-288, jan./jun. 2015.

TAVARES, Fátima Regina; CAMURÇA, Gomes Marcelo Ayres. "Juventudes" e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Numem**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 11-46, 2004.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Por entre planos, fios e tempos: a pesquisa em Sociologia da Educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011, p. 80-104.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In:\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 122-134.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006.

## APÊNDICE 1

### Questionário aplicado aos jovens ingressantes da Unespar

Indique sua resposta:

- a) Estou ciente dos objetivos e concordo em participar da pesquisa
- b) Não concordo em participar da pesquisa

1. Câmpus:

2. Curso:

3. Ano de ingresso:

- a) 2014
- b) Outro

4. Turno:

- a) Matutino
- b) Vespertino
- c) Noturno
- d) Integral

5. Município onde você morava antes de ingressar no Ensino Superior:

6. Município onde mora atualmente:

7. O que motivou sua escolha pelo curso? Aqui você pode dar respostas múltiplas.

- a) Família
- b) Amigos
- c) Interesse pessoal
- d) Interesse por problemas sociais
- e) Interesses políticos
- f) Mercado de trabalho
- g) Influência de professores
- h) Segunda opção no vestibular
- i) Outro (especifique)

8. Você já ingressou em outro curso de Ensino Superior?

- a) Não ingressei
- b) Sim, mas desisti/tranquei o curso sem concluir
- c) Sim e estou cursando concomitantemente
- d) Sim e já concluí a Graduação

9. Qual o ano do seu nascimento?

10. Sexo:

- a) Masculino
- b) Feminino

11. Cor/ Etnia:

- a) Branca
- b) Negra

- c) Parda
- d) Amarela
- e) Indígena
- f) Outro (especifique)

12. Estado civil:

- a) Solteiro(a)
- b) Casado(a) apenas no religioso
- c) Casado(a) apenas no civil
- d) Casado(a) no civil e no religioso
- e) Separado(a)
- f) Divorciado(a)
- g) União estável/mora junto
- h) Viúvo(a)

13. Você cursou o Ensino Fundamental, em sua maioria, em escola:

- a) Pública
- b) Particular laica
- c) Particular religiosa

14. Você cursou o Ensino Médio, em sua maioria, em escola:

- a) Pública
- b) Particular laica
- c) Particular religiosa

15. Em que ano você concluiu o Ensino Médio?

16. Após o ingresso neste curso de Graduação na Unespar, você:

- a) Continuou morando na casa de seus pais ou familiares
- b) Passou a morar em república ou com amigos(as)
- c) Passou a morar em pensionato
- d) Passou a morar sozinho(a)
- e) Continuou morando sozinho(a) ou com esposa(o)

**ATENÇÃO:** Para as questões 19 a 22, deve ser considerada a resposta dada à questão 18, isto é, a sua atual condição de moradia.

17. Quem sustenta financeiramente a sua casa? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- a) Eu
- b) Pai
- c) Mãe
- d) Irmão/Irmã
- e) Meu/Minha companheiro/a
- f) Padrasto/Madrasta
- g) Outro. Quem?

18. Quantas pessoas moram na sua casa, contando com você?

19. Quem mora na sua casa? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- a) Moro sozinho(a)
- b) Pai
- c) Mãe
- d) Padrasto/Madrasta
- e) Irmão(s)



- f) Avô/Avó
- g) Tios
- h) Pais adotivos
- i) Filho(s)
- j) Companheiro(a)
- k) Outro. Quem?

20. Qual é a renda total das pessoas que moram na sua casa (considerar todos os valores recebidos, como: salário, aposentadoria, pensão, trabalho formal e informal, etc.)?

- a) Até R\$724,00
- b) Entre R\$724,01 e R\$1.448,00
- c) Entre R\$1.448,01 e R\$3.620,00
- d) Entre R\$3.620,01 e R\$7.240,00
- e) Entre R\$7.240,01 e R\$21.720,00
- f) Mais do que R\$21.720,01

21. Atualmente você (marque mais de uma resposta se for o caso):

- a) Não trabalha e não está procurando emprego
- b) Não trabalha e está procurando emprego
- c) Trabalha com carteira assinada
- d) Trabalha sem carteira assinada
- e) Trabalha por conta própria
- f) Recebe bolsa de projeto de ensino, pesquisa ou extensão (PIBIC, PIBID, Universidade Sem Fronteiras, etc.)
- g) Faz "bicos"
- h) Realiza trabalhos voluntários (sem pagamento/remuneração)
- i) Realiza estágio remunerado
- j) Realiza estágio sem remuneração
- k) Ajuda nas atividades de sua própria casa (sem pagamento/remuneração)
- l) Trabalha para outra pessoa, mas não ganha nada com isso

22. Qual a sua participação na vida econômica da família?

- a) Trabalho, mas recebo ajuda financeira da família ou de outras pessoas
- b) Trabalho, sou responsável pelo meu próprio sustento e/ou da minha família e não recebo ajuda financeira
- c) Trabalho, sou responsável pelo meu próprio sustento e contribuo parcialmente para o sustento da família ou de outras pessoas
- d) Não trabalho e meus gastos são sustentados pela família ou por outras pessoas

23. O grau de escolaridade de seu pai é:

- a) Não frequentou a escola
- b) Ensino Fundamental incompleto
- c) Ensino Fundamental completo
- d) Ensino Médio incompleto
- e) Ensino Médio completo
- f) Ensino Superior incompleto
- g) Ensino Superior completo
- h) Especialização incompleta (Pós Graduação Lato Sensu)
- i) Especialização completa (Pós Graduação Lato Sensu)
- j) Mestrado incompleto
- k) Mestrado completo
- l) Doutorado incompleto
- m) Doutorado completo
- n) Não sei

24. O grau de escolaridade de sua mãe é:

- a) Não frequentou a escola
- b) Ensino Fundamental incompleto
- c) Ensino Fundamental completo
- d) Ensino Médio incompleto
- e) Ensino Médio completo
- f) Ensino Superior incompleto
- g) Ensino Superior completo
- h) Especialização incompleta (Pós Graduação Lato Sensu)
- i) Especialização completa (Pós Graduação Lato Sensu)
- j) Mestrado incompleto
- k) Mestrado completo
- l) Doutorado incompleto
- m) Doutorado completo
- n) Não sei

25. Leia com calma as frases abaixo e selecione, para cada uma delas, a opção correspondente, considerando que:

- o número 1 significa “discordo totalmente” (ou “não ocorre comigo”);
- o número 6 significa “concordo totalmente” (ou “ocorre comigo”);
- os números 2 a 5 significam opiniões intermediárias.

|  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|--|---|---|---|---|---|---|
| Estou interessado(a) em me engajar numa causa social, humanitária ou política                              |   |   |   |   |   |   |
| Os políticos que participam de uma Igreja têm mais condições de ajudar a população                         |   |   |   |   |   |   |
| As redes sociais possibilitam o engajamento em causas humanitárias, políticas ou sociais                   |   |   |   |   |   |   |
| Acredito na vida após a morte  |   |   |   |   |   |   |
| Há critérios precisos para se saber o que é bem ou mal   |   |   |   |   |   |   |
| Apenas a minha religião/crença é a verdadeira  |   |   |   |   |   |   |
| A música me conduz a uma dimensão superior   |   |   |   |   |   |   |
| A religião e a política devem atuar juntas para resolver problemas sociais                                 |   |   |   |   |   |   |
| Para mim, a vida tem sentido   |   |   |   |   |   |   |
| Cabe principalmente a mim definir os rumos da minha vida   |   |   |   |   |   |   |
| Meu cotidiano está impregnado de gestos e objetos com significado sagrado                                  |   |   |   |   |   |   |
| Uma crença ou ritual são verdadeiros se produzem efeito positivo em minha vida                             |   |   |   |   |   |   |
| Sinto que um ser transcendente dá sentido à minha vida   |   |   |   |   |   |   |
| A atual concorrência entre as religiões por fiéis me faz questionar se alguma delas tem a verdade          |   |   |   |   |   |   |
| Preciso da ajuda de outras pessoas na definição dos rumos da minha vida                                    |   |   |   |   |   |   |
| Ter fé é mais importante que ter crenças e religiões   |   |   |   |   |   |   |
| Percebo Deus como um ser superior  |   |   |   |   |   |   |
| Gostaria de frequentar outras religiões  |   |   |   |   |   |   |
| Concordo com as orientações e posições de minha igreja em questões políticas                               |   |   |   |   |   |   |
| Acredito que a Igreja deve indicar os candidatos que estão mais preparados para ocupar os cargos políticos |   |   |   |   |   |   |
| As pessoas devem ter só uma religião/crença e seguir suas  |   |   |   |   |   |   |

|   |  |  |  |  |  |  |
|---|--|--|--|--|--|--|
| orientações   |  |  |  |  |  |  |
| Acredito em alguma forma de reencarnação ou vidas passadas        |  |  |  |  |  |  |
| Vejo Deus na natureza   |  |  |  |  |  |  |
| As boas ações são recompensadas após a morte                      |  |  |  |  |  |  |
| Minha fé me motiva a me engajar na transformação da sociedade     |  |  |  |  |  |  |
| Lutar pelo que acredito é de meus rituais                         |  |  |  |  |  |  |
| A maldade e a pobreza me fazem duvidar da existência de Deus      |  |  |  |  |  |  |
| Deus pode me dar tudo   |  |  |  |  |  |  |
| A vivência junto à religião contribuiu para minha formação humana |  |  |  |  |  |  |
| Os partidos políticos são importantes para o país                 |  |  |  |  |  |  |
| A religião é importante para o país                               |  |  |  |  |  |  |

26. Para você, qual a importância dos valores abaixo? Marque conforme as opções, sendo 1-Pouco e 4-Muito.

|  | 1 | 2 | 3 | 4 |
|--|---|---|---|---|
| Respeito às diferenças                                   |   |   |   |   |
| Igualdade de oportunidades                               |   |   |   |   |
| Temor a Deus   |   |   |   |   |
| Lazer e diversão   |   |   |   |   |
| Dedicação ao trabalho                                    |   |   |   |   |
| Respeito ao meio ambiente                                |   |   |   |   |
| Conhecimento   |   |   |   |   |
| Religiosidade  |   |   |   |   |
| Convivência social                                       |   |   |   |   |
| Liberdade individual                                     |   |   |   |   |
| Prazer sexual  |   |   |   |   |
| Autenticidade pessoal                                    |   |   |   |   |
| Respeito aos costumes e tradições de gerações anteriores |   |   |   |   |
| Obediência às autoridades                                |   |   |   |   |
| Liberdade política                                       |   |   |   |   |
| Auto realização  |   |   |   |   |

27. Selecione a opção que indica a importância que as seguintes afirmações têm pra você:

|   | Mínima | Pouca | Nem muita, nem pouca | Muita | Máxima |
|---|--------|-------|----------------------|-------|--------|
| Preservar e respeitar a vida humana                                 |        |       |                      |       |        |
| Garantir o direito de ter bens materiais sem que ninguém mexa neles |        |       |                      |       |        |
| Falar a verdade   |        |       |                      |       |        |
| Ter boas relações com familiares e amigos                           |        |       |                      |       |        |
| Amar e ter relacionamentos  |        |       |                      |       |        |
| Garantir que as pessoas vivam mais e melhor                         |        |       |                      |       |        |
| Cumprir as leis e regras da sociedade                               |        |       |                      |       |        |
| Manter a palavra e cumprir promessas e contratos                    |        |       |                      |       |        |
| Preservar e respeitar o patrimônio e os bens públicos               |        |       |                      |       |        |
| Lutar para que todos tenham seus direitos respeitados               |        |       |                      |       |        |
| Amar e servir a Deus ou às entidades                                |        |       |                      |       |        |

|                                   |  |  |  |  |  |
|-----------------------------------|--|--|--|--|--|
| sagradas                          |  |  |  |  |  |
| Agir conforme manda a consciência |  |  |  |  |  |
| Punir quem age de forma errada    |  |  |  |  |  |

28. Qual é a sua religião/crença?

- a) Afrobrasileira(candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
- b) Católica Apostólica Romana
- c) Espírita
- d) Igreja Assembléia de Deus
- e) Igreja Congregação Cristã do Brasil
- f) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
- g) Igreja Deus é Amor
- h) Igreja Evangelho Quadrangular
- i) Igreja Evangélica Adventista
- j) Igreja Evangélica Batista
- k) Igreja Evangélica Luterana
- l) Igreja Evangélica Metodista
- m) Igreja Evangélica Presbiteriana
- n) Igreja O Brasil para Cristo
- o) Igreja Universal do Reino de Deus
- p) Testemunha de Jeová
- q) Tradições Esotéricas
- r) Religião não determinada ou múltiplo pertencimento
- s) Acredito em Deus, mas não participo de religião
- t) Ateu, não acredito em Deus
- u) Outro. Qual?

29. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", responda: O que influenciou a sua escolha? Aqui você pode indicar mais de uma opção.

- a) Família
- b) Amigos
- c) Líderes religiosos (padre, pastor, mestre, guru, guia, etc.)
- d) Motivos pessoais
- e) Outro. Qual?

30. A religião/crença de seu pai é:

- a) Afrobrasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
- b) Católica Apostólica Romana
- c) Espírita
- d) Igreja Assembléia de Deus
- e) Igreja Congregação Cristã do Brasil
- f) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
- g) Igreja Deus é Amor
- h) Igreja Evangelho Quadrangular
- i) Igreja Evangélica Adventista
- j) Igreja Evangélica Batista
- k) Igreja Evangélica Luterana
- l) Igreja Evangélica Metodista
- m) Igreja Evangélica Presbiteriana
- n) Igreja O Brasil para Cristo
- o) Igreja Universal do Reino de Deus
- p) Testemunha de Jeová
- q) Tradições Esotéricas
- r) Religião não determinada ou múltiplo pertencimento
- s) Acredita em Deus, mas não participa de religião

- t) Ateu, não acredita em Deus
- u) Outro. Qual?

31. A religião/crença de sua mãe é:

- a) Afrobrasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
- b) Católica Apostólica Romana
- c) Espírita
- d) Igreja Assembléia de Deus
- e) Igreja Congregação Cristã do Brasil
- f) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
- g) Igreja Deus é Amor
- h) Igreja Evangelho Quadrangular
- i) Igreja Evangélica Adventista
- j) Igreja Evangélica Batista
- k) Igreja Evangélica Luterana
- l) Igreja Evangélica Metodista
- m) Igreja Evangélica Presbiteriana
- n) Igreja O Brasil para Cristo
- o) Igreja Universal do Reino de Deus
- p) Testemunha de Jeová
- q) Tradições Esotéricas
- r) Religião não determinada ou múltiplo pertencimento
- s) Acredita em Deus, mas não participa de religião
- t) Ateu, não acredita em Deus
- u) Outro. Qual?

32. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", responda: há quanto tempo você tem essa opção?

- a) Há menos de um ano
- b) Entre 1 e 4 anos
- c) Entre 4 e 7 anos
- d) Entre 7 e 10 anos
- e) Entre 10 e 17 anos
- f) Desde que nasci

33. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", responda: com que frequência você participa de encontros ou atividades vinculados a essa opção?

- a) Diariamente
- b) Semanalmente
- c) Mensalmente
- d) Anualmente
- e) Eventualmente (Raramente)
- f) Não participo

34. Paralelamente à sua opção de religião/crença ("[Q28]"), você frequenta outra religião/crença:

- a) Uma vez por semana ou mais
- b) Ao menos uma vez por mês
- c) Somente em ocasiões especiais
- d) Nunca

35. Quantas vezes você já mudou de religião/crença?

- a) Nunca
- b) Uma vez
- c) Duas vezes

- d) Três vezes
- e) Quatro vezes ou mais

36. Se você mudou de religião/crença, explique por quê.

37. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", indique os elementos a ela vinculados que você mais gosta. Marque até três respostas se for o caso.

- a) Música/louvor/cânticos
- b) Acolhimento
- c) Estudo/conhecimento religioso
- d) As curas e libertações
- e) As ações caritativas ou assistenciais
- f) Aconselhamentos
- g) O líder religioso (padre, pastor, mestre, guru, guia, etc.)
- h) A oração
- i) As pessoas/a comunidade
- j) Os passeios promovidos pela Igreja
- k) Os grupos de convivência
- l) Os amigos
- m) Outro (especifique)

38. Quem é Deus pra você? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- a) Uma energia cósmica
- b) Um pai que ama e se preocupa com cada homem/mulher
- c) Um ser poderoso que julga os pecados e virtudes humanas
- d) Um amigo de todas as horas
- e) A natureza
- f) Amor
- g) Deus é o sentido da justiça
- h) Deus é o sentido da solidariedade
- i) Nada/Não acredito
- j) Outro

39. Você acredita em:

|                             | Sim | Indiferente | Não |
|-----------------------------|-----|-------------|-----|
| Deus                        |     |             |     |
| Jesus Cristo                |     |             |     |
| Maria como mãe de Jesus     |     |             |     |
| Maria e sua virgindade      |     |             |     |
| Santos                      |     |             |     |
| Anjos                       |     |             |     |
| Espírito Santo              |     |             |     |
| Ensinamentos da Bíblia      |     |             |     |
| Energias/aura               |     |             |     |
| Demônios                    |     |             |     |
| Duendes/gnomos              |     |             |     |
| Entidades/orixás            |     |             |     |
| Imortalidade da alma        |     |             |     |
| Vidas passadas/reencarnação |     |             |     |
| Espíritos                   |     |             |     |
| Astrologia                  |     |             |     |
| Poder de pedras da sorte    |     |             |     |
| Poder do uso de cristais    |     |             |     |
| Igreja                      |     |             |     |

40. Você participa ou já participou de algum tipo de atividade, organização ou movimento social dos abaixo indicados?

|  | Sim | Não |
|--|-----|-----|
| Estudantil   |     |     |
| Associação de bairros  |     |     |
| Sindicatos   |     |     |
| Voluntário em ONGs   |     |     |
| Partidos políticos   |     |     |
| Grupos vinculados a Igrejas                                  |     |     |
| Ecológico/Ambientalista                                      |     |     |
| Étnico (movimento negro, indígena, etc.)                     |     |     |
| Gênero (defesa da mulher, LGBT, etc.)                        |     |     |
| Campanhas solidárias (alimentos, agasalhos, etc.)            |     |     |
| Visitas a instituições caritativas (asilos, orfanatos, etc.) |     |     |
| Greves por melhores condições de trabalho e por salário      |     |     |
| Manifestações pela paz                                       |     |     |
| Manifestações pela ética na política                         |     |     |
| Mobilizações e ações organizadas via internet                |     |     |
| Fóruns de debate via rede social                             |     |     |

41. De que forma a sua religião/crença ("[Q28]") promove e/ou incentiva sua participação em atividades ligadas às organizações ou movimento social? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- a) Por meio do estímulo dos líderes religiosos (padre, pastor, mestre, guru, guia, etc.)
- b) Por meio dos trabalhos sociopolíticos que sua Igreja desenvolve
- c) Através da parceria entre sua Igreja e o poder público
- d) Através de orientação presente nas pregações e ações de sua religião
- e) Pelo estímulo por meio dos programas religiosos na TV e/ou rádio
- f) Por causa das diversas pastorais ou grupos na Igreja
- g) Porque os membros mais antigos estimulam e valorizam a participação dos jovens
- h) Por meio da utilização das redes sociais/internet
- i) Não promove e/ou incentiva minha participação
- j) Outro. Qual?

42. A sua opção de religião/crença ("[Q28]") promove ou incentiva sua participação em alguma dessas atividades?

|  | Sim | Não |
|--|-----|-----|
| Estudantil   |     |     |
| Associação de bairros  |     |     |
| Sindicatos   |     |     |
| Voluntário em ONGs   |     |     |
| Partidos políticos   |     |     |
| Grupos vinculados a Igrejas                                  |     |     |
| Ecológico/Ambientalista                                      |     |     |
| Étnico (movimento negro, indígena, etc.)                     |     |     |
| Gênero (defesa da mulher, LGBT, etc.)                        |     |     |
| Campanhas solidárias (alimentos, agasalhos, etc.)            |     |     |
| Visitas a instituições caritativas (asilos, orfanatos, etc.) |     |     |
| Greves por melhores condições de trabalho e por salário      |     |     |
| Manifestações pela paz                                       |     |     |
| Manifestações pela ética na política                         |     |     |
| Mobilizações e ações organizadas via internet                |     |     |
| Fóruns de debate via rede social                             |     |     |

43. Considerando que sua religião/crença é "[Q28]", responda: de que forma ela participa do período das eleições e da vida política do município/país? Marque mais de uma resposta se for o caso.

- a) Por meio do estímulo dos líderes religiosos (padre, pastor, mestre, guru, guia, etc.)
- b) Por meio de momentos de formação, cursos, retiros, entre outros
- c) Por meio de publicações, postagens nas redes sociais e programas de TV e/ou rádio
- d) Nos grupos de jovens/grupos de oração
- e) Por meio da indicação de candidatos
- f) Minha religião/crença não participa do período das eleições e/ou da vida política do município/país
- g) Outros

44. Indique com que frequência você realiza as atividades abaixo:

|  | Nunca | Raramente | Com frequência | Sempre |
|--|-------|-----------|----------------|--------|
| Lê ou assiste noticiário sobre política  |       |           |                |        |
| Conversa com outras pessoas sobre política                                     |       |           |                |        |
| Recorre ao auxílio ou apoio dos políticos                                      |       |           |                |        |
| Vota nas eleições  |       |           |                |        |
| Procura se informar sobre os candidatos no período das eleições                |       |           |                |        |
| Conversa com membros da Igreja e/ou líderes religiosos sobre política          |       |           |                |        |
| Acompanha o mandato dos candidatos nos quais você votou                        |       |           |                |        |
| Em período eleitoral atua como voluntário para candidatos/partidos             |       |           |                |        |
| Em período eleitoral atua de forma remunerada para candidatos/partidos         |       |           |                |        |
| Faz uso das redes sociais/internet em manifestações e reivindicações políticas |       |           |                |        |
| Faz uso das redes sociais/internet em ações e campanhas de solidariedade       |       |           |                |        |

45. Dentre as opções abaixo, indique até três principais que você considera que tornariam o Brasil um país melhor para se viver.

- a) O equilíbrio das contas públicas
- b) Igualdade de oportunidades
- c) Promoção de melhorias na educação
- d) Promoção de melhorias na saúde
- e) Habitação para todos
- f) Combate efetivo à desigualdade social entre as regiões
- g) Diminuição dos índices de violência urbana
- h) Criação de mecanismos eficazes no combate à corrupção
- i) Preservação ambiental
- j) Crescimento econômico acompanhando o desenvolvimento humano
- k) Investimento em atividades culturais
- l) Mais programas de distribuição de renda como o Bolsa Família
- m) Mais programas de ações afirmativas como as cotas para ingresso no Ensino Superior
- n) Maior acesso ao consumo

46. Na sua opinião, quais são os principais problemas do país? Marque até três respostas se for o caso.



- a) Desemprego
- b) Violência
- c) Desigualdade social
- d) Má administração pública
- e) Fome/miséria
- f) Educação
- g) Saúde
- h) Ateísmo/falta de religião
- i) Não há problemas
- j) Outro (especifique)

47. Quais são as três melhores coisas em ser jovem?

- a) Não ter preocupações
- b) Não ter as responsabilidades dos adultos
- c) Aproveitar a vida com alegria
- d) Estudar/adquirir conhecimentos
- e) Ter liberdade
- f) As amizades
- g) Namorar sem compromisso
- h) Namorar com compromisso
- i) Ter um futuro pela frente
- j) Participar da religião com os amigos
- k) Curtir as noites
- l) Não tem nada de bom
- m) Não sei

48. Quais são as três piores coisas em ser jovem?

- a) O controle dos pais
- b) Não poder se sustentar sozinho
- c) A falta de oportunidades de trabalho
- d) A preocupação com o futuro
- e) A influência de más companhias
- f) A insegurança ou inexperiência diante da vida
- g) Impedimentos por ser menor de idade
- h) O apelo das drogas
- i) Falta de liberdade
- j) Não tem nada de ruim
- k) Não sei

59. Na sua opinião, quando a pessoa deixa de ser jovem? Marque até três respostas se for o caso.

- a) Quando adquire uma família/filhos
- b) Quando perde a alegria de viver
- c) Nunca se deixa de ser jovem
- d) Quando começa a trabalhar
- e) Quando tem mais de 24 anos
- f) Quando adquire independência financeira
- g) Quando enfrenta os problemas sozinho(a)
- h) Quando começa a ficar doente
- i) Quando sai da casa dos pais
- j) Não sei
- k) Outro (especifique)

60. Há alguma questão que não foi abordada que você gostaria de comentar/acrescentar?

## APÊNDICE 2

Distribuição dos jovens ingressantes sem religião por curso, em cada câmpus da Unespar.

| <b>Câmpus</b>             | <b>Curso</b>                          | <b>Jovens sem religião</b> |
|---------------------------|---------------------------------------|----------------------------|
| Apucarana                 | Administração                         | 6                          |
|                           | Ciência da Computação                 | 2                          |
|                           | Ciências Contábeis                    | 8                          |
|                           | Ciências Econômicas                   | 3                          |
|                           | Letras/Espanhol                       | 3                          |
|                           | Letras/Inglês                         | 1                          |
|                           | Letras/Português                      | 1                          |
|                           | Matemática                            | 1                          |
|                           | Pedagogia                             | -                          |
|                           | Secretariado Executivo Trilíngue      | 2                          |
|                           | Serviço Social                        | 2                          |
|                           | Turismo                               | 1                          |
| <b>Total Apucarana</b>    |                                       | <b>30</b>                  |
| Campo Mourão              | Administração                         | 3                          |
|                           | Ciências Contábeis                    | 4                          |
|                           | Ciências Econômicas                   | 1                          |
|                           | Engenharia de Produção Agroindustrial | 2                          |
|                           | Geografia                             | -                          |
|                           | História                              | 3                          |
|                           | Letras                                | 3                          |
|                           | Matemática                            | 2                          |
|                           | Pedagogia                             | 1                          |
|                           | Turismo e Meio Ambiente               | -                          |
| <b>Total Campo Mourão</b> |                                       | <b>19</b>                  |
| Curitiba I                | Artes Visuais                         | 2                          |
|                           | Canto                                 | 1                          |
|                           | Composição e Regência                 | -                          |
|                           | Escultura                             | -                          |
|                           | Gravura                               | -                          |
|                           | Instrumento                           | -                          |

|                          |                           |           |
|--------------------------|---------------------------|-----------|
|                          | Música                    | 1         |
|                          | Pintura                   | 2         |
| <b>Total Curitiba I</b>  |                           | <b>6</b>  |
| Curitiba II              | Artes Cênicas             | 1         |
|                          | Artes Visuais             | 2         |
|                          | Cinema e Vídeo            | 4         |
|                          | Dança                     | 3         |
|                          | Música                    | 1         |
|                          | Música Popular            | 6         |
|                          | Musicoterapia             | -         |
|                          | Teatro                    | 1         |
| <b>Total Curitiba II</b> |                           | <b>18</b> |
| Paranaguá                | Administração             | 5         |
|                          | Ciências Biológicas       | 2         |
|                          | Ciências Contábeis        | 3         |
|                          | História                  | 1         |
|                          | Letras/Português          | 5         |
|                          | Letras/Português – Inglês | -         |
|                          | Matemática                | -         |
|                          | Pedagogia                 | 4         |
| <b>Total Paranaguá</b>   |                           | <b>20</b> |
| Paranavaí                | Administração             | 7         |
|                          | Ciências Biológicas       | 3         |
|                          | Ciências Contábeis        | 6         |
|                          | Educação Física           | 1         |
|                          | Enfermagem                | 6         |
|                          | Geografia                 | 4         |
|                          | História                  | 1         |
|                          | Letras                    | 2         |
|                          | Matemática                | 1         |
|                          | Pedagogia                 | 3         |
|                          | Serviço Social            | 1         |
|                          | <b>Total Paranavaí</b>    |           |
| União da Vitória         | Biologia                  | 3         |
|                          | Filosofia                 | 4         |
|                          | Geografia                 | 2         |

|                        |                             |     |
|------------------------|-----------------------------|-----|
|                        | História                    | 2   |
|                        | Letras/Português – Espanhol | 2   |
|                        | Letras/Português – Inglês   | 1   |
|                        | Matemática                  | 4   |
|                        | Pedagogia                   | 3   |
|                        | Química                     | 1   |
| Total União da Vitória |                             | 22  |
| Total Câmpus           |                             | 150 |